



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PERCEPÇÕES E APRENDIZAGENS INFANTIS EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS DO TAIM:  
UM ESTUDO CONSTRUÍDO COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS**

**Autor: Fernanda dos Santos Formentin**

**Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Alves Martins Chaigar**

Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
Programa de Pós - Graduação em Educação - PPGEDU  
Fernanda dos Santos Formentin  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vânia Alves Martins Chaigar

PERCEPÇÕES E APRENDIZAGENS INFANTIS EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS DO  
TAIM: UM ESTUDO CONSTRUÍDO COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS

Rio Grande  
2016

**FERNANDA DOS SANTOS FORMENTIN**

**PERCEPÇÕES E APRENDIZAGENS INFANTIS EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS DO  
TAIM: UM ESTUDO CONSTRUÍDO COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS**

Relatório de pesquisa de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Linha de pesquisa:** Espaços e tempos educativos

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vânia Alves Martins Chaigar

**RIO GRANDE  
2016**

FERNANDA DOS SANTOS FORMENTIN

PERCEPÇÕES E APRENDIZAGENS INFANTIS EM RELAÇÃO AOS ANIMAIS DO  
TAIM: UM ESTUDO CONSTRUÍDO COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vânia Alves Martins Chaigar

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

---

**Membro:** Prof. Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

---

**Membro:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marita Martins Redin

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

---

**Membro:** Prof. Dr. Márcio Caetano

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo o caminho percorrido para realizar e concluir esta pesquisa, muitas foram as pessoas que me auxiliaram e contribuíram para a sua construção. Um permaneceu ao longo de toda a caminhada e outras passaram brevemente, mas deixaram sua contribuição. A gratidão que sinto é imensa, e busco com palavras expressar esse sentimento.

Primeiramente agradeço a DEUS e a meus guias espirituais, as energias protetoras e fortificantes que me enviam ao longo de toda minha vida, permitindo a minha existência e a possibilidade de realizar meus sonhos;

À minha orientadora, professora VÂNIA, pela acolhida, pelas conversas, orientações, puxões de orelha e por toda ternura com que me trata. Contigo, aprendi a ver os acontecimentos da vida, com mais carinho e cuidado. Muito Obrigada!

À minha IRMÃ, ALICE, pela guarda, por toda dedicação, carinho e amor dedicados a mim, por sempre estar ao meu lado e nunca me deixar desanimar, me incentivando sempre. Tu és minha estrela guia!

A meu esposo, JOÃO FRANCISCO, amor da minha vida, companheiro de todos as horas, por suportar as inúmeras vezes em que estive ausente e por me incentivar sempre a continuar a estudar e por apoiar minhas escolhas;

A meu cunhado, CLEBER, por me acolher em sua família e me auxiliar tanto;

A minha mãe, DALVA, por estar presente em minha vida;

A minha irmã, LURDES, que tão precocemente foi tirada de nosso convívio, mas sempre torceu por mim e por minhas conquistas;

A minha grande amiga, LÍGIA, por sua amizade na caminhada de pesquisa, formação e por ter semeado em mim a semente que me levou a continuar a estudar, chegando ao Mestrado o qual possibilitou a escrita desta dissertação. Amiga, obrigada pelo incentivo!;

A amiga, DIULHA, por ser muito mais que minha monitora de sala, por me auxiliar em muitos momentos nessa caminhada;

A escola FRANÇA PINTO, por me acolher tão bem e permitir a realização desta pesquisa em minha turma de regência;

A MARIA LUIZA, MARISA LOPES e BIOLANGE, por todo carinho e atenção que tiveram comigo e por me incentivarem a continuar;

Às CRIANÇAS que fizeram parte da turma de 1º B da Escola França Pinto, no ano de 2014, por serem minha inspiração para realizar estas escritas e reflexões, e com palavras poder escrever o que vivemos juntos; por se tornarem minha motivação para continuar. Obrigada pela parceria!;

A CAPES e FAPERGS, por financiarem este estudo e permitirem assim, que me dedicasse a sua construção e desenvolvimento;

A FURG e ao PPGEDU por oferecerem toda a estrutura necessária para o desenvolvimento desta pesquisa.

Sem vocês não seria possível realizar este sonho, que agora é realidade!

A todos, MUITO OBRIGADA!

*É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão lindas!*

SAINT-EXUPÉRY

## SUMÁRIO

A ESTRADA DE TIJOLOS: percursos da professora pesquisadora .....	14
A PESQUISA: traço a traço da construção da temática de investigação .....	16
CAPÍTULO I: Traçando os caminhos da pesquisa .....	21
1.1 Sujeitos da pesquisa: as crianças! .....	24
1.2 A infância: novas perspectivas .....	29
1.3 A geografia das crianças: construindo a noção de participação por meio da pesquisa .....	34
1.4 Cuidado e bem-estar animal .....	38
1.5 A invisibilidade diante da visibilidade: pesquisando os animais do Taim .....	41
CAPÍTULO II: Metodologia da pesquisa: Investigação-ação .....	45
2.1 Tirando do “bolso da imaginação” as atividades de investigação .....	47
2.2 Primeiros caminhos investigativos .....	47
2.3 Elementos educativos e espaços-tempos na pesquisa .....	51
2.4 Uma construção coletiva: apresentando as atividades investigativas da pesquisa .....	57
2.5 Instrumentos de registro dos dados da pesquisa .....	61
CAPÍTULO III: Apontamentos sobre os elementos educativos e os espaços-tempos presentes nas atividades de investigação .....	65
3.1 A presença da imaginação .....	65
3.2 Observação dos diálogos e das escritas coletivas .....	68
3.3 Observação das linguagens visuais .....	76
3.4 Observação das vivências nos distintos espaços-tempos .....	86
3.4.1 Um espaço-tempo particular – O caderno de pesquisa no meio familiar .....	94
(IN) CONCLUSÕES .....	101
REFERÊNCIAS .....	104
Anexo 1: .....	109
Anexo 2: .....	110
Anexo 3: .....	111
Anexo 4 .....	112
Anexo 5 .....	113
Anexo 6: Ata de Defesa de Mestrado .....	123



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Consentimento das crianças quanto à participação na pesquisa .....	26
Figura 2: Adriano .....	27
Figura 3: Agatha .....	27
Figura 4: Arthur .....	27
Figura 5: Brenda .....	27
Figura 6: Daniella .....	27
Figura 7: Dionathan .....	27
Figura 8: Gabriella .....	27
Figura 9: Gabriel .....	27
Figura 10: Joice .....	27
Figura 11: João Victor .....	27
Figura 12: Julyanny .....	27
Figura 13: Kauã .....	27
Figura 14: Kimberlly .....	28
Figura 15: Keronly .....	28
Figura 16: Liandra .....	28
Figura 17: Luiza .....	28
Figura 18: Nathália .....	28
Figura 19: Nathan .....	28
Figura 20: Renan .....	28
Figura 21: Vinícius .....	28
Figura 22: Apontamentos sobre a cidade .....	48
Figura 23: Apontamentos sobre a Criança .....	48
Figura 24: Apontamentos sobre os Animais .....	49
Figura 25: Desenho sobre a cidade, as crianças e os animais .....	50
Figura 26: Desenho sobre a cidade, as crianças e os animais .....	50
Figura 27: Representação geográfica do Taim .....	55
Figura 28: Vinícius - Apresentação dos animais que gostariam de conhecer .....	71
Figura 29: Daniella - Apresentação dos animais que gostariam de conhecer .....	71
Figura 30: Nathan - Apresentação dos animais que gostariam de conhecer .....	72
Figura 31: Renan - Apresentação dos animais que gostariam de conhecer .....	73

Figura 32: Arthur- Construção do alfabeto dos animais do Taim .....	78
Figura 33: Caderno de Daniella - Construção do alfabeto dos animais do Taim.....	79
Figura 34: Renan - Jacaré-de-papo-amarelo, Capivara, Borboleta-seda-azul, Tartaruga-tigre	80
Figura 35: Gabriella – Borboleta-seda-azul, Capivara .....	80
Figura 36: Mapa sensorial da Estação Ecológica do Taim.....	81
Figura 37: Mapa sensorial da Estação Ecológica do Taim.....	81
Figura 38: Dionathan -Tartaruga, graxaim e coruja .....	83
Figura 39: Joice -Tartaruga, graxaim, coruja e noivinha-do-rabo-preto .....	83
Figura 40: Dionathan - Borboleta-seda-azul .....	85
Figura 41: Julyanny - Borboleta-seda-azul.....	85
Figura 42: Espaço-tempo da sala de aula .....	87
Figura 43: Espaço-tempo da sala de aula .....	87
Figura 44: Espaço-tempo do Pátio da escola.....	89
Figura 45: Espaço-tempo do Pátio da escola.....	89
Figura 46: Espaço-tempo do Taim 20/11/2014 .....	90
Figura 47: Espaço-tempo do Taim .....	90
Figura 48: Espaço-tempo da ESEC TAIM 20/11/2014.....	91
Figura 49: Arthur – Observando o gato do mato.....	92
Figura 50: Gabriella – fotografando animais.....	92
Figura 51: Grupo - Observando e fotografando animais.....	93
Figura 52: Cadernos de pesquisa no meio familiar .....	95
Figura 53: Daniella – Representação da Borboleta-seda-azul.....	99
Figura 54: Arthur - Borboleta-seda-azul representada com outras cores .....	99
Figura 55: Capa CD de recordação da pesquisa sobre o TAIM .....	111
Figura 56: Autorizações Adriano e Agatha .....	113
Figura 57: Autorizações Arthur e Brenda.....	114
Figura 58: Autorizações Daniella e Dionathan.....	115
Figura 59: Autorizações Gabriella e Gabriel.....	116
Figura 60: Autorizações Joice e João Victor .....	117
Figura 61: Autorizações Jullianny e Kauã.....	118
Figura 62: Autorizações Kimberlly e Keronly .....	119
Figura 63: Autorizações Liandra e Luiza .....	120
Figura 64; Autorizações Nathália e Nathan.....	121
Figura 65: Autorizações Renan e Vinícius .....	122

**Lista de quadros**

Quadro 1: Atividades problematizadoras sobre a temática animais do TAIM.....p 58

**LISTA DE SIGLAS**

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ESEC TAIM - Estação Ecológica do TAIM

FMDA - Fundo Municipal dos Direitos dos Animais

FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Sul

FURG - Universidade Federal do Rio Grande – FURG

PPGEDU - Programa de Pós - Graduação em Educação

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

## Resumo

O presente estudo teve como eixo a investigação sobre percepções e aprendizagens infantis sobre animais do Taim a partir de uma investigação-ação. A referida pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da FURG, na linha Espaços e Tempos Educativos. A definição do tema norteador se deu a partir dos interesses das crianças, sujeitos e parceiros da pesquisa em diálogo com a professora pesquisadora. O seu desenvolvimento teórico e metodológico é inspirado na pesquisa com crianças e teve como base os princípios da investigação-ação. Esta metodologia ofereceu aos sujeitos envolvidos a contribuição para que novos conhecimentos fossem construídos, neste caso, sobre os animais nativos da região sul do Rio Grande do Sul. Esta também contribuiu para que a professora pesquisadora desenvolvesse processos de reflexão e análise de sua prática educativa, priorizando as contribuições das problematizações e do percurso percorrido em parceria com as crianças. Nesse processo, as crianças foram tomadas como parceiras da pesquisa junto à professora pesquisadora. O objetivo principal desta pesquisa foi identificar quais elementos educativos e espaços-tempos favoreceram o desenvolvimentos de percepções e aprendizagens em relação aos animais do Taim às onze meninas e nove meninos, pertencentes ao 1º B da Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto, no ano de 2014, no município do Rio Grande, RS. A produção dos dados empíricos que contribuiu para a construção desta pesquisa ocorreu em três espaços-tempos principais, quais sejam: a sala de aula, o pátio da escola e a Estação Ecológica do Taim. Das atividades investigativas desenvolvidas com as crianças, surgiram categorias que destacaram elementos educativos tais como: as linguagens visuais (desenho escultura e mapa sensorial), a imaginação, os diálogos e as escritas coletivas, e a observação das vivências nos espaços-tempos educativos da pesquisa. Desse conjunto de categorias foi possibilitado o desenvolvimento de muitas aprendizagens geradoras de conhecimentos acerca dos animais nativos do Taim. Para a professora pesquisadora, foi destaque a resignificação de sua prática educativa, pois ao aprender com as crianças, assumiu a postura de reconhecê-las como sujeitos com saberes, e assim, apreciar suas percepções demonstradas e impressas por meio de elementos educativos diversificados nos espaços-tempos presentes nesta investigação.

**Palavras-chave:** Pesquisa com Crianças; Animais do Taim; Elementos Educativos; Espaços-tempos; Ensino e Aprendizagem.

## Abstract

The present study had as foundation the investigation about perception and children learning and their relationship with native animals from Taim, based in an "investigation-action". The research was realized in the postgraduate studies program from FURG. The definition of the guiding theme was decided based in the children, subjects and partners of research interests, in a dialog with the research professor. The development, methodological and theoretical, was inspired in the research with children. The methodology offered to the subjects involved the contribution for the construction of new knowledges about native animals from Rio Grande do Sul. The present study also contributed for the development of the research professor, prioritizing the contribution of the problematizations and the covered course in partnership with the children. The primary objective of this research was the identification of the educative and space-time that favored the learning related to the native animals from Taim of the students. The group was composed by eleven girls and nine boys, students of Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto, class 1ºB, Rio Grande, in the year of the 2014. The production of empiric datas that contributed to the construction of this research occurred in three space-times: the classroom, the courtyard and the ecologic station from Taim. From the investigation activities with children, emerged categories that contrast educative elements, like: visual languages, imagination, dialog and writing, living and aesthetics. From this set, was enabled the development of learning about the native animals from Taim. For the research professor, the highlight was the ressignification of your educative practice, because, by learning with children, assumed the posture of recognizing as beings with knowledge, appreciate your perceptions demonstrated and printed through diversified educative elements in the space-time present in this investigation.

Keywords: research with children; Animals of Taim; Educational elements; Space-times; Teaching and Learning.

Atenção! Compro gavetas,  
Compro armários,  
Cômodas e baús.

Preciso guardar minha Infância:  
Os jogos da amarelinha,  
Os segredos que me contaram  
Lá no fundo do quintal.

Preciso guardar minhas lembranças:  
As viagens que não fiz,  
Ciranda cirandinha  
E o gosto de aventura.

Preciso guardar meus talismãs:  
O anel que tu me deste  
O amor que tu me tinhas  
E as histórias que eu vivi.

MURRAY

## **A ESTRADA DE TIJOLOS: percursos da professora pesquisadora**

No percurso de caminhada e formação, sempre ouvi<sup>1</sup> que uma pesquisa, ou mais especificamente, o tema, a questão, devem ser algo que me constitui, algo que me inquieta. Nesta direção, é possível apontar que a temática deste estudo, ou seja, as percepções infantis em relação aos animais nativos do Taim<sup>2</sup> perpassam minha formação social e cultural, uma vez que cresci em lugares que me proporcionaram a convivência com diversas espécies. Pesquisar os animais do Taim, ao sul do Rio Grande do Sul, e desenvolver este processo em parceria com as crianças contribuiu para minha constituição profissional, pessoal e social, assim como proporcionou a cada um dos sujeitos envolvidos momentos de construção de aprendizagens acerca do tema pesquisado.

Entre as memórias de minha infância estão guardadas, como diz o poema “as histórias que eu vivi” (MURRAY, 1984, p. 6). Desde muito pequena, tive a oportunidade de ter contato com diversas espécies de animais. Minha mãe morava em um bairro localizado na cidade de Pelotas (RS) denominado Três Vendas, que se apresentava com algumas características da zona rural. Com isto, o contato com vacas, cavalos, cães, gatos, patos, gansos, galinhas,

---

<sup>1</sup>Cabe informar ao leitor, que neste estudo serão encontrados registros na 1ª pessoa do singular quando fizer referência às experiências da pesquisadora e na 3ª pessoa do plural quando for referente à construção coletiva, entre as crianças e a professora pesquisadora.

<sup>2</sup> As informações históricas e geográficas no que diz respeito ao Taim e à escola, campos desta pesquisa, estarão disponíveis no item 2.3.

cabras foi constante em meu cotidiano. Na infância, a paixão pelos animais despertava em mim o desejo de ser “médica de animais” como eu dizia. Este sentimento talvez me perpassasse ainda hoje. Sonhava em realizar o curso de veterinária, mas os caminhos de formação acabaram por me levar a outros campos de estudos, sendo estes voltados à área da educação.

O contato com a cidade de Pelotas, minha terra natal, e posteriormente com uma localidade de seu interior, Santa Silvana, meio rural e, logo após, com a cidade do Rio Grande, minha cidade por escolha, demonstra que estes lugares, que me constituíram na infância são cheios de significados e emoções que se fazem presentes em muitos momentos de minha vida presente.

Numa perspectiva poética, “a cidade tem, contudo, uma outra alma – uma entre tantas –, que vive do acordo entre as velhas pedras e a vegetação sempre nova, no dividir os favores do sol” (CALVINO, 2010a, p. 49). Este é o sentimento que vive em mim, ora usufruindo dos benefícios do campo, ora dos da cidade. Estar no campo é perceber a vida simples e próxima da natureza. Viver na cidade é se beneficiar de sua tecnologia, rapidez e renovação espacial.

Na infância, a oportunidade de brincar com outras crianças sempre foi muito limitada. Por ser a filha mais nova entre quatro irmãos, sempre houve um cuidado exagerado e constante sobre mim, e para questões como brincadeiras, sempre fui solitária em meio a adultos. Penso que este envolvimento com o estudo das infâncias foi um desejo inconsciente de parcerias que ficaram pendentes e daí o gosto de estar perto delas, de brincar, divertir-me junto aos pequenos. Embora tenha sido, naquele período, privada da vivência com outras crianças, minha vida na formação escolar e acadêmica acabou por suprir essa ausência, pois nesses espaços o desejo por me aproximar das infâncias, por sua vez, se concretizou!

Os caminhos percorridos, durante meus anos de formação acadêmica, acabaram por me levar a estudar as infâncias, bem como trabalhar com elas. Primeiramente me formei no curso de Magistério, posteriormente em Artes Visuais e Pedagogia, em nível de graduação na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Mais adiante, cursei especialização em Mídias na Educação na mesma instituição e atualmente sou professora da rede Municipal de Educação, na cidade do Rio Grande, RS.

Para exercer uma prática docente qualificada e significativa, é preciso ir além dos muros da escola e das paredes da sala de aula e, para aprimorar minha formação inicial, desejava continuar a estudar a nível de Mestrado mas para isso teria de ser classificada na seleção. A participação no processo de seleção, após passar por todas as etapas, acabou

culminando em minha aprovação e realização de um desejo, o de aprofundar o papel de professora pesquisadora.

Como professora atuante, tenho a oportunidade de estar com as crianças cotidianamente e vivenciar os prazeres e desafios de estar com elas e construir aprendizagens. A docência possibilita aprender, na medida em que ensino, pois as crianças são seres ricos de sentidos e significados, constituídos cultural e socialmente, o que enriquece o compartilhamento de saberes. Nesta abordagem, “não há docência sem discência” (FREIRE, 1996, p. 21), pois para ensinar é preciso aprender conjuntamente no exercício diário, no face a face, com as suas instabilidades criativas. Nesse dia a dia, reside o desejo de mudar e ressignificar minha prática docente, objetivando qualificação e comprometimento, na qual o lúdico e a experiência estética se fazem presentes.

Esta sessão, “*A ESTRADA DE TIJOLOS: percursos da professora pesquisadora*” apresenta brevemente os caminhos percorridos que conduziram à culminância da construção deste estudo e também, traz a representatividade acerca do que busco e acredito, pois apresenta o constante processo de aprender e me ressignificar, o desejo de me manter atualizada e na constituição crítica e sensível de minha atuação docente, que se encontra em processo contínuo de construção. Aprendo a ser docente e me reconstituo, na medida em que me mantenho em formação.

### **A PESQUISA: traço a traço da construção da temática de investigação**

Cotidianamente, em sala de aula, tenho a presença de diferentes infâncias o que me proporciona observá-las e interagir com as mesmas. Isso corrobora para que eu esteja em processo de composição de saberes, aprendendo e ensinando simultaneamente. A constituição da nossa sociedade contribui para estabelecer relações educativas mútuas, pois na medida em que ensinamos, aprendemos uns com os outros. Tal perspectiva, aponta para a formação em diferentes espaços-tempos onde os sujeitos são constituídos por bagagens culturais que tornam cada sujeito único e passível de compartilhamento de saberes e experiências que lhe são peculiares.

Dentre as diferentes formas de pesquisas realizadas no âmbito da infância, podemos encontrar estudos realizados com crianças de diferentes idades. Isso demonstra a imensidade de questionamentos e indagações que o campo de estudos sobre a educação proporciona. Silva, Barbosa e Kramer (2008) abordam que *ver e ouvir* meninas e meninos têm um papel fundamental em investigações, uma vez que elas são sujeitos que estão ao longo dos anos



demarcando sua existência no mundo dos adultos, fazendo suas ações serem percebidas e afirmadas. Ver e ouvir, segundo as autoras, compreende:

(...) *Ver*: observar, construir o olhar, captar e procurar entender, reeducar o olho e a técnica. *Ouvir*: captar e procurar entender; escutar o que foi dito e o não dito, valorizar a narrativa, entender a história. Ver e ouvir são cruciais para que se possa compreender gestos, discursos e ações. Esse aprender de novo a ver ouvir (a estar lá e estar afastado; a participar e anotar; a interagir enquanto observa a interação se alicerça na sensibilidade e na teoria e é produzida na investigação, mas é também um exercício que se enraíza na trajetória vivida no cotidiano. (SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2008, p. 86).

Analisando a citação acima, é possível observar a fundamental importância em ver e ouvir os pequenos, pois ao entendê-los como parte de nossa constituição e sujeitos que possuem ação ativa no cotidiano, estamos superando a visão adultocêntrica. Ao adotar a postura de considerá-las e escutá-las, demarcamos entrelaçamentos entre as relações de mundos distintos, abrindo espaços concretos para as infâncias no universo dos adultos. Ser criança, com base nesta perspectiva, passou a ter *status* de compartilhamento de saberes, no qual o adulto não somente quer ensinar, mas aprender conjuntamente.

Na busca por aprender com as crianças, assumo a postura de vê-las atentamente e assim, tenho a oportunidade de apreciar suas percepções demonstradas e impressas por meio dos elementos educativos e os espaços-tempos presentes neste estudo. Para Okamoto “as percepções decorrentes das sensações vão além das simples reações aos estímulos externos, pois são acrescidas de outros estímulos internos, que intervêm e conduzem o comportamento” (OKAMOTO, 1997, p. 10), ou registros realizados por elas.

As emoções corroboraram para o aprendizado, vinculando e estimulando o conhecimento interiorizado. Portanto, o termo “percepção” pode ser definido como a seleção dos “aspectos de interesse ou que tenham chamado a atenção, e só aí que ocorre a percepção (imagem) e a consciência (pensamento, sentimento), resultando em uma resposta que conduz a um comportamento” (OKAMOTO, 1997, p. 21). Nas observações realizadas sobre os materiais produzidos pelas crianças, busquei atentar sobre a apresentação dialógica e gráfica delas objetivando perceber seus aprendizados sobre os animais do Taim.

De modo particular a motivação para a realização deste estudo inicialmente decorreu por aproximações com leituras e reflexões realizadas em uma das disciplinas deste mestrado, intitulada “A cidade, as crianças e os animais”, ministrada pela professora Vânia Chaigar, no primeiro semestre de 2014. A realização desta disciplina proporcionou o diálogo com teóricos, e também com colegas de aula, sobre a causa animal, as crianças e a cidade. Esses movimentos despertaram em mim o desejo de realizar uma pesquisa que envolvesse tais

temáticas, mas a delimitação do assunto se apresentou, pelos sujeitos da pesquisa, ou seja, as meninas e os meninos do 1º ano B, da EMEF França Pinto.

Objetivando elencar o tema de pesquisa, desenvolvi com o grupo, sujeito de pesquisa em sala de aula, duas atividades investigativas iniciais. Apresentei como proposta de estudo três grandes áreas, sendo estas: a cidade, as crianças e os animais, de forma que a temática mais inquietante a elas pudesse ser identificada. Posteriormente, pedi à turma que desenhasse o que cada uma das propostas significava para elas e, por meio de votação unânime, foi escolhido pesquisar sobre os animais. Problematizei com as elas, no decorrer do processo, quais espécies de animais iriam ser pesquisadas, chegando a aproximações de estudos sobre os animais nativos do Taim. Com base neste diagnóstico inicial, foi possível traçar o objetivo geral e a questão de pesquisa que conduziram este estudo.

Neste sentido, o objetivo geral compreende:

***Identificar quais elementos educativos e espaços-tempos auxiliaram nós, sujeitos dessa pesquisa, a construirmos processos de ensino e aprendizagens em relação às percepções das crianças sobre os animais do Taim.***

Em consonância com o objetivo geral, delimito o problema de pesquisa:

***Que elementos educativos e espaços-tempos presentes nas atividades desenvolvidas pela professora pesquisadora em parceria com as crianças, do primeiro ano B, da Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto, contribuíram para o processo de ensino e aprendizagem e construção das percepções acerca dos animais nativos do Taim?***

O questionamento acima orientou a organização e observação dos dados de pesquisa produzidos em conjunto com as crianças sujeitos deste estudo. Desta parceria, muitas problematizações e reflexões sobre os animais nativos do Taim foram produzidas, gerando um acervo de elementos descritores das realidades vivenciadas no decorrer do desenvolvimento das atividades investigativas. Busquei a realização de movimentos reflexivos acerca da infância e suas aproximações com o universo relacionado aos animais, mais especificamente suas relações com a fauna nativa da região onde vivem. Nesta abordagem, mais do que “verdades” prontas, intencionei a observação e a compreensão de como as crianças, perceberam e se apropriaram do tema animais do Taim.

Esta pesquisa, para o seu desenvolvimento teórico e metodológico, teve inspiração na pesquisa com crianças, cuja proposta objetiva que as crianças sejam parceiros de pesquisa e embasou-se nos princípios da investigação-ação, cuja abordagem prática objetiva oferecer, aos sujeitos envolvidos, a contribuição para que o desconhecido seja apropriado, neste caso, o estudo sobre elementos educativos e espaços-tempos presentes nas aprendizagens sobre os

animais nativos da região sul do Rio Grande do Sul. Esta metodologia também contribui para que o professor pesquisador desenvolva processos de reflexão e análise de sua prática educativa, priorizando as problematizações e o percurso percorrido em parceria com as crianças, em vez de, apenas, almejar o produto final.

Em investigação prévia sobre estudos que envolveram a cidade, as crianças e os animais, percebi que ainda são poucas as propostas no campo da educação envolvendo tais temáticas. Busquei aproximação em alguns trabalhos como os de Lima (1989), Müller (2007), Würdig (2007), Chaigar e Redin (2013) para compreensão de meu tema. Nesses trabalhos, considerando o olhar das infâncias, os animais aparecem sendo tratados como seres parceiros de vida e merecedores de atenção, respeito e cuidado. Os animais, nas relações infantis presentes nas pesquisas dos autores acima, são concebidos como amigos, parceiros de brincadeiras, assim como indicadores da qualidade de vida na cidade, conforme o tratamento que lhes é imputado.

Nas cidades, parcela da sociedade vem abraçando a causa animal e apontando inúmeras possibilidades de modificar a realidade de cães, gatos, entre outros animais que se encontram em estado de abandono e maus tratos. Dentre essa parcela social, o universo infantil é próximo, amoroso e familiar em relação a esses seres, conforme alguns estudos indicam, como o de Würdig (2007), que apresenta crianças citando animais como cúmplices de convivências, brincadeiras e amizades.

Assim, para melhor situar o leitor, este estudo está organizado em três capítulos seguido das (In) conclusões.

No Capítulo I, apresento os caminhos iniciais para a realização desta pesquisa. Exponho a importância de realizar pesquisas em parceria com as infâncias e de inseri-las neste universo como protagonistas. Apresento os meninos e meninas sujeitos de pesquisa com as devidas autorizações e os espaços-tempos em que a pesquisa foi desenvolvida. Trago apontamentos sobre a necessidade de termos um olhar diferenciado para a infância atribuindo-lhes “voz e vez” e os animais por considerá-los parte constituinte e construtora deste estudo.

Ainda no capítulo I, falo sobre a realização da pesquisa com crianças e a necessidade de inseri-las no contexto de organização e produção do conhecimento. Também abordo a geografia das infâncias e a transformação do espaço em lugar e território, que também são construídos e têm marcas de vivências, produzidas e/ou reestruturadas por próprias por intermédio de suas ações, interações e relações sociais. Há também apontamentos sobre o cuidado e bem-estar dos animais, como parte de estratégias para conferir-lhes respeito e

dignidade. Assim como à invisibilidade dos animais do Taim que ganhou status de visibilidade neste estudo, perante os sujeitos desta pesquisa.

No Capítulo II, exponho a metodologia de pesquisa, ou seja, a investigação-ação por se propor a problematizar como foram construídas as aproximações e os afastamentos das crianças em relação às aprendizagens e percepções sobre os animais do Taim. Aponto as atividades investigativas iniciais desenvolvidas para a delimitação da temática do estudo delas. Apresento os elementos educativos e os espaços-tempos presentes na pesquisa e nas atividades de investigação desenvolvidas. Os espaços-tempos foram constituídos pela sala de aula, pelo pátio da escola e pela ESEC TAIM<sup>3</sup> e os elementos educativos pelas linguagens visuais (compostos por desenhos, esculturas, fotos, mapa sensorial), pelos diálogos e registros escritos, pela imaginação, pela estética e pelas vivências. Exponho também, um quadro descritivo das quinze atividades investigativas que colaboraram para a produção empírica deste estudo. Também destaco os instrumentos de registro dos dados da pesquisa que compreenderam a fotografia, a filmagem, os desenhos, as escritas coletivas, o caderno de pesquisa no meio familiar, bem como, um diário de memórias *online*.

No Capítulo III, apresento as observações e os apontamentos realizados sobre os elementos educativos que estiveram presentes nas atividades de intervenções desenvolvidas com as crianças. Tais observações apontaram a presença da imaginação, os diálogos, os escritos coletivos e as linguagens visuais (desenho, escultura, mapa sensorial), e, por último, as vivências proporcionadas pela pesquisa. O caderno de pesquisa no meio familiar, outro recurso de pesquisa, também é apresentado, bem como, suas contribuições para a pesquisa e para o grupo.

Por fim, apresento as (In) conclusões da pesquisa, sua influência na prática educativa da professora pesquisadora e na aprendizagem e percepção das crianças, sujeitos desta pesquisa.

---

<sup>3</sup> Para melhor esclarecimento do leitor, algumas vezes tratarei esta instituição apenas como “Estação”.

Quero asas de borboleta azul  
Para que eu encontre  
O caminho do vento  
O caminho da noite  
A janela do tempo  
O caminho de mim

MURRAY

## **CAPÍTULO I: Traçando os caminhos da pesquisa**

Início este capítulo com a poesia de Murray (1984), que almeja asas das borboletas, essas que para serem lindas como são, precisam passar pela metamorfose da lagarta. Assim, é para o pesquisador, que precisa ser lagarta e amadurecer para se transformar em borboleta. A borboleta significa muito nesta pesquisa, uma vez que ela é signo e significado de mudança e também se apresentou como mascote da pesquisa, escolhida pelas crianças participantes. A borboleta-seda-azul<sup>4</sup>, animal nativo do Taim, cativou a turma, que lhe fez representante dos processos desenvolvidos durante a realização das atividades de investigação com as crianças.

Esse processo de transformação e a concretização desta pesquisa requisitou organização, tempo e disposição para realizar leituras e aprofundamentos teóricos necessários, fazer os registros da produção dos dados e também a escrita da própria dissertação. Isto promoveu também um processo de construção, reconstrução e amadurecimento. A constituição do professor pesquisador se faz cotidianamente, nas imersões teóricas e reflexões desenvolvidas, no contato com as infâncias, nas parcerias cotidianas, na sala de aula, pois é caminhando que se constrói a aprendizagem e o caminho de formação. “Conhecer é, assim, construir um caminho de constituição de dado objeto, caminhar com esse objeto e construir esse próprio caminho, constituindo-se no caminho também” (BARROS; MORSCHEL, 2012, p. 62-63).

Leituras, análises, problematizações e atividades investigativas foram realizadas para que surgisse o problema de pesquisa, como também os percursos a serem percorridos. Foi preciso estar preparada para buscar com as crianças, um tema que apaixonasse e ao mesmo tempo impulsionasse a construí-lo. Em colaboração com este pensamento, apresento um trecho do livro “Palomar” (CALVINO, 2010a), em que o personagem Palomar, em uma de suas observações sobre a cidade e seus acontecimentos, aponta o surgimento de questões

---

4 A borboleta-seda-azul, espécie nativa do TAIM, apareceu na pesquisa, pela primeira vez, por meio da contação da história “Bichos do mar de dentro: uma aventura no mar de dentro”, de Maria Emília Kubrusly. Disponível em: [http://www.fibria.com.br/shared/midia/publicacoes/aventura\\_no\\_mar\\_de\\_dentro.pdf](http://www.fibria.com.br/shared/midia/publicacoes/aventura_no_mar_de_dentro.pdf). Acesso em: 12-11-2015.

instigadoras e provocadoras que podem servir de inspiração para quem busca interrogações, neste caso em seu campo de pesquisa.

Se os corpos luminosos estão prenhes de incerteza, só resta confiar na escuridão, nas regiões desertas do céu. Que pode ser mais estável do que o nada? Contudo, não se pode, nem mesmo do nada, estar cem por cento seguro. Palomar, onde vê uma clareira no firmamento, uma brecha oca e negra, lá fixa o olhar como que se projetando nela; e eis que também ali no meio toma forma um grãozinho claro qualquer ou uma pequenina mancha ou sarda; mas ele não chega a estar seguro se elas estão naquele lugar de fato ou apenas tem impressão de vê-las. Talvez seja um clarão como aqueles que se vêem rodar mantendo-se os olhos fechados (o céu escuro é sulcado de fosfinas como reverso das pálpebras); talvez seja um reflexo de seus óculos; mas poderia ser também uma estrela desconhecida que emerge das profundezas mais remotas. (CALVINO, 2010a, p. 44).

Inspirada em Palomar, reflito que é preciso olhar para o “nada” e daí ver algo imergir no campo de estudo e ver o que ele tem a oferecer. Percebi a necessidade de ser flexível e permitir que o tema de pesquisa e os dados empíricos orientassem o caminho a seguir, e deixassem aparecer a fluência que a pesquisa requeria. Ao longo da realização deste estudo, algumas problematizações e descobertas foram realizadas, mas muitas outras ainda estão por vir e serem concretizadas no processo de constituição do professor pesquisador que continua.

Nesta perspectiva é que foram desenvolvidas as atividades de investigação relativas ao estudo das crianças sobre o Taim, objetivando desvelar elementos educativos e espaços-tempos que contribuíssem para o desenvolvimento de percepções e aprendizagens gerando os dados empíricos para a produção desta pesquisa. O desenvolvimento das atividades investigativas ocorreu uma vez por semana, de forma alternada, de terça-feira a sexta-feira, respeitando negociações realizadas com a equipe diretiva da escola, em um período da tarde. Ao todo foram dois encontros para exploração da temática de pesquisa elencada pela turma e mais quinze encontros que se destinaram à problematização, investigação e reflexão sobre os animais, especialmente os nativos do Taim. Os encontros com a turma para a produção da empiria da pesquisa começaram em 14 de agosto de 2014, sendo que o fechamento desta produção ocorreu em 4 de dezembro do mesmo ano.

Durante o período de investigação, quando anunciava que iríamos realizar atividades relativas ao Taim, a turma demonstrou animação. Esse movimento apresentou pistas de que o caminho a ser percorrido estava adequado e que o tema escolhido por elas era prazeroso e gerava aprendizagens relevantes. As crianças, neste caso, os sujeitos de pesquisa com idades entre seis e oito anos, foram como o “termômetro” do trabalho desenvolvido. Neste sentido é que busquei, consolidei e validei a construção de parcerias, mediante negociações respeitadas.

Por meio do diálogo houve comunicação e, ao mesmo tempo, apresentação das impressões sobre as inquietações de cada participante. Assim,

Assumir o dialogismo e a alteridade como marcas das relações estabelecidas no contexto da pesquisa significa, portanto, buscar o encontro com o outro e compartilhar experiências, conhecimentos e valores que se alteram mutuamente. Nessa abordagem teórica, o outro deixa de ser uma realidade abstrata a ser definida e traduzida por um conceito. Em outras palavras, o sujeito da pesquisa é visto como alguém cuja palavra se confronta com a do pesquisador, refratando-a e exigindo-lhe resposta. Em contrapartida, a palavra do pesquisador recusa-se a assumir a aura de neutralidade imposta pelo método e integra-se à vida, participando das relações e das experiências, muitas vezes contraditórias, que o encontro com o outro proporciona. (PEREIRA; SALGADO; SOUZA, 2009, p. 1023).

Como apontado no excerto acima, a experiência de pesquisa proporciona, tanto ao pesquisador quanto aos sujeitos de pesquisa, a construção de parcerias. A criança poderá aproximar seu olhar ao dos adultos e o adulto também poderá se aproximar da infância com olhos ternos, pois um dia já fora menino ou menina. Nesse encontro poderá acontecer a construção de uma íntima relação de proximidade que proporcionará a ambos aprendizagens contínuas e prazerosas, por meio de diálogos, conversas estruturadas e vivências no campo de estudo.

Com finalidade de tornar os registros das crianças efetivos e capazes de dizer muito para a pesquisa, valorizei os desenhos feitos por elas, pois se encontravam em processo de aprendizagem da leitura e da escrita convencional e, desta forma, algumas já escreviam, enquanto outras não. Para que nenhuma delas se sentisse deslocada dentro dos processos de ensino e de investigação desencadeados em sala de aula, solicitei que realizassem registros sob a forma de desenhos representativos de suas impressões, desejos e aprendizagens.

Elas possuíam lugar de destaque e suas falas e posturas diante das atividades propostas foram tomadas como ponto importante de observação e análise. Neste sentido, “em vez de pesquisar a criança, com o intuito de melhor conhecê-la, o objetivo passa a ser pesquisar com as infâncias e as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas de seu ambiente, colocando-a como parceira do adulto-pesquisador.” (SOUZA; CASTRO, 2008, p. 53).

Em relação a esta abordagem conceitual, a criança ganha lugar de destaque de “parceira” na convivência com o adulto, pois passa a frequentar o “mesmo lugar social”, neste caso, o do professor pesquisador. Digo isto pensando na contraposição de que adultos e crianças frequentam os mesmos lugares e espaços, mas a supremacia na relação é, na maioria das vezes, detida pelo adulto. Caminhando em outra direção, almejando outros objetivos

sociológicos, as infâncias são vistas como capazes de se constituir na medida em que produzem cultura junto de/com seus pares. Considero, então, a necessidade de superar a visão de que o adulto “sabe tudo”, que não tem o que aprender com elas, pois elas nos mostram que tem muito a ensinar.

O cotidiano e suas repetições acabam por amortecer o olhar do adulto e os acontecimentos belos, e do âmbito do pequeno, passam, muitas vezes, despercebidos. Por este motivo é que as falas das crianças devem ser ouvidas, respeitadas e observadas com atenção. Elas mostram caminhos já vividos, mas esquecidos ou esmaecidos pelo adulto.

### **1.1 Sujeitos da pesquisa: as crianças!**

A participação ativa dos sujeitos desta pesquisa foi o que deu impulso para a sua realização, ou seja, as crianças que compuseram o primeiro ano “B”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto no ano de 2014, bem como seu envolvimento com o tema proposto. A turma foi composta por vinte integrantes, sendo nove meninos e onze meninas, mas até chegar a este conjunto se modificou muito; alguns componentes saíram e outros entraram. No período em que as atividades de intervenção da pesquisa foram iniciadas, entretanto, a turma se manteve com os mesmos integrantes até sua conclusão.

As crianças se encontravam em processo de alfabetização e entre elas havia uma com necessidades especiais. Para essa criança foi disponibilizada uma monitora que a auxiliava na prática das atividades da pesquisa e nas demais situações de sala de aula.

A produção da empiria desta pesquisa teve início no segundo semestre de 2014 e, sendo assim, eu, professora pesquisadora, e o grupo, já estávamos bem entrosados. Conhecia bem a turma e isto foi um facilitador na realização das atividades propostas, pois se sentiram à vontade para exteriorizar suas curiosidades sobre o tema estudado.

A enunciação do início da pesquisa a partir da escolha da temática feita por elas próprias causou alegria, agitação e envolvimento da turma. Aos poucos, os pequenos foram sendo apresentados a um assunto que lhes era familiar, mas ao mesmo tempo estranho. Falar sobre animais era muito próximo a elas, mas não especificamente sobre os animais nativos do Taim. Sabiam falar sobre animais exóticos, selvagens, como os que são apresentados por filmes, desenhos, ou vinculados a outras mídias ou, ainda, sobre os considerados domésticos, mas os nativos de nossa região como a capivara, o jacaré-de-papo-amarelo, entre outros, apenas uma pequena parcela da turma conhecia.



Para chegar ao estudo sobre os animais do Taim, problematizações foram realizadas, instigando a turma a buscar novos conhecimentos sobre o assunto e investigá-lo. Mesmo sendo de escolha delas, num primeiro movimento, parte do grupo apresentou desinteresse, mas os demais integrantes da turma quiseram continuar o estudo. Para instigar o interesse de toda a turma em buscar o conhecimento sobre esses animais, nos percursos seguintes apresentei uma série de artefatos como vídeos e fotos que objetivaram envolvê-las com a temática.

Na medida em que fui apresentando para elas as atividades e seus interesses levados em consideração, a turma foi se familiarizando com o tema e pude perceber que houve movimentos de modificação em sua participação. O que era estranho passou a instigar a curiosidade e despertou o desejo em saber mais.

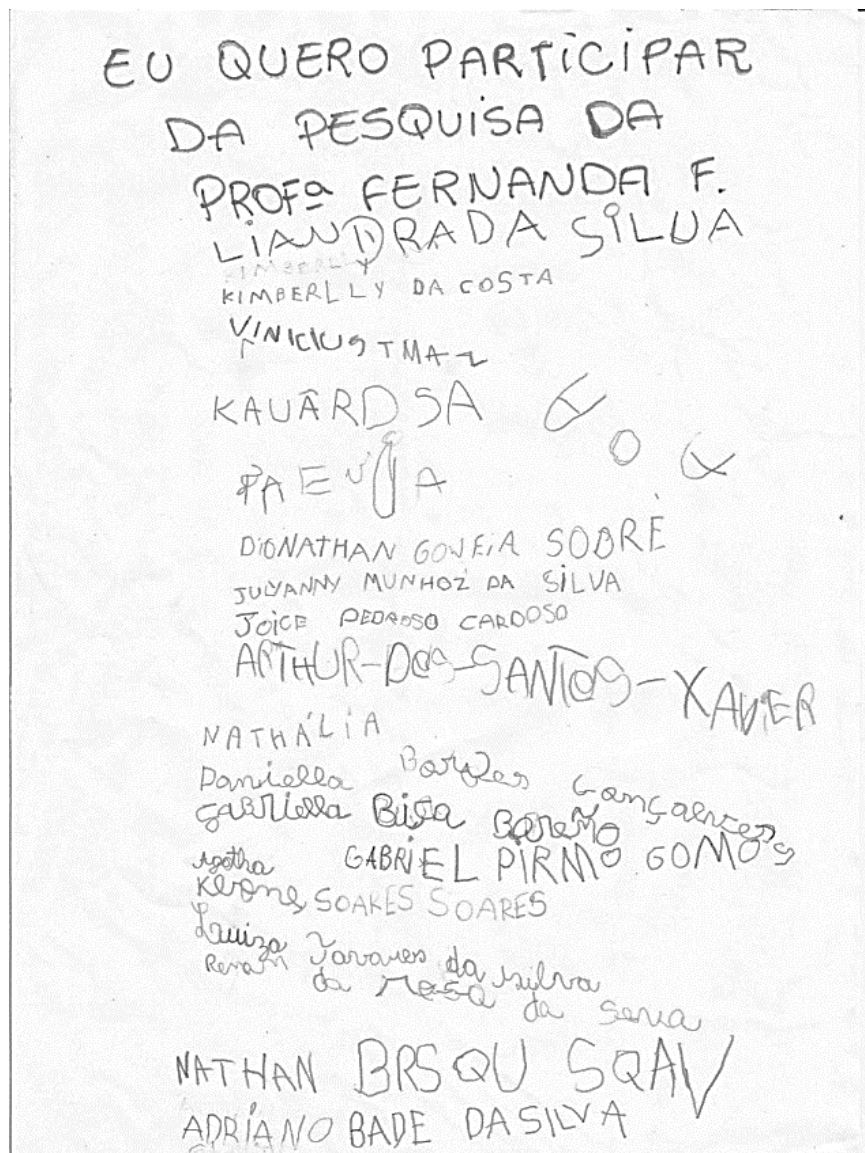
Em situação semelhante, Bastos aponta que

Diante deste contexto investigativo, penso ser importante destacar a minha função na posição de adulta que se propõe a investigar algo. Certamente será o meu olhar que vai orientar a pesquisa, fazendo com que determinadas situações sejam percebidas e interpretadas, pois não estou alheia aos acontecimentos, não sou passiva diante dos fatos, pelo contrário, eles também me atravessam e minhas características pessoais e as experiências de vida vão constituir-se como um elemento da pesquisa. (BASTOS, 2014, p. 48)

Neste contexto de não ser passiva, a realização de um estudo e suas estratégias remete a pensar quem são os sujeitos da pesquisa, o lugar em que estão inseridos e as questões inquietadoras a serem desenvolvidas, pesquisadas, questionadas e observadas. Nas mediações realizadas por mim com a turma, estiveram muito presentes questionamentos e informações sobre cuidado, preservação e o habitat dos animais do Taim. Os percursos percorridos após esses momentos foram realizados em parceria, contando com os interesses e impressões do grupo.

A participação de crianças em pesquisas e o uso de suas identidades verdadeiras requerem um processo de autorização e consentimento das famílias ou responsáveis, além, claro, do assentimento delas próprias. Como forma de garantir que este processo ocorresse de forma clara, levei impresso um documento com o termo de autorização e consentimento livre esclarecido, para os adultos responsáveis (Anexo 1 e 2). Esse, por sua vez, foi devidamente explicado a cada uma das famílias das crianças participantes da pesquisa. Nesse, estava incluída também o pedido de autorização para a participação delas na produção dos dados da pesquisa, por meio da gravação de áudio, vídeo ou imagem fotográfica.

A forma mais evidente de respeitar os direitos e interesses das crianças é saber se elas, como sujeitos de pesquisa, querem participar dos processos desenvolvidos ao longo da mesma, se estão à vontade e se desejam estar envolvidas. Assim, a realização de um termo de consentimento contendo a assinatura delas, também foi necessário. Com isto, foi firmada uma parceria clara e anunciada com as crianças e suas famílias sobre os caminhos a serem desenvolvidos durante a realização da pesquisa. O consentimento do grupo ocorreu por meio da assinatura de cada um deles em uma folha ofício, onde dizia: “Quero participar da pesquisa da professora Fernanda” (figura 1). Esta metodologia também foi utilizada por Bastos (2014) na realização de sua pesquisa de Mestrado, na Universidade Federal de Rio Grande – FURG.



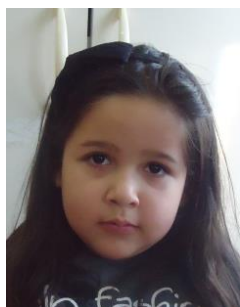
**Figura 1: Consentimento das crianças quanto à participação na pesquisa**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Neste processo, cada uma das crianças demonstrou, por meio de sua assinatura, formalmente, que sua participação na investigação foi voluntária e que a temática as instigava. Não posso deixar de enunciar que o menino João Victor com necessidades específicas, diagnosticado por médico especialista, representou sua assinatura de forma simbólica (A, O, A), uma vez que ele ainda não sabia escrever seu nome. Ele participou dos processos da pesquisa, sendo auxiliado pela monitora da turma, mas pouco falava e interagiu, dificultando saber suas impressões em relação ao estudo realizado. A família, por sua vez, autorizou e consentiu sua participação nos processos da pesquisa. Os rostos abaixo formaram o conjunto das infâncias parceiras desta pesquisa e a publicização de suas imagens foi devidamente autorizada, conforme reiterado anteriormente.



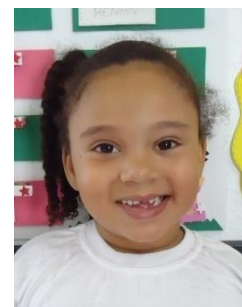
**Figura 2: Adriano**



**Figura 3: Agatha**



**Figura 4: Arthur**



**Figura 5: Brenda**



**Figura 6: Daniella**



**Figura 7: Dionathan**



**Figura 8: Gabriella**



**Figura 9: Gabriel**



**Figura 10: Joice**



**Figura 11: João Victor**



**Figura 12: Julyanny**



**Figura 13: Kauã**



**Figura 14: Kimberlly**



**Figura 15: Keronly**



**Figura 16: Liandra**



**Figura 17: Luiza**



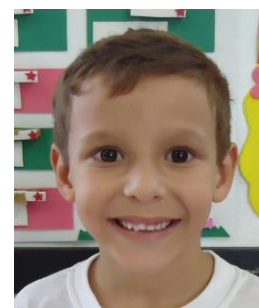
**Figura 18: Nathália**



**Figura 19: Nathan**



**Figura 20: Renan**



**Figura 21: Vinícius**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora (fotos autorizadas)

Esse conjunto de meninos e meninas contribuiu para que ao longo da realização desta pesquisa, me sentisse motivada, inspirada e acolhida por elas, pois seus comentários, suas contribuições, suas participações na busca por empreender aprendizagens face ao desconhecido, davam a certeza de que estavam satisfeitas com o estudo desenvolvido. O conhecimento sobre animais, em especial os nativos da nossa região, promoveu nos pequenos momentos de buscas e reflexões, bem como a aprendizagem no coletivo.

Nessa direção, muitos estudos abarcam a discussão de que as crianças são sujeitos de emancipação e suas ações em diversos contextos são tomadas como fontes de estudos e inspiração. É certo que elas dependem de atos e envolvimento dos adultos, mas ainda assim estão sendo visualizadas com outros olhos, vendo-as como participativas e atuantes nos mais variados contextos sociais. Fernandes aponta a participação delas em pesquisas como sujeitos ativos, sob a ótica de que

Falar de participação, numa acepção imediata, é falar de uma actividade espontânea, que etimologicamente se caracteriza como a acção de fazer parte, tomar parte em, mas é também falar de um conceito multidimensional que faz depender tal acção ou tomar parte, de variáveis como o contexto onde se desenvolve, as circunstâncias que o afectam, as competências de quem o exerce ou ainda as relações de poder que o influenciam. A participação infantil terá que ser considerada numa estreita ligação, quer com as questões de poder e autoridade que transpassam as relações entre adultos e crianças, quer com as conceptualizações acerca das competências sociais, dos constrangimentos culturais e políticos que afectam e influenciam tais relações e, por isso mesmo, o exercício da participação. (FERNANDES, 2005, p. 116).

Neste sentido, a participação das crianças no estudo foi por meio de suas ações e interações nas atividades de investigações propostas. A organização foi dada por mim, mas o desenvolvimento, a fluidez do trabalho foi influenciada pela turma, seu ritmo e aprendizagens. Elas somente realizam ações e assentimentos no que lhes toca, lhes causa emoção. O que é de desagrado é imediatamente colocado em estado de espera ou mesmo de negação. Nessa relação, a professora pesquisadora também ponderou suas atitudes e foi influenciada pelo grupo, evidenciando novas posições de poder e autoridade conforme reflete Fernandes no excerto anterior.

Considerar as crianças participativas e produtoras de cultura é reportá-las a uma dimensão em que, com seus pares ou com adultos, tenham a liberdade de promover interação e ação de forma prazerosa, contextualizada e significativa. No enfoque desta investigação, a participação infantil equivale ao grau da construção coletiva.

Para tanto, “não há neutralidade nas pesquisas com crianças, pois todas as nossas ações são interpeladas por fatores externos à nossa vontade ou desejo, e isso deve ser encarado e discutido entre os adultos e as crianças participantes da investigação” (BASTOS, 2014, p.45). Este estudo, neste sentido, somente foi possível, devido à colaboração, participação e envolvimento das infâncias pertencentes à turma do 1<sup>a</sup>B, da Escola Municipal França Pinto. Em parceria, construímos o corpo, a voz e o movimento desta caminhada investigativa.

## **1.2 A infância: novas perspectivas**

O universo escolar é palco de muitas pesquisas, estudos e formações. Os sujeitos inseridos nesse contexto, como as crianças, em muitas ocasiões, são tidas como produtoras de conhecimento, mas sua voz pouco aparece nas pesquisas. Falamos delas, mas não com elas. Na maioria das situações é o pesquisador que propõe, analisa, entrevista, observa, filma, fotografa, a fim de obter as respostas aos seus questionamentos. Nessa situação o conhecimento não é construído com elas e sim sobre elas.

Em direção contrária, o campo de estudos referentes à infância vem sofrendo mudanças e com isso novas possibilidades de ver e observá-las surgiram. A infância tem sido compreendida como um campo de cultura específica, produtora de histórias com “voz e vez” (BASTOS, 2014). Perceber as infâncias com visão participativa e colaborativa, no universo dos adultos, evidencia-as como sujeitos que estão experienciando e produzindo sua própria

cultura e histórias de vida em conjunto com os seus pares. Aponto que escutar suas vozes significa “[...] superarmos os estudos tradicionais que negligenciam as vozes e ações das crianças, reduzindo-as como seres incompletos, dependentes e que necessitam ser reconhecidos, através da visão do adulto” (BASTOS, 2014, p. 38).

A criança que antes era vista como um “objeto” a ser educado e ensinado como se fosse miniatura de um adulto, passou a ser vista como um ser capaz de criar/construir suas aprendizagens, além de contribuir para o entendimento de sua cultura infantil. As “crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (CORSARO, 2011, p.15).

Nesse movimento de pesquisar com as crianças, sua voz ganha lugar de destaque; ela é quem irá orientar as direções do trabalho realizado e é possível reportar o pesquisador a uma forma diferenciada de ver a situação pesquisada. Mesmo que o pesquisador já não tenha mais olhos infantis, pois suas concepções e vivências são outras, é possível ainda assim, observar o tema de pesquisa com aproximações da infância. Para Martins Filho e Barbosa, as crianças são tomadas como orientadoras da pesquisa e

Não basta apenas dizer, é preciso desenvolver de maneira crítica e consciente que a participação das crianças envolve uma mudança na ênfase dos métodos e assuntos de pesquisas. Tal participação retira as crianças das categorias dominadas pelos adultos, o que sempre as deixou subsumidas na coleta e nas análises dos dados. A criança ainda que não possa se [auto-gerenciar] precisa ser compreendida como sujeito social, mesmo que ela seja interdependente do adulto. Sendo assim, a relação entre adultos e crianças não pode seguir um viés de submissão e sim de mediação, interação e negociação. Portanto, o rompimento com o dualismo adulto x criança é a dimensão que gera um estatuto de emancipação ao sujeito-criança [...]. (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2009, p. 6 - adaptado).

Seguindo a concepção dos autores acima sobre a emancipação das crianças, é possível inferir que elas vêm conquistando espaço no universo das pesquisas sobre a infância, uma vez que passaram a fazer parte dos processos que constituem uma pesquisa e são tomadas como produtoras de cultura. Nesta abordagem, construímos conhecimentos e saberes com elas, com sua ajuda, em parceria.

Ainda sobre a pesquisa com crianças, é possível apontar estudos como os de Müller (2007) e Würdig (2007), que utilizaram na realização de suas teses tal proposição. Na tese de Fernanda Müller (2007), produzida na cidade de Porto Alegre, RS, a autora problematiza o olhar delas em relação à cidade em que moram. Nesse estudo, munidas de câmeras fotográficas, registraram os lugares que mais gostavam e eram significativos para elas na cidade. A visão da infância, a participação e produção delas construíram a pesquisa acima.

Outro pesquisador, no Rio Grande do Sul, que se valeu da pesquisa com crianças, foi Rogério Würdig (2007) que versou sobre a cultura lúdica nos espaços do recreio escolar e da casa/rua numa região periférica na cidade de Pelotas, RS, sob o olhar das infâncias participantes.

Os exemplos citados superam, portanto, a concepção de que somente os adultos produzem dados em relação ao universo infantil, e ratificam com seus estudos propostas em que os elementos de pesquisa produzidos por elas são tomados como o ponto de partida para a organização do trabalho em questão, como os defendidos pela sociologia da infância. Nesta perspectiva,

(...) a sociologia da infância estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista. (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 353).

A sociologia da infância, de acordo com as autoras, propõe uma nova forma de ver as diferentes infâncias existentes e para isso é preciso mais que observar; é preciso vivenciar com elas seus contatos, histórias de vida. Nesta abordagem propus, por meio das atividades investigativas, fazer com a turma observações, diálogos, experiências e registros sobre os animais do Taim. Constatei que os elementos educativos e os espaços-tempos presentes nas mediações realizadas, geraram novos movimentos nas percepções infantis em relação ao tema estudado. Neste, em particular, o processo de observação, registro e análise decorreu em sala de aula, mas algumas impressões junto aos familiares também foram possíveis, por meio de um caderno de registro levado pela turma para o meio familiar.

Nesta direção, as vivências observadas no meio escolar entre as crianças e o estudo sobre animais, suas conversas, abordagens e sentimentos sobre o tema foram pontos - chave. Testemunhei que o contato delas com a temática abordada foi para além dos muros da escola, ocorrendo na rua, no ambiente familiar, em diferentes espaços na/da cidade.

A busca por pesquisar movimentos da turma e suas percepções sobre os animais nativos do Taim (nas suas relações sociais cotidianas) foi inspirada na abordagem da pesquisa “com crianças”, pela qual são concebidas como sujeitos de voz e ações efetivas. Para Rocha, na ação referente a ouvi-las, devemos buscar “(...) nessa *escuta* confrontar, conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos. (ROCHA, 2008 p. 46).

“Dar a voz” é uma expressão que por si só é imprecisa, pois, de fato, elas já possuem suas vozes. Isto significa que, mais do que ir ao campo de estudo com questionamentos pré-

estabelecidos, é preciso proporcionar condições para que os questionamentos sejam também produzidos por elas, mediante provocações e problematizações mediadas/conduzidas pela professora pesquisadora. Dar-lhes a voz significa portanto, neste estudo, que foram tomadas como ativas, capazes de opinar, refletir e construir conjuntamente com a professora pesquisadora os caminhos da pesquisa.

Para Pereira, Salgado e Souza, a pesquisa somente toma uma dimensão viva quando existe a troca, a conversação. Assim,

No diálogo com as crianças, a alternância de perguntas e respostas, a perplexidade diante dos atos e discursos alheios, assim como os pontos de vista e valores que se desnudam no encontro com o outro fazem da pesquisa um processo vivo de construção de conhecimento e sentidos sobre os modos de perceber e significar a cultura contemporânea. (PEREIRA; SALGADO; SOUZA, 2009, p. 1024).

As autoras apontam que, na contemporaneidade, é preciso buscar a presença “viva” das crianças, superando a visão de que elas são sempre dependentes dos adultos e que suas ações não ensinam. Elas são atores sociais e, como tais, precisam que suas histórias e culturas sejam assumidas como necessárias e pertinentes.

Mobilizar, perceber, observar aprendizagens e as interações entre os meninos e meninas e seus pares, possibilita a imersão em um contexto complexo e curioso. Organizar o olhar de forma sensível a perceber as aproximações e as perspectivas delas com os temas tratados proporciona, aos adultos, serem levados a um mundo cheio de novas descobertas e redescobertas. Somos convidados a deixar a visão corriqueira e naturalizada do dia a dia e observar com atenção os detalhes invisíveis ou pequenos que dão sentido ao cotidiano por meio da fala e vivência. Nesse ponto de vista,

no entrecortado da fala e da escrita vamos produzindo espaço de desmontagem da “sequência lógica” e do “curso natural” para que, enfim, permitamos que mil e uma interrogações impensáveis no início, e surgidas no contato com novas paisagens, passem a se esboçar em nosso horizonte, comprometendo a fixidez e a unidade de sua linha. (BARROS; MORSCHEL, 2012, p. 62 – grifos do autor).

Para as autoras é preciso mais do que buscar uma forma linear de pesquisar, é preciso atentarmos para a sinuosidade que ela nos oferece. Assim, podemos perceber as entrelinhas da pesquisa; linearmente, temos uma limitação do olhar pesquisador, que por vezes precisa de estímulos para ver o que a pesquisa apresenta.

Na pesquisa como na vida infantil, mais do que projetar o que serão no futuro é possível viver o momento, experienciar o prazer de fazer, considerando os desejos e projeções sobre seus assuntos de interesse, sobre a história que produzem e que ainda virão a produzir.



Neste sentido, é que é possível escutar as crianças e considerar seu universo e suas histórias de vida. Elas mostram aos adultos como produzem sua cultura, por meio de suas vivências e experiências cotidianas, daí a validade da pesquisa com as crianças, emergente do desejo e curiosidade da/sobre a infância.

(...) ouvir a criança exige a construção de estratégias de troca, de interação, mais do que de perguntas e respostas, pelas quais se nega que as crianças constituem significados de forma independente. Assim, o momento da escuta tem que ser também o momento de expressão dessa representação, que é uma representação coletiva. (ROCHA, 2008, p. 49).

A interação e o compartilhamento de experiências foram em diferentes momentos proporcionados ao grupo participante deste estudo, objetivando reflexão e a construção de saberes. No universo da sala de aula, é possível vivenciar o desejo de aprendizagem do grupo construindo estratégias que favoreçam diálogos, trabalhos coletivos, brincadeiras, entre outros. É necessário perceber que elas são capazes de conduzir os caminhos a serem desenvolvidos para chegarem às aprendizagens coletivas e individuais dos temas estudados.

Corsaro (2011) sustenta que as crianças participam e estão inseridas na cultura de seus pares desde o momento de seu nascimento, onde passam a exercer num primeiro momento um papel secundário, mas, ainda assim, presente e ativo. Na medida em que vão crescendo esse papel de ação da infância dentro da cultura em que está inserida, passa a ganhar créditos e suas participações passam a ser mais ativas e concretas.

Quando percebida pelos adultos como capaz de contribuir na construção, manutenção e/ou reorganização das relações culturais, elas passam a ter participação considerada como ativa, qualificada capaz de produzir história, posto que “(...) a importância da linguagem e das rotinas culturais e a natureza reprodutiva da participação das crianças na evolução de suas culturas” (CORSARO, 2011, p. 32) é necessária na vida dos adultos, gerando novas demandas e perspectivas sobre a vida e os acontecimentos cotidianos.

A criança vista com olhos de quem vê nela potencialidades e capacidades sociais é considerada pelo que pode/sabe fazer (MELLO, 2009). Por meio de ações efetivas, sensíveis e emocionais e pela linguagem, elas apresentam saber

contínuo, cumulativo e compreensivo. Interagindo ativamente com outros sujeitos e até consigo mesma, a criança trança diferentes conceitos, imagens, definições, ideias, objetos, narrativas e emoções na composição de formas apropriadas de apresentação da realidade e do pensamento. (MELLO, 2009, p. 76).

A manifestação a favor da construção de estudos com as crianças possibilitou não só observar, estudar, mas compreender o quão são capazes de produzir cultura. As teorias sobre a infância colaboram para que tenhamos o entendimento sobre ações, intervenções e apontam desafios, questionamentos sobre o universo que cerca as vivências infantis.

Na busca, pelas ações prazerosas e sensíveis também busquei inspiração na poesia de Murray, objetivando encontrar sintonia entre animais humanos e animais não humanos. “Procura-se algum lugar no planeta, onde a vida seja sempre uma dança e mesmo as pessoas mais graves tenham no rosto um olhar de criança” (MURRAY, 1984, p. 23). A pesquisa realizada com as crianças possibilitou-nos reverenciar outras formas de natureza, por exemplo, na realização da visita ao Taim, em que conhecemos espécies desconhecidas da fauna e flora nativa da região, tanto para as a turma quanto para a professora pesquisadora.

### **1.3 A geografia das crianças: construindo a noção de participação por meio da pesquisa**

Durante a realização das atividades para a construção dos dados empíricos da pesquisa, muitos foram os espaços e lugares ocupados pelas crianças. As marcas das infâncias participantes foram registradas, deixando à mostra vivências, interrogações, explorações e descobertas em espaços-tempos, por vezes, aparentemente conhecidos e simultaneamente, desconhecidos. As atividades na sala de aula, as brincadeiras no pátio, a viagem e as aprendizagens, no “misterioso” e “inquietante” Taim foram experiências da infância que produziram significações, ao longo deste estudo. Para Lima, “é num espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas; e ao fazê-lo esse espaço material se qualifica”, (LIMA, 1989, p. 13) desenvolvendo o sentimento de pertencimento e envolvimento.

Para Lopes, o espaço também

Evidencia a intensidade das transformações e a constante intencionalidade nele presente e nos faz pensar o espaço geográfico como fruto de embates, conflitos, cooperações, acordos e desacordos produzidos nas interfaces dos diferentes sujeitos, dos eventos naturais, com intensidades que variam não só no tempo e no espaço, mas como também no jogo de interesses que o envolvem, portanto, em constantes mudanças e transformações. (LOPES, 2009, p. 124).

Em colaboração com o autor acima, é possível apontar que para desenvolver mudanças e transformações no aprendizado das crianças sobre os animais nativos do Taim e para transpô-lo de um espaço desconhecido para um lugar desejado por elas, foi necessária a

realização de problematizações e atividades que contribuíssem para essa construção, como por exemplo, a construção do mapa sensorial do Taim.

Do conjunto de sujeitos participantes da pesquisa, apenas três anunciaram já ter conhecimentos prévios sobre os animais nativos de nossa região, sendo que Danielle e Joice possuem convivência em sítios próximos a Rio Grande, além de Nathan, que relatou ter ido passear em Santa Vitória do Palmar passando pela estrada que corta a ESEC TAIM. Na medida em que as espécies que habitam o Taim, foram sendo apresentados à turma, gradativamente, foram se familiarizando e apresentando o desejo de conhecê-las.

A apropriação afetiva de um espaço somente ganha sentido de lugar, quando ele nos favorece a possibilidade de construir relações identitárias. Neste caminho, os processos da pesquisa possibilitaram que o Taim e seus animais, passassem de um espaço abstrato a um lugar próximo e conhecido pela turma, onde as relações de pertencimento estavam presentes. Na medida em que as crianças passaram a desejar conhecer a ESEC TAIM, foi possível perceber a identificação com a temática e a efetivação do Taim como lugar.

O processo de apropriação do lugar aproxima-se do paradigma da ternura, posto “dar-se no presente, como acontecimento que se vive, se entrega ou se recebe, resistente a qualquer promessa ou tempo-realização que busque colocá-la numa instância além do corpo e do tato, compartilhados na vida diária” (RESTREPO, 1998, p.15). Nesta abordagem, o lugar instiga, aproxima e tem o poder de despertar curiosidades, de buscar novos conhecimentos explicitando sentimento de pertencimento nos sujeitos que viveram essas experiências, ou seja, as crianças.

O lugar também é concebido como algo que nos toca pelo contato com os outros, que remete ao pertencimento e a partir desta relação pode ser transformado em território. Para Jader Lopes, o “lugar-território” é

(...) uma linguagem espacial entre as crianças que, com seus pares, presentificam suas presenças na paisagem, transformam o espaço em lugares-territórios, escrevendo suas histórias e geografias no mundo, se constituindo como sujeitos. O que é espaço, gradativamente, transforma-se em lugares-territórios a partir do contato com o outro. (LOPES, 2011, p. 103).

A realização da pesquisa sobre os animais do Taim foi, ao menos parcialmente, esse lugar-território anunciado pelo autor, juntamente ao conhecimento e descobrimento de um espaço tão perto - mas tão longe ao mesmo tempo - e trouxe às crianças um refletir, relacionar e projetar de novas percepções e aprendizagens conforme o desenvolvimento da pesquisa. Na medida em que iam sendo desenvolvidas as atividades de investigação, as crianças faziam

reflexões sobre a temática investigada, construindo conhecimentos que transpuseram o Taim de espaço desconhecido a lugar desejado. Também fizeram aproximações entre suas vivências e as novas aprendizagens sobre o Taim e, mais do que tudo, projetavam como seria esse lugar e como seria bom conhecê-lo.

Muitos foram os momentos em que a turma me perguntou se seria possível visitar o Taim e foi por meio deste questionamento que surgiu a necessidade de organizar um passeio até a ESEC TAIM. Posteriormente a esta inquietação, organizei a turma para ser levada ao Taim, oportunizando ao grupo conhecê-lo. A saída de campo, geralmente muito atrativa proporcionou à turma conhecer o trajeto que precisa ser feito para chegar à área da Estação e, também, visualizar muito de perto as espécies que vivem lá. O entusiasmo da turma diante das descobertas deste lugar foi um dos elementos observados nesta caminhada de investigação-ação. Para Lopes:

O sentido de infância é atravessado, dessa forma, pelas dimensões do espaço e do tempo que, ao se agregarem com o grupo social, produzem diferentes arranjos culturais, diferentes traços símbolos. As crianças ao se apropriarem dessas dimensões, as reconfiguram, as reconstruem, e ao se criarem, criam suas diferentes histórias e geografias. (LOPES, 2008, p. 67).

Com seus pares, as crianças aprendem, criam e recriam tempos, espaços e lugares. Nesse sentido, elas foram apresentadas a novos horizontes, novas perguntas e foram desafiadas a caminhar, a traçar seu próprio caminho, escrevendo suas histórias de vida e suas geografias. Por meio das vivências e transformações, novos interesses foram desenhados e novos caminhos almejados, havendo a ampliação do campo de conhecimento geográfico da turma.

A realização deste estudo permitiu descobrir que o grupo sujeito da pesquisa pouco conhecia sobre as espécies nativas do Taim, seu habitat, e diversidade, mas no decorrer das propostas de investigação e por meio das problematizações traçadas, o grupo passou a conhecer peculiaridades e a identificar os animais nativos da região. Essa relação reforçou a compreensão do lugar elaborada por Lima: “não é apenas o lugar da imaginação poética: ele é também fruto de conhecimentos, objetivos, lugares de relações vitais e sociais concretas e determinadas, por elementos materiais que modificam a sua natureza e qualidade”. (LIMA, 1989, p. 14)

O caminhar da pesquisa modificou a temática que, de isolada, passou para um conjunto de aprendizagens, mediadas pelos interesses da turma e da professora pesquisadora. Nesse embate entre o conhecido e o desconhecido, o interessante e o desinteressante, a

pesquisa ganhou vida e se materializou. O que antes era visto como um assunto alheio, indiferente ou desconhecido pelo grupo foi ganhando corpo no caminho percorrido. A projeção da sala de aula e as aprendizagens para além dos muros da escola, visualizados e vivenciados pela investigação, ofereceu à turma significação e compreensão de novas experiências. Nessa direção, os processos desenvolvidos durante a realização da pesquisa da turma e da professora pesquisadora, proporcionaram aos participantes a oportunidade de serem sujeitos autônomos na construção de seus conhecimentos, pois,

toda pesquisa é intervenção, na medida em que é um mergulho na experiência, onde fazer e conhecer são inseparáveis, recusando qualquer pretensão à neutralidade científica ou mesmo a suposição de um sujeito e de um objeto prévio à relação que os engendra. Mundo e sujeito são contemporâneos ao ato cognoscente. O que se afirma é a inseparabilidade entre ser-existir-viver-conhecer-pesquisar-fazer intervenção. (BARROS; MORSCHEL, 2012, p. 63).

Para as autoras, por meio da pesquisa, podemos vivenciar um universo repleto de descobertas e significações, pois, “mundo e sujeito” estão imbricados em sua existência e no constante ato de transformação do conhecimento. Embora as crianças participantes desta pesquisa não vivessem fisicamente no Taim, ainda assim, elas tiveram a oportunidade de exercitarem identificações com o lugar por meio da visitação, das vivências e da realização de estudos/atividades sobre os animais que habitam a Estação Ecológica. Callai contribui sobre o entendimento do conceito de lugar dizendo que

(...) lugares são espaços construídos que resultam da história das pessoas, dos grupos que ali vivem; que conhecer o lugar permite se reconhecer como sujeito, percebendo sua identidade e pertencimento; que cada um tem vínculos afetivos que os ligam com o lugar (...). (CALLAI, 2011, p. 37).

De acordo com o fragmento acima, o lugar é construído pelas ações das pessoas que cotidianamente fazem inferências nesse e, assim, originam sentimentos de pertencimento sendo uma construção identitária. Para que as crianças construíssem relações de proximidade com o Taim, foi preciso o desenvolvimento de uma proposta de intervenção que ampliasse o conhecimento, promovendo a importância que cerca a existência de uma Estação Ecológica como a do Taim. Os lugares são constituídos pelas experiências nele produzidas, mas, também, remetem histórias nos sujeitos dessas experiências, sendo um processo mútuo de significações.

As propostas investigativas possibilitaram que a turma fosse transportada inclusive através da imaginação ao lugar estudado, ou seja, ao Taim, antes mesmo de visitá-lo. Posso citar, como exemplo, as muitas vezes em que as crianças relataram ter sonhado com os

animais, como com o jacaré-de-papo-amarelo ou com a borboleta-seda-azul ou, mesmo com a visita a Estação por meio de seus imaginários e sonhos. Nas brincadeiras, no pátio da escola, também pude observar a pronúncia dessas espécies durante as conversas. Isto me remete a pensar sobre o prazer e a satisfação da turma em ter participado dessa pesquisa.

Considerando o aporte de Lopes, reflito que as experiências desenvolvidas pelas/com as grupo fizeram parte de um plano de mediações, pois:

O espaço das crianças é, portanto, um espaço geográfico, e pensar suas ações sobre este deve ser percebido nessas condições. A experiência sensório-motora, a percepção ambiental não pode ser compreendida apenas como um conjunto de maturações e ações, mas sim em planos culturalmente construídos, em que o processo de mediação está sempre presente. (LOPES, 2009, p. 128).

Por meio das mediações e problematizações realizadas com a turma, foi possível construir um caminho de pesquisa formação em parceria com elas. Sensações, emoções e desejos foram despendidos a cada uma das atividades de intervenção com as elas. A experiência geográfica e histórica de se transpor a um espaço desconhecido, o desejo de conhecê-lo, provavelmente tornou o Taim um lugar de significações para muitas das crianças participantes da pesquisa. Por meio de fotos, documentários, mapa sensorial, desenhos e outros artefatos incitei o imaginário delas levando-as à concretização do ver, sentir e estar no Taim, mesmo muito antes de visitá-lo presencialmente. A experiência de visitação à Estação, presumo, ficará guardada e significada na memória de muitas delas, povoando seus imaginários e regada por emoções sentidas na proposta experienciada.

#### **1.4 Cuidado e bem-estar animal**

Muito tem se falado sobre a necessidade de mudar a visão da população mundial em relação aos animais, sejam eles domésticos ou selvagens. Nessa longa jornada, buscamos a conscientização de que algo precisa ser feito para respeitar esses seres, garantindo-lhes cuidados e atenção. Nesse caminho, dando um passo de cada vez, uma parte da população está voltando seu olhar para a ajuda e cooperação na luta pelo bem-estar deles.

Diariamente ao acessar alguma das redes sociais, em especial o *Facebook*, é possível ver a divulgação de diferentes espécies abandonadas, agredidas, mutiladas, mortas, entre tantos outros acontecimentos que acabam por operar um sentimento de tristeza, revolta e desejo de justiça. Grupos de defensores dos direitos dos animais vinculam essas publicações em suas páginas como forma de protesto e divulgação dos maus tratos a todos os tipos de

animais, mas em especial a cães e gatos que, em nossa sociedade, são muito mais próximos aos seres humanos. Presumo que muitos desses acontecimentos acabam por gerar, em quem os vê, indignação, repulsa, raiva, ódio ou, até mesmo, quem sabe, de outro lado o amortecimento dos sentimentos.

A causa animal tem despertado o desejo de vencer a exploração, o consumo, os maus tratos e a extinção de diferentes espécies em distintos habitats. Neste sentido é que se tem apostado no trabalho com as crianças, para que desde pequenas entendam os direitos que os animais têm, ultrapassando o conceito de servidão e inferioridade que os animais humanos definiram para eles. O papel da escola ganha relevância nesses processos.

A cidade de Porto Alegre<sup>5</sup>, por exemplo, tem apostado em um projeto realizado nas escolas, no qual são trabalhados os direitos dos animais. O projeto intitulado “Essa escola é o bicho” é desenvolvido pela Secretaria Especial dos Direitos Animais (SEDA) do município e atende crianças e adolescentes entre 4 e 15 anos, das escolas municipais. Esse projeto desenvolve conceitos de responsabilidade, respeito, amor e cuidados com os mesmos.

A cidade de Rio Grande/RS foi contemplada com a criação da Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais no ano de 2014, através da Lei 7.581/14, que criou, também, o programa permanente de controle populacional de espécies domésticas de pequeno porte, dentre outras providências. Essa iniciativa do Governo Municipal prevê o controle populacional de cães e gatos no município através de esterilizações e a educação para a guarda responsável e para os direitos animais. O programa de controle populacional conta com o Castramóvel, com dois médicos veterinários concursados, com a adesão de três clínicas particulares credenciadas através de edital de chamamento público. São atendidos cães e gatos em situação de rua, e/ou sob a tutela de protetores e de pessoas de baixa renda<sup>6</sup>.

Na FURG existem produções que indicam novos paradigmas em construção e destaco dois trabalhos nesta direção: Em relação aos cães na cidade de Rio Grande, RS, encontrei no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da FURG, a dissertação de Mestrado de Karine Sanchez (2013), que traz à tona a problemática que circunda indivíduos humanos e cães. Nessa pesquisa, encontramos importantes reflexões sobre a vida de animais domésticos como os cães, no que se refere ao grande número de abandonos existentes. A autora apresenta

---

5 AMARAL, Roberta. Prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal\\_pmpa\\_novo/default.php?p\\_noticia=171656&ALUNOS+DA+REDE+MUNICIPAL+RECEBEM+NOCOES+DE+DIREITOS+ANIMAIS](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=171656&ALUNOS+DA+REDE+MUNICIPAL+RECEBEM+NOCOES+DE+DIREITOS+ANIMAIS). Acesso em: 12/02/2015.

6 Dados retirados do site da Prefeitura Municipal do Rio Grande, disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/noticias/detalhes+3ddbdc.coordenadoria-dos-animais-tem-50-animais-castrados-e-chipados-em-setembro.html#.VqjwqSorLIU>.

reflexões que contribuem para a construção de uma mentalidade ética de cuidado e proteção a estas espécies.

Outro trabalho que contribui para a construção de uma nova visão humanitária e ética em relação às espécies não humanas é a Tese de Doutorado de Cláudio Azevedo (2013), encontrado, também na base de dados Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG. Em seu trabalho, encontramos reflexões sobre a importância ética com todas as espécies vivas, o cuidado e a alteridade no que se refere ao rizoma da vida e aos elementos que configuram nossa existência.

Quando falamos de cuidado e defesa dos animais em qualquer instância, é preciso saber que “(...) a questão não é saber se os animais são capazes de raciocinar ou se conseguem falar, mas se são passíveis de sofrimento, pois o que deve ser levado em consideração é a capacidade de sofrer e não a de raciocinar (...)”. (LACERDA, 2011, p. 22). Há nessa questão um paradigma, um modo de ver e viver e, evidentemente, não podemos desconsiderar o peso do capitalismo que a tudo atribui um valor econômico segundo a capacidade de produzir e/ou consumir.

Restrepo traz a necessidade de mobilizarmos a “ternura” nas relações com o outro, seja ele animal humano ou não e que

Ao defender redes de dependência que não se oponham à emergência da singularidade, o chamado à ternura e à recuperação da sensibilidade adquirem uma inegável atualidade ecológica, articulando-se com grande riqueza simbólica no paradigma da ecoternura. Somos ternos quando abandonamos a arrogância de uma lógica universal e nos sentimos afetados pelo contexto, pelos outros, pela variedade de espécies que nos cercam. Somos ternos quando nos abrimos à linguagem da sensibilidade, captando em nossas vísceras o prazer ou a dor do outro. (RESTREPO, 1998, p. 84).

A citação acima faz um convite à nossa espécie para acolhermos a linguagem da sensibilidade, indicando, portanto, que os direitos animais devem abarcar a dor física e emocional, e não serem associados à (in)capacidade de pensar e falar (SUNSTEIN, 2014). Devemos buscar a abolição do sofrimento deles em prol do entretenimento humano ou de suas vaidades; animais não devem ser vistos como objetos de servidão, mas sim como seres de direitos.

Cada ser vivo é único e a vida deve ser entendida como um bem maior e por si mesma ser tomada como produtora de direitos que devem garantir o cuidado, a dignidade e o bem-estar. “Assim, os animais não humanos devem ser reconhecidos como sujeitos de valores próprios, e não derivados da existência do homem, ou para o homem”. (BARATELA, 2014, p. 74).



Na busca por novos olhares e visões ternas, Restrepo aborda, em seu livro “O Direito a ternura”, reflexões sobre a vida cotidiana e seus atravessamentos, bem como as “violências sem sangue”<sup>7</sup> vividas por humanos e não humanos. Nessas reflexões é possível perceber que o autor dá ênfase aos sentimentos de compaixão e generosidade entre as espécies, contrapondo o que está sendo produzido em nossa sociedade. O autor busca ressignificar a aproximação amorosa e atenciosa através do paradigma da ternura. Nesta direção, na busca por mais flexibilidade e tolerância, necessitamos termos o cuidado como princípio ético, com animais humanos ou animais não humanos, objetivando uma vida de respeito e de direito para todos.

Em proposta semelhante, Weil apresenta em seu livro “O poder e a promessa da Educação Humanitária” uma proposta diferenciada de ensino sobre o respeito e o cuidado com a vida humana e animal e faz um convite para conhecer essa forma de ensinar crianças e jovens, com a finalidade de pensar e discutir sobre os acontecimentos da vida, seus benefícios e malefícios às diferentes espécies humanas e não humanas e/ou do ambiente, mostrando ao leitor exemplos de como viver com respeito e compaixão ao próximo. A metodologia apresenta aos estudantes o outro lado da “moeda”, aquele que, na maioria das vezes, é escondido pelos fabricantes e empresas de grande porte, a respeito dos maus tratos e testes em animais.

A autora propõe também, a reflexão e busca por possíveis soluções aos acontecimentos diários, como por exemplo, o que fazer para amenizar o sofrimento de animais não humanos ou o desmatamento de florestas. Nesse caminho, o livro traz a contribuição dos quatro elementos da Educação Humanitária: fornecer informações precisas; incentivar os três Cs - curiosidade, criatividade e crítica; instalar os três Rs - reverência, respeito e responsabilidade além de oferecer escolhas positivas que beneficiem a si mesmos, outras pessoas, a Terra e os animais. Tais elementos contribuem para a construção de um processo reflexivo acerca das ações realizadas no meio em que se vive.

### **1.5 A invisibilidade diante da visibilidade: pesquisando os animais do Taim**

Destaco neste subcapítulo, uma reflexão desta pesquisa, a “invisibilidade” diante da “visibilidade”, com relação aos animais do Taim. Esses, nativos de nossa região cuja localização física fica pouco distante da vida da turma, sujeitos desta pesquisa, apresentaram

---

7 O autor usa essa expressão “violência sem sangue” para apontar as “contusões no corpo que [não]possam ser detectadas pelos legistas, mas que nem por isso deixam de provocar sofrimento e morte”. (RESTREPO, 1998, p. 11).

inicialmente caráter de desconhecimento para a maioria delas. Uma pequena parcela apontou no início do estudo do grupo, já ter passado pela BR que corta a Estação Ecológica do Taim. As demais, apenas conheciam o cardeal, o quero-quero, que são encontrados também na zona urbana da cidade do Rio Grande.

Mesmo que a Estação Ecológica do Taim tenha vinculação com a mídia televisiva e computacional, na escola ainda não haviam estudado sobre tal temática, atribuindo a mesma um caráter de invisibilidade. A construção de uma pesquisa com as crianças sobre esse lugar belo e encantador que guarda a vida de animais nativos de nossa região, proporcionou a elas, ampliar os conhecimentos sobre as diferentes espécies existentes, em especial os encontrados no Taim, atribuindo ao mesmo status de visibilidade.

Dentre as atividades de intervenção desenvolvidas, a construção do “alfabeto dos animais do Taim”, contribuiu para que elas conhecessem os nomes e a fisionomia de muitas espécies desconhecidas pela turma. Nesse processo, ajudei a turma, levando para apresentação e visualização imagens de livros que tinham como tema animais nativos. A cada letra do alfabeto, foram instigadas a pensar sobre essa temática, para fazer a escrita dos nomes dos animais, junto com a realização de desenhos representativos das diferentes espécies encontradas no Taim.

A realização dessa atividade, proporcionou o desenvolvimento de processos imaginativos, que contribuiriam para o (re)conhecimento de diferentes espécies do Taim pois, levando em conta a perspectiva de Calvino partimos “da palavra para se chegar à imagem visiva (...) ou parte-se da imagem visiva para chegar à expressão verbal”. (CALVINO, 2010b, p. 99). Com isso, ambas as ações potencializaram a construção do conhecimento sobre os animais do Taim, pois imagens e palavras andaram conjuntamente. O conhecimento sobre espécies pela turma, tais como o quero-quero, cardeal, entre outros foi aprimorado e os descobertos passaram a habitar o imaginário e o mundo cognoscente delas, ganhando consolidação por meio do desenho e da escrita.

A realização de atividades como essas proporcionaram ao grupo o desejo de investigar e a vontade de conhecer o novo. A invisibilidade do Taim e dos seus animais, diante da turma era um fato, mas, após o desenvolvimento deste estudo, é possível apontar que lhe foi conferida visibilidade.

O “invisível diante do visível”: As crianças sabiam de alguns animais, mas não os viam, embora a proximidade física. Não havia lhes sido ensinado a ver, assim como nos apresenta Galeano (2002) em “Me ajuda a olhar”, no contato primeiro de uma criança com o mar

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (GALEANO, 2002, p.12).

Tal como Diego que precisava se ajudado a ver o mar, as crianças precisaram ser ajudadas a ver o Taim: Ver a beleza e valorizar o que é peculiar ao espaço local. Era preciso apontar outros conhecimentos, buscar atribuir significados ao que estava acessível aos olhos, mas não era visível aos sentidos.

Calvino (2010a), através de sua criação literária, tem em Palomar<sup>8</sup> outro sujeito - adulto - que através da observação atenta do mar aprendeu a ver.

O mar está levemente encrespado e pequenas ondas quebram na praia arenosa. O senhor Palomar está de pé na areia e observa uma onda. Não que esteja absorto na contemplação das ondas. Não está absorto, porque sabe bem o que faz: quer observar uma onda e a observa. Não está contemplando, porque para a contemplação é preciso um temperamento conforme, um estado de ânimo conforme e um concurso de substâncias externas conforme: e embora em princípio o senhor Palomar nada tenha contra a contemplação, nenhuma daquelas três condições, todavia, se verifica para ele. Em suma, não são “as ondas” que ele pretende observar, mas uma simples onda e pronto: no intuito de evitar as sensações vagas, ele predetermina para cada um de seus atos um objetivo limitado e preciso. (CALVINO, 2010a, p. 7 – grifos do autor).

No trecho destacado, é possível apontar que a observação, contemplação e a definição de objetivos são necessárias para que se possa “ver melhor” o que está “escondido”, o que os olhos, por si só, não conseguem ver. Assim como Palomar queria observar não “as ondas”, mas, sim, a “onda”, o estudo intencionou a observação, do Taim e a compreensão desta temática com o grupo como uma forma de valorização e conhecimento de animais não humanos nativos da nossa região, foi a “onda” observada e o objetivo “limitado e preciso” de Palomar. Semelhante ao observado por Palomar, personagem criado por Calvino, o mais importante foi conferir sentido ao que é próximo como, por exemplo, a fauna nativa que se

---

8 Palomar é o nome de um famoso observatório astronômico que durante muito tempo ostentou o maior telescópio do mundo. Por intencional ironia, é também o nome do protagonista destes textos curtos de Ítalo Calvino, pois este senhor Palomar é todo olhos, mas funciona quase sempre como se fosse um telescópio ao contrário, voltado não para a amplidão do espaço, mas para as coisas próximas do cotidiano. É como se ele nos dissesse que as grandes questões do mundo e da existência também estão presentes em cada objeto que observamos, em cada cena que presenciamos, e que tudo é digno de ser interrogado e pensado. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=10484>.

apresentou simultaneamente tão pertinho (mas tão longe) do universo de crianças riograndinas.

A delimitação dos objetivos de pesquisa orientou os caminhos a serem seguidos e o mesmo foi organizado, mas a realização de estudos com crianças seguiu uma orientação leve e flexível. Essa clareza com relação à realização da pesquisa possibilitou que o que estava invisível fosse desvelado e seus “segredos” e belezas melhor apreciados. O que precisava ser posto “a nu”, ou seja, os animais nativos do Taim teve êxito uma vez que a turma conheceu e estudou essa realidade.

Como fazia “Palomar”, foi necessário observarmos, mas não com um observar supérfluo; dispor sim, de um olhar atento e curioso. Observando, fomos encontrando os achados da pesquisa, desvelando o que estava escondido, apresentando a cada intervenção realizada as espécies nativas e o Taim. Esse processo foi longo e trabalhoso, mas o caminho nos levou a descobertas inusitadas. A observação, desenvolvimento, análise e produção dos dados de pesquisa revelaram a estrada percorrida.

Em relação à descoberta Calvino (2010a), aponta que

Da superfície muda das coisas deve partir um sinal, um chamado, um piscar: uma coisa se destaca das outras com a intenção de significar alguma coisa... o quê? Ela mesma, uma coisa fica contente de ser observada pelas outras coisas só quando está convencida de significar ela própria e nada mais, em meio às coisas que significam elas próprias e nada mais. (CALVINO, 2010<sup>a</sup>, p. 102).

Da observação do Taim e sua fauna e flora, as crianças construíram um estudo diversificado, com caráter inédito para a turma. “Olhar e ver”, nesse estudo, significaram um olhar atento diante dos elementos apresentados pelo estudo do grupo. O campo de estudo foi repleto de atrações, desafios, perguntas, mas o que orientou nosso olhar, nosso foco foi a clareza do que buscávamos. O que estava escondido, foi descoberto e o que estava aparentemente posto, foi ressignificado.

## POEMINHA EM LÍNGUA DE BRINCAR

Eu tinha no rosto um sonho de ave extraviada.  
Falava em língua de ave e de criança.

Sentia mais prazer de brincar com as palavras  
do que pensar com elas.  
Dispensava pensar.

Quando ia em progresso para árvore queria florear.  
Gostava mais de fazer floreios com as palavras do  
que de fazer ideias com elas.

Aprendera no Circo, há idos, que a palavra tem  
que chegar ao grau de brinquedo  
Para ser séria de rir.  
(...)

BARROS

## **CAPÍTULO II: Metodologia da pesquisa: Investigação-ação**

Neste capítulo, destinado a apresentar a metodologia de pesquisa utilizada Manoel de Barros (2013a) contribui com sua poesia, apresentando a possibilidade de tornar as palavras formas de brincadeiras, mas essenciais à comunicação e a expressão humana. A seriedade na apresentação dos processos desenvolvidos deve abrir brechas para a fruição dos sentidos, assim como a metodologia escolhida atender aos propósitos de uma professora pesquisadora em construção com seu grupo de crianças. As palavras contribuem com essa construção, pois “a palavra tem que chegar ao grau de brinquedo, para ser séria de rir” (BARROS, 2013a, p. 27).

A escolha pela metodologia da investigação-ação esteve embasada na possibilidade que ela oferece ao pesquisador em realizar uma pesquisa de cunho social e qualitativo, onde são valorizados os processos desenvolvidos com os sujeitos participantes. Tal metodologia proporcionou a professora pesquisadora “refletir sobre a própria prática, isto é, de investigar o próprio trabalho a fim de melhorá-lo” (FORMOSINHO, 2014, p. 31). Essa perspectiva foi adequada, pois atendeu aos propósitos do trabalho da docente em sua investigação visando análise das práticas pedagógicas e ampliação dos referenciais teóricos.

A investigação-ação possibilitou, aos sujeitos de pesquisa, construírem e se envolverem nos processos produzidos. Por se tratar de um processo de investigação social, esta metodologia sugeriu a construção de um caminho diferenciado, dando ênfase às problematizações e aos processos desenvolvidos, oriundos da pesquisa realizada. Nesta

direção, “o professor passa de objeto da investigação dos acadêmicos a sujeito da sua própria investigação” (FORMOSINHO, 2014, p. 31-32).

O professor pesquisador é sujeito do processo, mantendo o ato reflexivo sobre a abordagem pedagógica desenvolvida em sala de aula. Assim, a proposta de investigação foi articulada a um processo reflexivo do trabalho desenvolvido juntamente as crianças.

Segundo Formosinho a investigação-ação,

*forma, transforma e informa. Informa* através da produção do conhecimento sobre a realidade em transformação; *transforma* ao sustentar a produção da mudança praxiológica através de uma participação vivida, significada e negociada no processo de mudança; *forma*, pois produzir a mudança e construir conhecimento sobre ela é uma aprendizagem experiencial e contextual, reflexiva e colaborativa. (FORMOSINHO, 2014, p. 33- grifos do autor).

A indicação da autora na citação acima aponta que, formar, transformar e informar abarca os processos de investigar, conhecer e aprender sobre as propostas pesquisadas. Em posição semelhante, Molina corrobora que “o ponto mais importante da investigação educativa nesses moldes será o convite ao professor para melhorar seu trabalho mediante o exercício desse trabalho, sendo que a prática é em si mesma um processo de investigação”. (MOLINA, 2007, p. 28) Um processo educativo requer rigor, organização e reorganização, pois é no fazer e refazer que são encontrados os caminhos “ocultos” e necessários ao ensinar e aprender. Assim, a prática educativa requer mais do que reflexão, requer colaboração e emancipação.

O professor pesquisador deve, portanto, procurar assumir um papel de proximidade com o campo de pesquisa, priorizar a construção do saber e romper com os preconceitos que o limitam e buscar na temática investigativa os caminhos ainda não percorridos e/ou desconhecidos. Nessa tarefa de desvelar o que está ainda por ser descoberto, é que se concretiza a parceria entre pesquisador e sujeitos de pesquisa, pois ambos colaboraram para a produção dos dados e, nesse caminho, fazem emergir os caminhos da pesquisa. Nesses processos, é importante ter ferramentas de análise, construção e (re) organização da pesquisa, fazendo, quando necessário, mudanças de estratégias no constante processo de desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, é preciso praticar o exercício do estranhamento, ver o que não está posto, pois a pesquisa de campo “deve proporcionar distância e proximidade, familiaridade e estranhamento” (SILVA, BARBOSA; KRAMER, 2008, p. 80). Esse processo, por sua vez, proporcionará descobertas, análises e reflexões mais profundas sobre o tema pesquisado. A desnaturalização do olhar não é tarefa fácil, mas somente praticando esse exercício foi

possível ver e ouvir o que, de fato, as crianças estavam a indicar nos elementos produzidos e registrados por elas.

## **2.1 Tirando do “bolso da imaginação” as atividades de investigação**

Durante a realização de uma disciplina do mestrado, intitulada “Estudos e pesquisas sobre práticas sociais de leitura e escrita em diferentes contextos” ministrada pela professora Gabriela Nogueira no primeiro semestre de 2014, focada nos processos de alfabetização e letramento, tive contato com muitos textos e discussões sobre esses temas, mas também voltados ao ensino de Artes Visuais. Dentre estes textos, um título chamou minha atenção, sendo intitulado “Da imaginação ou uma borboleta saindo do bolso da paisagem”, de Davina Marques e Ivânia Marques (2013). Esse texto, por sua vez, desenvolveu em mim, um processo de pensar sobre a poética presente na obra que acabou por desdobrar na inspiração que denomina esta seção com o título “Tirando do bolso da imaginação” as atividades de investigação.

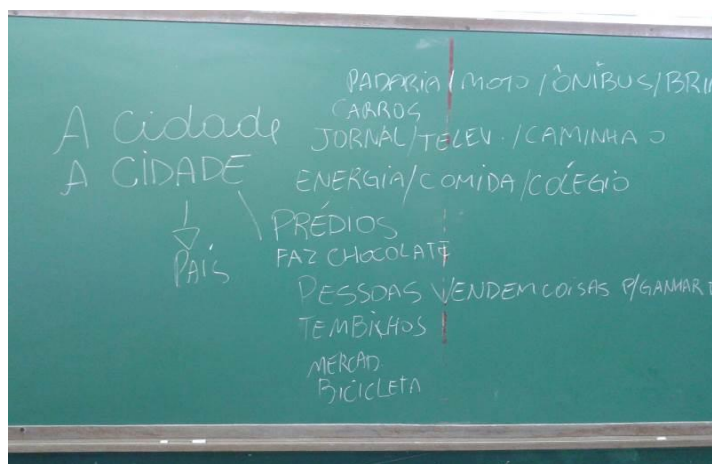
Este título despertou-me um processo reflexivo sobre o desafio que foi posto: o de refletir sobre as atividades de investigação a serem desenvolvidas com as crianças, objetivando que elas se interessassem e desejassem participar de uma pesquisa com temática escolhida por elas e, assim, evidenciar suas concepções e percepções sobre a proposta estudada.

## **2.2 Primeiros caminhos investigativos...**

Os primeiros caminhos investigativos traçados neste estudo decorreram de atividades de intervenção na turma sujeito da pesquisa. A proposta objetivou um primeiro contato das crianças com as temáticas iniciais propostas: “a cidade, as crianças e os animais”. A atividade problematizadora, sob a forma de uma “explosão de ideias”, abarcou, no primeiro momento, uma apresentação dos temas, visando uma conversa informal com as crianças.

Na medida em que os temas eram apresentados, cada criança teve a oportunidade de elencar suas percepções. Questionei a turma sobre o que pensavam e entendiam a respeito dos temas “cidade”, “crianças” e “animais”. Tais propostas obtiveram como respostas representações orais que simularam seus significados de forma individual das crianças. Cada resposta, foi registrada no quadro de giz pela professora pesquisadora, proporcionando a visualização por todos da turma.

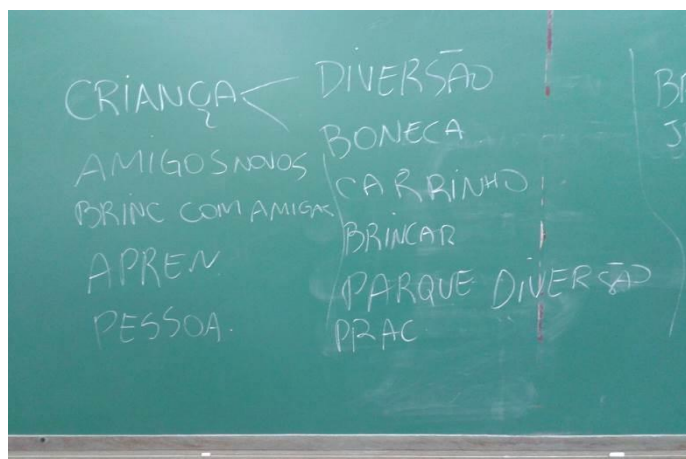
No primeiro assunto, “a cidade” (Figura 22), a turma elencou diversas questões como: lugar onde se ganha dinheiro, lugar onde há prédios, pessoas, carros, vendas, brinquedos, escolas, entre outros. Na medida em que iam sendo questionados, apresentavam as hipóteses. Todas as crianças presentes participaram, contribuindo de alguma forma. O tema revelou um dado, possível de ser percebido no momento da intervenção, a de que as crianças possuem uma noção do que seja uma cidade provavelmente construída a partir de seus deslocamentos e vivências na/com a cidade.



**Figura 22: Apontamentos sobre a cidade**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Na apresentação da segunda temática, “as crianças” (Figura 23), a turma apresentou respostas como: liberdade, diversão, brincadeira, pracinha, aprender, entre outros. Percebi que as crianças respondiam aos questionamentos feitos, mas pareciam “já ter o entendimento”, uma vez que vivem e são a própria concretude do tema. Participaram e interagiram, mas deram a impressão de que não seria o tema mais adequado, naquele momento, ou desejado, para a construção de um diálogo de pesquisa.

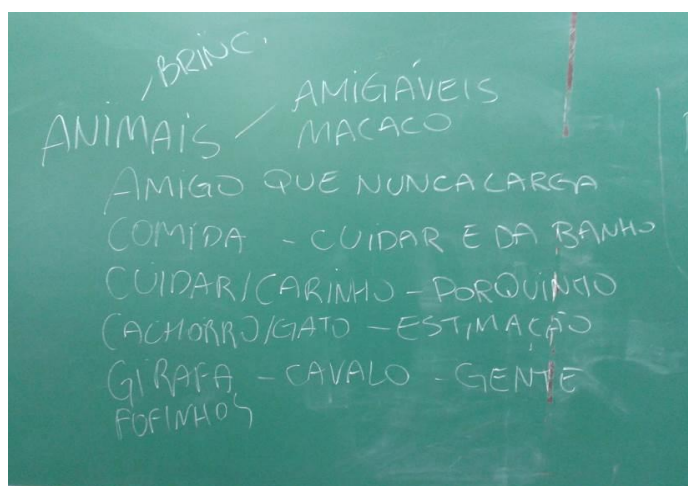


**Figura 23: Apontamentos sobre a Criança**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora



Na terceira temática apresentada, “os animais” (Figura 24), a turma antes mesmo de anunciar suas percepções acerca deles para ser registrado no quadro de giz, apresentou entusiasmo. Queriam falar todos ao mesmo tempo e falaram muito. Tive de organizar o grupo, para que todos pudessem expressar seus entendimentos sobre o tema. A turma apresentou respostas como: carinho, amizade, cuidado, amigo, inseparável, entre outros. Percebi que o assunto instigou a turma, despertando a vontade de falar e revelar suas percepções e vivências sobre o tema. Os animais inicialmente foram identificados, pela professora pesquisadora, como o assunto preferido, tornando-o então, referência para o trabalho investigativo na/com as crianças



**Figura 24: Apontamentos sobre os Animais**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Num segundo encontro, no dia 14 de agosto de 2014 pedi às crianças para que fizessem um desenho representando cada uma das temáticas, a cidade, as crianças e os animais, o que foi feito com muita empolgação. Esta articulação foi desenvolvida, objetivando que cada criança registrasse em desenho, em uma folha do tipo ofício, o que significava para si cada um dos temas decorrendo de suas concepções a respeito das questões anunciadas.

Objetivando colher as impressões das crianças e seus sentimentos sobre a pesquisa que iríamos realizar, qual temática mais as tocava, causava-lhes emoção pedi que dividissem em três partes a folha entregue. Ao final do registro das impressões (Figura 25) de cada uma das crianças, questionei a turma sobre qual proposta gostariam de pesquisar, sendo enunciada e confirmada a realização de uma pesquisa da turma sobre os animais.



**Figura 25: Desenho sobre a cidade, as crianças e os animais**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Nas atividades exploratórias, a turma representou cada um dos temas muito especificamente: a cidade foi representada por casas, prédios, carros; as crianças, por reproduções de figuras humanas e os animais, por meio de desenhos de diferentes espécies, tanto selvagens quanto domésticas. Cada um desses temas causou nelas algo que somente elas saberiam dizer: algo íntimo, cuja motivação para a escolha de um tema e não outro se constituiu por sentimentos ou curiosidades mobilizadas.

Apresento um exemplo de registro realizado pelo menino Renan, de seis anos (Figura 26), que faz representações bem específicas como aproximações da sua realidade para cada uma das temáticas propostas.



**Figura 26: Desenho sobre a cidade, as crianças e os animais**

**Autor: Renan – 6 anos**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Percebi, durante todo o processo investigativo inicial, como característica deste grupo, que o desenho era desejado e tomado como um momento de prazer e realização. Quando desenhavam, realizavam o registro de suas impressões, de seus desejos, de seus projetos mentais. O desenho foi um exercício tomado por estas crianças como motivador de ações e forma de registro de noções. Valorizei a construção das crianças e o desenho realizado por elas, como forma efetiva a qual me auxiliou a perceber o que pensavam e imaginavam a respeito da temática de pesquisa. Nesta direção, “o desenho permite-lhe transmitir os seus sentimentos, desejos, fantasias e emoções, tendo, por isso, uma importância vital no desenvolvimento e crescimento da criança” (GONÇALVES, 2006, p. 39). Por meio do desenho, a criança conta uma história, imprime um sentimento, atribui um significado.

Ainda sobre o entendimento do desenho da criança, a autora destaca que

Durante este processo a criança põe em jogo os seus sentimentos, os seus desejos, as suas emoções positivas e negativas, alivia-se de tensões, descarregando a sua agressividade, o seu amor e o seu ódio de uma forma especialmente útil e saudável: sem causar dano a ninguém, de maneira que o resultado não é a frustração ou o sentimento de culpa. (GONÇALVES, 2006, p. 42).

Essas primeiras ações de intervenção foram fundamentais para determinar a sequência e a proposta das atividades que viriam a ser constituídas no material empírico principal desta pesquisa. As questões problematizadoras apontadas nas intervenções seguintes objetivaram, com o grupo de crianças participante desta pesquisa, o envolvimento, o conhecimento e a valoração dos animais, que posteriormente foram focados nas espécies nativas da região do Taim, localizada na região Sul do Rio Grande do Sul.

Na construção dos dados da pesquisa segundo Silva, Barbosa e Kramer, “é importante perceber que os mesmos não estão prontos, mas, sim, são construídos e, também, compreender de maneira delicada e tensa que, por trás do dado, há sempre um rosto, um corpo, um sujeito” (SILVA, BARBOSA e KRAMER, 2008, p. 81). É uma etapa importantíssima do estudo desenvolvido, pois nesse momento são apontados os caminhos, os rumos que a pesquisa desenvolverá.

### **2.3 Elementos educativos e espaços-tempos na pesquisa**

Neste subcapítulo, apresento os elementos educativos e os espaços-tempos que contribuíram para que as crianças ampliassem seus conhecimentos e construíssem um universo de aprendizagens, que também geraram categorias explicativas para esta pesquisa.

Os elementos educativos e os espaços-tempos presentes nas relações sociais do grupo, as diferentes linguagens visuais, etc., foram utilizadas para mobilizar e construir conhecimentos na/com a turma.

Ao longo deste estudo muitos foram os elementos educativos que favoreceram o desenvolvimento de aprendizagens com as crianças, entre eles podemos enunciar as linguagens visuais, constituídas pelas produções como desenhos, esculturas, fotos, mapa sensorial, as vivências, além dos diálogos e as escritas com as crianças, sua imaginação, percepção e estética do processo. Nesses conjuntos educativos deu-se a realização de articulações, descobertas e a imersão em uma temática ainda inusitada para as crianças.

Dentro dos elementos educativos presentes nesta pesquisa estão as “linguagens visuais”, e a escolha por este termo está embasada no documento oficial RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Nele os “elementos constituintes da linguagem visual [são]: ponto, linha, forma, cor, volume, contrastes, luz, texturas” (RCNEI, 1998, 103). Nessa direção, as linguagens visuais, ainda de acordo com esse documento, abarcam uma diversidade de modalidades onde o desenho ganha destaque, pois

embora todas as modalidades artísticas devam ser contempladas pelo professor, a fim de diversificar a ação das crianças na experimentação de materiais, do espaço e do próprio corpo, destaca-se o desenvolvimento do desenho por sua importância no fazer artístico delas e na construção das demais linguagens visuais (pintura, modelagem, construção tridimensional, colagens). (RCNEI, 1998, p. 92).

Nesse sentido, as linguagens visuais apresentam às crianças “a possibilidade de imprimir marcas, representar e simbolizar” (PONTES, 2001 p. 102). Nesses processos, as crianças expressaram e imprimiram suas marcas na pesquisa, por meio do desenho, da escultura, dos mapas sensoriais e por suas ações “congeladas” pelas fotografias feitas pela professora pesquisadora.

Outros elementos educativos presentes e evidenciados nas atividades de intervenções desenvolvidas foram as vivências oportunizadas nos diferentes espaços-tempos, além dos diálogos e as escritas de textos coletivos sobre o Taim. A presença da imaginação e da percepção das crianças, bem como, a estética do processo puderam ser observados nas produções feitas e na oralidade de cada uma das crianças envolvidas. Assim, seja por meio do desenho ou da fala em uma roda de conversa, cada uma delas deixou evidenciado seus modos de ver e perceber o estudo realizado.

Os espaços-tempos<sup>9</sup> em que a pesquisa se desenvolveu abarcaram as dimensões da sala de aula, que serviu de palco para a realização dos encontros com as sujeitos parceiros e sediou praticamente todas as atividades de intervenção, o pátio da escola onde as crianças coletaram materiais orgânicos que compuseram o mapa sensorial e, por último a Estação Ecológica do TAIM, que foi vivenciada com as crianças, por meio da viagem e visitação realizada.

O local em que foi realizado o trabalho investigativo, a Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto, está situada na periferia da cidade do Rio Grande, RS, e foi criada no ano de 1954, tendo como nome inicial “Escola Graduada 5”, passando posteriormente a ser denominada de “Grupo Escolar França Pinto”. Já o nome atual faz referência a um rio-grandino que foi jornalista, poeta, inspetor escolar e secretário da escola. Esse cidadão faleceu aos 56 anos, no ano de 1933<sup>10</sup>.

A instituição escolar tem dezoito salas de aula, atende mais de mil estudantes entre crianças e adultos divididos em três turnos, e possui um corpo docente composto por oitenta professores. A escola possui recursos como uma biblioteca, uma sala de informática e uma sala de vídeo. Também há uma banda musical escolar com corpo coreográfico de dança, um jornal escolar e um grupo de teatro. Atualmente a escola tem como diretora, a professora Maria Conceição Gonçalves.

A sala de aula (espaço-tempo onde foram construídas muitas aprendizagens e também lócus em que foi produzida a parceria entre eu e as crianças) fica no segundo pavilhão da escola, num espaço destinado à Educação Infantil e aos Primeiros Anos do Ensino Fundamental. Três salas de aula fazem parte desse pavilhão, entre elas a nossa que, sediou a maior parte da produção empírica que serviu de auxílio para esta pesquisa. Sob a presença e o olhar atento das crianças com suas curiosidades e questionamentos, desenvolvemos novas aprendizagens em que a pesquisa, portanto, ganhou vida e foi materializada. Para Lima, o espaço apesar de compreender uma dimensão maior, ele é material e também emocional, “por isso, o espaço em que se vive, ou o espaço que a memória preserva, funde em si tanto o calor do ambiente e a cor das paredes quanto a alegria e a segurança que nele se sente” (LIMA, 1989, p. 13).

---

9 Espaço-tempo, embora constituam conceitos distintos, são indissociáveis, pois nossa historicidade é datada e espacialmente localizada.

10 Dados disponíveis no blog da escola. Disponível em: <http://blogfpinto.blogspot.com.br/p/escola-franca-pinto.html>. Acesso em: 23/02/2015.

Os espaços-tempos foram elementos constitutivos das aprendizagens das crianças, e conjuntamente compuseram o ambiente e o ritmo para a construção da pesquisa. A realização deste estudo teve seu desenvolvimento em um espaço formativo escolar, mas, foi possível, em parceria com elas, transcender a formalidade construindo um espaço-tempo da pesquisa com a professora-pesquisadora para além dele. A transcendência possibilitou que outros espaços-tempos fossem construídos além da sala de aula, incluindo o pátio da escola, além da própria residência das crianças, por onde circulou o caderno para registrar impressões das crianças e familiares.

Nesses as crianças experienciaram momentos distintos, mas entrecruzados pois, seja na coleta de materiais orgânicos ou no registro em desenho ou escrito sobre o Taim, estavam praticando o ato imaginativo e demarcando suas percepções sobre o estudo realizado. Portanto, o espaço-tempo “não é apenas o lugar da imaginação poética: ele é também fruto de conhecimentos objetivos, lugar de relações vitais e sociais concretas, e determinado por elementos materiais que modificam a sua natureza e qualidade” (LIMA, 1989, p. 14).

Ainda em relação ao espaço, encontro na poesia de Manoel de Barros, uma expressão que apresenta a relação criada pelas crianças junto à pesquisa, ou seja, a da intimidade, pois “a gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas” (BARROS, 2008, p.59). Nessa passagem, é possível aproximar a mensagem deixada pelo poeta aos processos desenvolvidos na pesquisa quanto aos elementos educativos e aos espaços-tempos, apontando suas contribuições para a realização dos registros e sinais das crianças sobre suas aprendizagens. Nessa caminhada, ao se tornarem íntimas dos processos desenvolvidos e vivenciados, as crianças construíram laços de afeto e pertencimento uns com os outros, com a professora e com os animais.

Outro espaço-tempo importante para a produção da pesquisa foi a Estação Ecológica do TAIM, que está localizada entre os municípios de Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, ao sul do Rio Grande do Sul, mais especificamente na BR 471 – km 498 – Rio Grande/RS<sup>11</sup>, conforme representação na Figura 27.

---

11 Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2257-esec-do-taim.html>. Acesso em: 17/02/2015.



**Figura 27: Representação geográfica do Taim**

Autor: Desconhecido - Fonte: Rádio Mar sem Fim<sup>12</sup>

A Estação tem destaque por seu grande valor apresentado nos quesitos habitat, reprodução e preservação de diversas espécies de animais como aves, mamíferos, répteis e anfíbios, e também da flora regional. O Taim também abrange banhados, lagoas, campos, dunas e matas. No documento que apresenta o Resumo Executivo que defende a ampliação da Estação, encontramos que “a Estação Ecológica do Taim é um lugar de abrigo, alimentação e reprodução de muitas espécies, sendo um dos criadouros de maior significado ecológico do sul do Brasil, abrigando espécies ameaçadas e endêmicas”. (BRASIL, 2013, p. 6).

No *site* da Prefeitura Municipal do Rio Grande, é possível encontrar outras informações como:

A Estação Ecológica do Taim, localizada no extremo sul do Brasil, foi criada em junho de 1979, ocupando uma área de 34.000 hectares (70% no município de Santa Vitória do Palmar e 30% em Rio Grande). Sua finalidade é a preservação de um grande viveiro natural de animais e vegetais distribuídos em banhados, campos, lagoas, praias arenosas e dunas litorâneas. Na região são encontradas flora e fauna nativas abundantes. O Taim é um importante berçário das aves migratórias. Algumas viajam milhares de quilômetros, provenientes da região Ártica ou Antártida. Além das aves, este ambiente favorável abriga a maior variação de mamíferos do Brasil. Encontramos, na Estação Ecológica do Taim, várias espécies de animais como: capivaras, ratões, jacarés, tartarugas, tachã, garça vaqueira, entre outras. Conhecer e ajudar a preservar o Taim, é garantir a sobrevivência do ambiente e das espécies, legando às gerações futuras um ecossistema de inestimável valor científico, econômico e social<sup>13</sup>. (PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE, 2015).

O Taim é repleto de vida e beleza, sendo importante berçário e viveiro para diversas espécies, muitas delas ameaçadas de extinção. A realização de estudos feitos pelas crianças

12 Disponível em: <http://marsemfim.com.br/estacao-ecologico-do-taim-1972012/#.VO22TfldVps>. Acesso em 25/02/2015.

13 Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+8603,,estacao-ecologica-do-taim.html>. Acesso em: 17/02/2015.

sobre esse espaço proporcionou sua “descoberta”, bem como o desenvolvimento, entre os pequenos, da valorização da flora e fauna nativa do município de Rio Grande.

Para conceituar e distinguir espaço e lugar busquei apoio nas contribuições de Lopes e Vasconcellos (2006) onde apontam que

ao longo de sua história, os grupos sociais [fixam-se] em determinados espaços e os organizam, dão-lhes forma e também são formados por eles, por isso os fragmentos espaciais constituídos por cada agrupamento de pessoas, imbricam num conjunto de interações que fundem sujeitos e espaços e o transformam em lugar. (LOPES; VASCONCELLOS, 2006, p. 121- adaptado).

Para os autores o termo “espaço”, compreende uma dimensão ampla de identificação dos sujeitos, relações sociais e território. O termo “lugar” representa a assimilação, os sentimentos, significados e valores atribuídos ao mesmo. Neste trabalho compreendo que a escola abrangeu o espaço e a sala de aula o lugar em que o ensino, as aprendizagens e as relações foram significadas. Os autores contribuem ainda, apontando que, “a criação dos lugares possibilita a estruturação de uma identidade individual, uma vez que os objetos que compõem o espaço, sua organização, seus atributos passam a ter significados diferentes para cada ser humano a partir de sua história de vida” (LOPES; VASCONCELLOS, 2006, p. 121-122).

Os elementos educativos e espaços-tempos destacados ao longo do caminho de pesquisa configuram a forma como os dados produzidos pelas crianças foram registrados e apreendidos. Nessa perspectiva, as crianças representaram as impressões e as significações atribuídas ao processo desenvolvido, numa abordagem inspirada na pesquisa com crianças. Suas atuações e protagonismos neste estudo se configuraram como parte fundamental para a sua realização. Sem a interação e significação das aprendizagens pelas crianças, por meio dos signos construídos por elas, em consonância com as atividades investigativas, não seria possível a realização desta pesquisa conforme se propôs.

Coube-me, na condição de professora pesquisadora, a redação deste texto em que fui desafiada a desenhar com palavras as experiências vividas em um processo de estudo e investigação, construído em parceria entre mim e as crianças, participantes desse processo. As experiências, sentidos e significações, arquitetados nessa aliança foram transportados a momentos de reflexão e diálogo com autores, que fundamentaram tal produção.

Nesse processo, foi preciso revisitar os dados construídos pelas crianças, organizá-los de forma a encontrar as relações estabelecidas, o envolvimento, as linguagens apresentadas, os elementos que contribuíram para promover o desenvolvimento de aprendizagens e do conhecimento em relação aos animais nativos do Taim. Ratifiquei pela pesquisa que “o espaço da escola é mágico. Nele se realiza o milagre permanente do aprender e do abrir-se



para o mundo. Múltiplas e diferenciadas são as linguagens da escola”. (KENSKI, 2000, p. 123).

#### **2.4 Uma construção coletiva: apresentando as atividades investigativas da pesquisa**

O ano letivo de 2014 foi desafiador e diversificado no qual foi realizada toda a construção do material empírico desta dissertação de mestrado. Apresentou muitas descobertas e mudanças em minha vida como na das crianças no que se refere à pesquisa e aos conhecimentos sobre a Estação Ecológica do TAIM e dos animais que habitam esse lugar. Muitos foram os momentos em que fui surpreendida e tive o prazer de maravilhar as crianças quando apresentava as propostas de intervenções objetivando o desenvolvimento de novas aprendizagens sobre os animais do Taim.

Ao longo de dois encontros de exploração da temática de pesquisa e de mais quinze encontros reservados às atividades de intervenções na turma, muitos foram os elementos educativos apresentados pelo conjunto de dados construídos na parceria da professora pesquisadora com as crianças. Além dos já destacados, estão presentes a imaginação, o diálogo e as escritas coletivas, as surpresas, as interrogações, as descobertas, as narrativas e o conhecimento produzido. Esse conjunto compôs e entou a beleza deste processo de pesquisa. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido abarcou uma dimensão artística.

O trabalho artístico é importante para que as crianças aprendam a explorar o mundo à sua volta. Existem inúmeros materiais que utilizamos como recurso de expressão, que nos auxiliam a criar coisas e a colocar um pouco daquilo que somos no mundo. Um toco de carvão ou mesmo um graveto para riscar a terra ou areia tem função idêntica à do lápis. (GOMES, 2001, p. 109).

Com a colaboração do trabalho artístico que abarcou os elementos educativos, foi possível construir processos de aprendizagens, interação e compartilhamento de saberes. Para Duarte Jr. “o sentido da linguagem no mundo humano deve ser elucidado, a fim de que se possa perceber os mecanismos de significação de que se vale o homem. Não há conhecimento sem símbolos” (DUARTE JR., 1981, p. 13). Tais símbolos proporcionaram que as parcerias feitas ao longo de todos os processos fossem “regados” de sentidos e significados.

Tive cuidado e atenção, para que o trabalho feito por elas, não se tornasse cansativo e desinteressante o que poderia ocasionar desmotivação com o estudo. O percurso foi sendo construído e, aos poucos, as descobertas foram surgindo e o interesse e motivação sendo despertados. Nesse percurso, as crianças foram apresentando o que já conheciam sobre o tema

animais e agregando novas aprendizagens. Metaforizando Galeano, as atividades de intervenções foram como palavras que queriam ser lidas e usadas, pois “as palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem” (GALEANO, 2002, p. 13).

Nesse processo de “olhar, cheirar e provar”, diferentes atividades foram desenvolvidas na turma e em uma breve descrição serão apresentadas na sequência. Cabe informar ao leitor que não foi possível estabelecer um dia da semana fixo para a realização das mesmas em função de outras rotinas escolares, precisando as atividades de intervenção serem incluídas à disponibilidade do currículo formal e eventos da escola. Abaixo (Quadro 1) segue apresentação das atividades de intervenções, promotoras da produção empírica da pesquisa.

**Quadro 1: Atividades problematizadoras sobre a temática animais do TAIM**

<b>ATIVIDADES PROBLEMATIZADORAS SOBRE OS ANIMAIS DO TAIM</b>			
1- Contação da história “Bicho do mar de dentro: aventuras no mar de dentro” de Maria Emília Kubrusly	- Contação da história; - Problematização sobre os cuidados com os animais; - Apresentação de espécies desconhecidas da turma; - Construção do caderno de pesquisa da turma;	Registro em vídeo	26-08-2014
2- Uso de vídeos: Globo Repórter na Estação Ecológica do Taim e TAIM Reserva Ecológica	- Apresentação para a turma e conversa sobre os vídeos; - Apresentação do habitat dos animais a serem estudados; - Movimentação, cores e espécies dos animais do Taim;	Registro em vídeo	27-08-2014
3- Alfabeto dos animais do Taim	- Elaboração do alfabeto e registro no caderno de pesquisa; - Construção de alfabeto com o nome de animais do Taim, da letra “A” a “J” e o desenho dos mesmos;	Registro em vídeo e fotográfico	04-09-2014
4- Alfabeto dos animais do Taim	- Elaboração do alfabeto e registro no caderno de pesquisa; - Construção de alfabeto com o nome de animais do Taim, da letra “L” a “Z” e o desenho dos mesmos;	Registro fotográfico	09-09-2014
5- Registro no caderno de pesquisa dos animais que gostariam de conhecer/pesquisar	Desenho do animal que queriam conhecer. (Dentre esses desenhos apareceram, o jacaré-de-papo-amarelo, a capivara, as borboletas e a tartaruga);	Registro fotográfico	17-09-2014
6- Apresentação aos colegas de turma de qual foi o animal do	- Socialização da produção;	Registro em vídeo	24-09-2014

Taim escolhido por cada criança			
7- Diálogo com as crianças para saber suas opiniões sobre o estudo desenvolvido	- Organização de roda de diálogo: o que gostavam e não gostavam sobre o tema “os animais do Taim”, os animais que mais interessavam e o que pensavam sobre os novos animais conhecidos;	Registro em vídeo	02-10-2014
8- Diálogo sobre o animal do Taim, que gostariam de ser	- Narrativas das crianças: A turma relatou qual animal do Taim gostaria de ser. - Problematização com perguntas como: por exemplo, o que faria se fosse esse animal, onde iria morar, o que comeria, entre outros;	Registro em vídeo	21-10-2014
9- Construção do habitat dos animais do Taim	- Mobilização do imaginário. - Problematização com a turma sobre o habitat dos animais que conhecemos - Que lugar seria esse? O que haveria lá? O que encontraríamos se fôssemos visitar o Taim? - Construção de um cartaz sobre o habitat dos animais do Taim;	Registro em vídeo e fotográfico	24-10-2014
10- Construção de escultura em massa de modelar dos animais do Taim	- Construção de esculturas sobre os animais do Taim;	Registro em vídeo e fotográfico	31-10-2014
11- Escolha do animal do Taim, mascote da turma	- Escolha da mascote da turma: os animais apontados foram, pela ordem de votação, a borboleta seda-azul, o jacaré-de-papo-amarelo, a capivara, e a tartaruga tigre;	Registro em vídeo e fotográfico	06-11-2014
12- Estudo sobre a mascote da turma: A borboleta-seda-azul	- Aprofundamento sobre a mascote: visualização de um vídeo sobre a metamorfose da borboleta, encontrado no site <i>Youtube</i> com o nome de “O Brasil é o bicho”; - (Desse vídeo surgiu o diálogo sobre os cuidados com os animais);	Registro em vídeo e fotográfico	13-11-2014
13- Passeio ao Taim	- Visita à Estação Ecológica do Taim realizada com as crianças;	Registro em vídeo e fotográfico	20-11-2014
14- Construção de legendas para as fotos tiradas na viagem ao Taim	- Construção de legendas: elaboração de legendas para as fotos tiradas no passeio ao Taim;	Registro em vídeo	28-11-2014
15- Socialização do conhecimento produzido com colegas de outra turma	- Partilha dos conhecimentos e aprendizagens construídas, com os colegas da turma do 1º A, da mesma escola; - Entrega as crianças de um CD contendo as fotos registradas ao longo do estudo;	Registro em vídeo	04-12-2014

Quadro de atividades investigativas organizado pela professora pesquisadora– produção de dados da pesquisa

Com o conjunto de atividades desenvolvidas, é possível apontar que diversos momentos foram disponibilizados para que o ensino, a aprendizagem e a percepção fossem desenvolvidos. Dizer e apontar o que cada criança aprendeu sobre o assunto trabalhado é tarefa difícil, pois esse se apresenta de forma particular a cada uma. No entanto, os símbolos e os significados construídos ao longo do processo, contribuem para a observação e análise das aprendizagens, pois “o sentir e simbolizar se articulam e se completam” (DUARTE JR, 1981, p. 14).

A pesquisa realizada em sala de aula ofereceu ao grupo de crianças a probabilidade de construir um caminho de observação e experiência estética por meio das atividades realizadas, da materialização e experiência viva, como a viagem realizada a Estação Ecológica do Taim ao final do ano letivo.

Em relação à educação e sua dimensão estética, Duarte Jr. corrobora que:

A própria educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar sentidos, valores que fundamentam sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, o pensar e o fazer. Caso contrário, estamos frente à tendência “esquizóide” de nossos tempos: a dicotomia entre o falar e o fazer, entre o pensar e o agir, entre sentir e atuar. (DUARTE JR, 1981, p. 16 – grifos do autor).

Na educação estética, como aponta o autor citado, é preciso que se articule teoria, prática e sensibilidade. Essa abordagem, por sua vez, cria uma educação que vê na criança um parceiro criativo, alguém capaz de contribuir para a construção do ato de ensinar e aprender, posto terem muito a ensinar aos adultos. Em colaboração, criamos o sentir e simbolizar por meio da experiência. Na medida em que a criança vivencia essa dimensão estética lhe é favorecida a significação ou ressignificação de suas experiências particulares.

Nesse processo a utilização de alguns órgãos dos sentidos foram postos em evidência. Utilizamos a visão, a audição e o tato para construir e expressar vivências. O conjunto de linguagens, oriundas dos sentidos, expressou múltiplos pensamentos e sentimentos das crianças articulados com a temática de pesquisa, pois

a vida humana é um constante fluir emotivo, sobre o qual advêm as significações que a palavra lhe dá. O homem experiencia o mundo primordialmente de maneira direta, emocional, voltando-se então sobre estas experiências e conferindo-lhes um sentido, através de simbolizações adequadas. (DUARTE JR, 1981, p. 26).

As simbolizações produzidas por cada um dos indivíduos nas mais variadas situações cotidianas contribuem para apreender o sentido de sentir/existir, variando de acordo com o modo que cada ser humano se constitui, suas experiências e formação cultural.

Primordialmente devemos buscar nos atos, por mais simples que sejam, a estética que instiga e inquieta, como Manoel de Barros poetiza: “eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem. Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem/Eu só não queria significar [...]” (BARROS, 2010, p. 93).

## 2.5 Instrumentos de registro dos dados da pesquisa

Muitas são as formas para a realização de uma pesquisa e essa conta com uma infinidade de instrumentos para a produção dos dados. Esses, por sua vez, maximizam as informações produzidas e ajudam o pesquisador no momento de observação e análise. Na etapa em que o pesquisador está no campo de investigação, muitos acontecimentos ocorrem, sendo impossível a filtragem e registro de tudo. Nesse momento é que se torna indispensável o registro da produção dos dados com o auxílio de recursos digitais, como filmadora, câmera fotográfica e gravador de voz. Esse tipo de registro em campo, para posterior análise proporciona ao pesquisador não somente guardar as informações, mas, também, apreciar os mínimos detalhes das cenas vivenciadas. Assim, os instrumentos de registros colaboram para

(...) à apreensão do dado “bruto”, não descrito apenas pela palavra do pesquisador, mas como um suporte *in vivo* do dado, propiciando assim uma análise posterior mais minuciosa da disposição de certos elementos não-verbais ou não-verbalizáveis, destacando elementos verbalizados no discurso do informante, ou mesmo elementos que passaram despercebidos da “visão analítica” do pesquisador. É um emprego de âmbito interno da pesquisa. (RODOLPHO et al, 1995, p. 225 – grifos dos autores).

Nesse caso, os instrumentos principais de produção de dados foram as filmagens com gravação de voz e registro fotográfico, além de um diário de memórias digital da professora pesquisadora. A filmagem foi incluída como o registro do momento vivido em ação e a fotografia como registro de uma determinada ação, ou seja, a representação de um traço de realidade e demarcam uma importante aliança com o professor pesquisador, pois guardam os momentos e instantes experienciados. A filmagem especificamente possibilitou não só a análise da situação observada, mas também da postura do próprio pesquisador diante das situações vividas em campo. Dessa forma o

objetivo de captar dados *in vivo* nos possibilita organizar um outro tipo de “banco de dados”, um banco de imagens e falas que possibilitarão uma reflexão mais ampla e criteriosa dos temas em questão, na medida em que, ao trazer a “visão” do pesquisador sobre seu objeto, permite que a fala e o código de ícones que compõem a vida dessa cultura sejam acessíveis a um número maior de pessoas. (RODOLPHO et al, 1995, p. 225 – grifos dos autores).

No campo de estudos, o registro dos dados produzidos, abarca a possibilidade de apreciação e aprofundamento sobre a temática pesquisada. O recurso audiovisual permite que o foco de estudo seja observado com maior rigor e criteriosidade posteriormente, o que não é possível ser feito no momento da produção de dados. Para isso, é imprescindível que o pesquisador tenha acesso a esses recursos de registros das intervenções e observações dos processos desenvolvidos durante o desenvolvimento da pesquisa.

Ao ser professora e pesquisadora ao mesmo tempo, algumas limitações se apresentaram no apontamento dos dados da pesquisa e, ao perceber a necessidade e a impossibilidade de realizar registros mais consistentes em sala de aula sobre algum acontecimento, dado importante ou alguma interação relevante das crianças, optei também pela construção de um diário de memórias *online* hospedado em meu *notebook*, e escrito em minha casa. Este instrumento contribuiu para despertar, movimentos de refletir sobre as atividades investigativas, motivando o desenvolvimento de questionamentos sobre os processos realizados, objetivando observar os interesses das crianças e suas aprendizagens.

O diário de memórias foi um recurso importante, no qual tive a oportunidade de escrever minhas impressões e observações das crianças em relação à pesquisa. Assim que chegava em casa, depois das atividades de investigação com as crianças, fazia os registros no computador. Optei por esta alternativa, por ser um meio de trabalho com o qual interajo bem. Neste diário, tive de revisitar a memória, pensar no processo desenvolvido, o que tornou mais claro o percurso, numa abordagem de avaliação e autoavaliação. Nesta proposta de registro, em que a memória é instrumento aliado, mas ao mesmo tempo instável, concordo que

quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. (SOUZA, 2007, p. 63).

Considerando essa peculiaridade de intercambiar história com subjetividade, a memória é um conceito importantíssimo para a produção da pesquisa, pois ao mesmo tempo em que é possível gravar, memorizar os momentos mais significativos da pesquisa, ela nos auxilia nas leituras, rememorando nosso passado e as experiências que nos conduziram ao lugar onde estamos. É possível lembrar alguns fatos, enquanto outros são perdidos, pois a memória possui essa característica: é seletiva! Guarda o que é essencial, o que é inconscientemente significativo e descarta rapidamente outras tantas.

Segundo Izquierdo<sup>14</sup> (2014), estudioso do campo da neurociência, nossa memória é formada também por emoções, assim, os dados desta pesquisa que nos remeteram a sentimentos foram preservados e levados em consideração, pois as emoções demonstram muito do que pensamos e somos. Os processos da memória de guardar e esquecer caminham lado a lado em simultaneidade. É guardado na memória o que inquieta, desacomoda, causa emoção, o que é significativo, o que toca. Muitas informações ao longo dos dias são descartadas e o que inconscientemente não é “útil” é perdido, apagado.

Numa cena de pesquisa, muitas são as possibilidades, muitas são as inquietações, mas as problematizações são o que direcionarão o estudo, buscando na memória as significâncias dos momentos vividos. A memória, portanto, ajuda a amarrar experiências e desvelar seus significados.

A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamentos sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador (SOUZA, 2007, p. 64).

De acordo com o autor, a memória permite deslocamentos e assim auxilia no processo de registros, além do diário de memórias. A filmagem em vídeo consistiu em outro importante instrumento. Neste procedimento, em que tinha de realizar as intervenções docentes e fazer a filmagem, tive dificuldades de realizar as duas atividades concomitantes; assim, precisava ora filmar e falar conjuntamente, ora colocar a filmadora, gravando as interações, em cima do armário da sala, por exemplo. O esforço de uma captura sobre compreensões infantis a partir de uma ação comunicacional foi necessário, uma vez que as impressões das crianças foram importantíssimo material de análise.

No caso das crianças, a lógica da comunicação com ela, para conhecer seu ponto de vista, não pode centrar-se na oralidade, muito menos de forma exclusiva na escrita. Por isso há necessidade de cruzar fala ou diálogo em grupo com desenhos, com fotografias - feitas pelas próprias crianças, por exemplo, a respeito do que elas privilegiam (...) em vez de formular apenas uma pergunta genérica e direta. Dessa forma, a gravação não só das falas das crianças, mas também das suas atividades pode favorecer uma ampliação e uma relativização de nosso ponto de vista adulto. (ROCHA, 2008, p. 49).

O diálogo com as crianças, gravado pela filmadora, serviu, posteriormente, para a realização de uma observação mais detalhada e a transposição dos registros orais em escritos. No processo vivenciado, devido ao posicionamento da câmera filmadora (fixa), as imagens

---

14 Vídeo entrevista com Dr. Ivan Izquierdo, publicado no site *youtube* sobre a memória. Memória - Dr. Ivan Izquierdo. Publicado em 9 de out de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9VVtUCN2xLI>. Acesso em 11/02/2015.

ficaram distantes, mas ainda assim registrando a fala das crianças, suas ações e interações. Nesses registros, a presença da professora pesquisadora na filmagem foi limitada; sua imagem pouco aparece, uma vez que eu mesma fui quem filmei, fotografei e, simultaneamente, fiz as interações com as crianças. Em alguns poucos momentos foi possível contar com a ajuda da monitora da sala de aula para me auxiliar nos processos de registros das vivências, pois ela precisava auxiliar preferencialmente a criança com necessidades especiais da turma.

Também recorri ao exercício de fotografar desenhos das crianças e, em alguns momentos, realizei rodas de conversa questionando a turma se estavam gostando ou não das atividades e, inclusive, para socializar experimentações ou propostas em função da pesquisa. Esses momentos foram ricos de informações, pois os pequenos demonstraram suas percepções diante de seus trabalhos. Expressaram, em suas falas, como se sentiam ao realizar a pesquisa, mediante alguns questionamentos e opiniões. Esses depoimentos foram registrados através de filmagem e serão apresentados na análise dos dados.



(...) e as imagens que ele organizava com o auxílio das suas palavras eram concretas (...).

BARROS

### **CAPÍTULO III: Apontamentos sobre os elementos educativos e os espaços-tempos presentes nas atividades de investigação**

No percurso do desenvolvimento das atividades investigativas, muitos foram os elementos educativos que surgiram e foram se agregando ao processo de pesquisa construído. No processo de observação e revisitação aos dados de pesquisa produzidos, foi possível elencar algumas categorias que permearam a pesquisa, ora apresentadas pela professora-pesquisadora, ora pelas crianças parceiras de investigação. Nessas categorias, percebi a imaginação, o diálogo e a escrita, as linguagens visuais (desenho, escultura, mapa sensorial), as vivências e a estética. E como aponta o poeta Manoel de Barros “(...) e as imagens que ele organizava com o auxílio das suas palavras eram concretas (...)” (BARROS, 2010, p. 85), busquei apresentar a concretude do estudo realizado por meio das pistas deixadas pelas crianças parceiras de pesquisa, observando atentamente as indicações de suas aprendizagens e percepções do processo desenvolvido.

As crianças foram convidadas a visitar e investigar uma temática já conhecida por elas, no que se refere aos animais, mas desconhecida para a maioria delas no âmbito dos animais nativos do Taim. Nessa caminhada de descobertas, surgiram muitos momentos em que elas elencaram aproximações com suas experiências anteriores, o que proporcionou, por exemplo, a manifestação de três crianças (Daniella, Joice e Nathan) de que já haviam visto/conhecido alguns dos animais que se encontramos no Taim.

Nessa direção, a pesquisa se ressignificou e apresentou novas perspectivas e direção. Na sequência, portanto serão apresentados as categorias de observação e os apontamentos realizados sobre cada um deles, demonstrando as percepções e as aprendizagens das crianças em relação ao estudo realizado por elas em parceria com a professora pesquisadora.

#### **3.1 A presença da imaginação**

A realização desta pesquisa em parceria com as crianças possibilitou a criação de muitos processos de ensino e aprendizagem. Nesse caminho a imaginação esteve presente tendo em vista que, muitas das crianças não haviam visto ou tinham conhecimento al

sobre os animais do Taim. Como poderiam saber a forma, as cores, as espécies de animais que habitam essa região se não haviam ao menos os vistos em fotografias, filmes ou desenhos. Para essa questão, muitos artefatos visuais foram apresentados para lhes auxiliar na construção de aprendizagens sobre esses animais.

Para iniciar o processo de investigação e estudo, apresentei às crianças a história “Bicho do mar de dentro: aventuras no mar de dentro” de Maria Emília Kubrusly (2010). Nessa história, a incitação ao imaginário das crianças com relação aos animais do Taim, foi uma intenção, uma vez que, a mesma é ilustrada com desenhos. Desenhos representam traços da realidade e sendo pistas de como ela é. Para tanto, o grupo ao visualizar as imagens de algumas espécies de animais nativos do Taim, foi convidado a imaginar e a fazer aproximações de suas realidades, fazendo conexões com o novo conhecimento que se iniciava. Nessa direção analisei que:

A história foi muito interessante e atrativa, pois conta sobre as aventuras de três crianças na cidade de São Lourenço do Sul e TAIM e o cuidado e pesquisas feitas com os animais da região. Para auxiliar e ilustrar melhor as imagens dos animais, levei também o livro - TAIM uma reserva de vida de Felipe Dumont. (Diário de memórias *online*- 26-08-2014)

A contação desta história gerou relatos das crianças sobre temáticas relacionadas à passagem pela estrada que corta a ESEC TAIM, relações com animais próximos a realidade delas e com vídeos animados assistidos; experiências vividas com animais nativos como o quero-quero e o cardeal; inexperiências sobre os animais nativos apresentados; cuidados e proteção com os animais; animais utilizados para produzirem roupas, comida, calçados; importância da vida dos animais; os sentimentos e o sofrimento dos animais e aproximações com acontecimentos da vida cotidiana em relação a espécies domésticas.

A apresentação das imagens dos animais causou reações no grupo onde puderam imaginar como seria estar perto de cada um deles. A expressão da turma foi por meio de gritos, risadas e demonstrações corporais. Esses apontamentos foram possíveis, devido às observações de vídeos obtidos durante a produção dos dados de pesquisa com o grupo de crianças.

Tendo a imaginação como uma construção, oriunda de vivências anteriores e relacionadas à memória afetiva ou emocional, foi necessária uma introdução prévia por meio da história infantil objetivando que as crianças construíssem um universo imaginativo, afetivo e emocional em relação aos animais do Taim. Para Vigotski,

A imaginação não repete em formas e combinações iguais impressões isoladas, acumuladas anteriormente, mas constrói novas séries, a partir das impressões anteriormente acumuladas. Em outras palavras, o novo que interfere no próprio desenvolvimento de nossas impressões e as mudanças destas para que resulte uma nova imagem, inexistente anteriormente, constitui, como se sabe, o fundamento básico da atividade que denominamos imaginação. (VIGOTSKI, 1998, p. 107).

O processo imaginativo, de acordo com o autor, desenvolvido com base em experiências anteriores, constrói as novas vivências ou/e processos mentais imaginativos. As emoções e os cheiros originam também novas marcas na memória, que posteriormente contribuem para o surgimento de novos processos imaginativos. Nessa abordagem, frente ao pouco conhecimento da temática pela turma, o desenvolvimento da imaginação foi ponto importantíssimo para que as crianças se afeiçoassem e fizessem surgir emoções e sentimento relacionados aos animais do Taim, o que contribuiu para mobilizar as aprendizagens construídas em cada uma delas. Assim, o processo imaginativo

permite conceber situações, fatos, ideias, e sentimentos que se realizam como imagens internas, a partir da manipulação da linguagem. É essa capacidade que forma imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir, abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata. (BRASIL, 1997, p. 30).

Na citação acima, encontramos que a imaginação cria caminhos e possibilidades para a construção de novas aprendizagens. A partir das imagens representativas construídas pelas crianças em relação aos animais do Taim, os pequenos puderam desenvolver um processo de imaginação e apropriação de como seriam os animais nativos, que elas não conheciam. A imaginação abre portas para a criação, aprimoração e descoberta de novas aprendizagens e novos conhecimentos.

Segundo Calvino “podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar à expressão verbal” (CALVINO, 2010b, p. 99), conforme havia destacado anteriormente. Ambos os processos caminham juntos, e apresentam pistas e caminhos ao ser humano, para que a imaginação e os pensamentos fluam, em busca da construção de imagens mentais e aproximações da realidade. Nessa concepção, a narrativa da história “Bicho do mar de dentro...”, colaborou para que as crianças a partir das palavras construíssem um processo imaginativo sobre os animais do Taim, pois “a imaginação é ativa, dinâmica, processual, mobilizadora” (DERDYK, 2010, p. 122).

Outro processo que colaborou para essa construção foi a constituição do alfabeto dos animais do Taim, em que por meio da palavra, igualmente foi proporcionado as crianças

desenvolverem processos de imaginação e conhecimento por meio de fotos desses animais. A cada letra do alfabeto, foram estimuladas a pensar, imaginar, representar o nome e desenhar cada um dos animais nativos. Em outros momentos a imagem representativa dos animais foi apresentada às crianças, buscando o reconhecimento visual das espécies. Nesse procedimento mútuo, elas realizaram processos concretos e imaginativos de representação da temática pesquisada. Para Calvino, esse “processo procura unificar a geração espontânea das imagens e a intencionalidade do pensamento discursivo” (CALVINO, 2010b, p.106).

Outra atividade que contou com o imaginário das crianças, foi a construção do mapa sensorial. Para a sua composição, as crianças que relataram já conhecer ou que haviam passado pela estrada que corta a Estação, mobilizaram suas lembranças e as demais tiveram como ponto de apoio as imagens dos vídeos, as fotos dos animais, os desenhos e a imaginação para desenvolverem a atividade. A imaginação, a modificação de atitudes e a construção de aprendizagens, foram ponto de apoio à pesquisa.

Como o poeta Manoel de Barros, “eu queria usar palavras de aves para escrever (...) ali a gente brincava de brincar com palavras (...)” (BARROS, 2010, p. 9), então busquei em parceria com as crianças, a escrita, o registro, a oralidade e a fruição para que, o que habitava o imaginário se tornasse concreto e conhecido. O imaginário da turma foi nutrido a cada atividade realizada, a cada construção, consolidando a pesquisa.

As imagens que habitavam ora a mente, ora a representação dos animais por fotos e desenhos, puderam ser colocadas à prova e apreciação, por meio da visita realizada a Estação Ecológica do TAIM. Nessa atividade, a turma pode constatar e concretizar representações e imagens que habitavam a imaginação. Para Derdyk, imaginar é “projetar, é atrever, é a mobilização interior orientada para determinada finalidade antes mesmo de existir a situação concreta” (DERDYK, 2010, p. 122). Nesse processo, construímos um universo que compreendeu a imaginação e a materialização da pesquisa, através de elementos educativos que ganharam espaço no imaginário, vocabulário e aprendizagens das crianças.

### **3.2 Observação dos diálogos e das escritas coletivas**

Compondo o cenário produzido em parceria com as crianças, fizeram-se presente os registros dos diálogos orais e escritos. Em uma pesquisa em que é realizada com a criança, sua voz, expressões e registros escritos, são de extremo valor. Ouvir a opinião, gostos e posicionamentos delas em relação ao estudo realizado, é apresentado como um dos principais elementos educativos da pesquisa. Segundo Bastos, para ouvir a voz das crianças

o importante é potencializar os espaços para que a espontaneidade da expressão infantil possa surgir e que, nós adultos, sejamos capazes de apreender as vozes das crianças nas suas singularidades, abrindo mão de qualquer tomada de juízos ou valores que possam desviar a essência do que foi dito pelas crianças. (BASTOS, 2014, p. 40).

Nessa perspectiva, aponto que a voz das crianças neste estudo foi mantida em sua integralidade, observada e registrada, na tentativa de manter a “essência” do que foi dito por cada uma delas. Assim, a cada atividade de intervenção na turma, estabelecemos diálogos na construção conjunta dos processos, e houve momentos específicos nos quais o objetivo foi registrar as falas e diálogos delas, assim como os procedimentos de escrita conjunta. Esses momentos foram baseados na oralidade na sexta atividade, em que as crianças deveriam apresentar e falar sobre os animais do Taim que gostariam de pesquisar/conhecer, na sétima, na qual o grupo dialogou expondo suas opiniões sobre o estudo desenvolvido e no oitavo encontro, em que a turma, valendo-se do imaginário, apresentou qual animal do Taim gostaria de ser.

Os registros escritos ocorreram na segunda atividade, após a apresentação dos vídeos Globo Repórter na Estação Ecológica do Taim e TAIM Reserva Ecológica com a construção de um texto coletivo, e na décima primeira atividade mediante a elaboração de um texto coletivo sobre a mascote do estudo das crianças, a borboleta-seda-azul.

Nesse movimento de ouvir as crianças, construí significativas relações com elas, pois na medida em que são tomadas como participantes ativas e produtores de cultura, apresentam o que sabem e o que compreendem sobre o mundo que as cerca.

Para Tonucci, escutar as crianças significa

Precisar da contribuição do outro. Não basta haver interesse, motivação, convicção de que seja uma boa técnica para envolver as crianças; é preciso sentir, sincera e urgentemente, essa necessidade. É necessário precisar das crianças. Esta é a primeira e verdadeira condição para que se possa conceder a palavra às crianças: reconhecer que são capazes de dar opiniões, ideias e de fazer propostas úteis. (TONUCCI, 2005, p. 18).

Com base no autor, é possível apontar que a criança precisa ser considerada pertencente ao grupo social e que sua voz deve ser ouvida. Ainda a esse respeito, aponto a importância das falas dos sujeitos da pesquisa registrados neste estudo, e suas percepções sobre a pesquisa realizada. Observando o vídeo gravado em 24 de setembro, durante o sexto encontro, em que o grupo foi instigado a desenhar os animais que gostariam de conhecer, destaco suas expressões:

Liandra – Bonitos: jacaré do papo amarelo, a tartaruga e o lagarto;  
 Kimberlly - Tartaruga, borboleta e capivara, porque são legais;  
 Vinícius - Porque a borboleta é bonita, jacaré e os bichinhos que ele comeu, capivara;  
 Adriano - Porque eu gostei deles, o jacaré, a tartaruga, a borboleta;  
 Luiza - Capivara e a borboleta, porque eu gosto muito deles e “lembrei da borboleta normal”  
 Keronly - Capivara;  
 Renan - Capivara, jacaré-de-papo-amarelo e a borboleta porque eu gostei deles e gostaria de conhecer, saber mais, porque eu só sei um pouco;  
 Dionathan - Tartaruga, porque é legal, e porque eu vi na pracinha;  
 Daniella - Borboleta e a capivara, porque são muito legais, porque eu já vi a borboleta lá no sítio, às vezes aparece uma;  
 Kauã- Jacaré-de-papo-amarelo, porque eu gostei dele;  
 Arthur - Borboleta, porque gostei mais da borboleta;  
 Jullianny - Borboleta, porque já vi uma;  
 Nathan - eu desenhei um céu colorido e um jacaré grande;  
 Brenda - Jacaré-de-papo-amarelo e a capivara, porque eu já vi o jacaré e uma capivara, eu já passei pelo Chuí! Eu já vi um monte de capivara, uma família de capivara;  
 Gabriel - Jacaré, porque eu gostei;  
 Agatha - Jacaré e a borboleta, porque eu não conheço; só nas fotos;  
 Joice- uma capivara, porque eu já a vi pela foto;  
 (Narrativas<sup>15</sup> extraídas do vídeo gravado no dia 24-09-2014)

Os depoimentos das crianças em relação aos animais que gostariam de conhecer apresentam suas curiosidades e encantamentos com o trabalho, bem como põe em evidência suas percepções acerca do que cada animal representa para elas. Neste sentido, cabe destacar algumas falas em que as crianças deixam transparecer o que pensam sobre determinado animal, seu envolvimento e aproximação com suas vivências.

Com base nos depoimentos citados, é possível observar que Vinícius de 7 anos, apresentou em seu registro e oralidade, o desenho da borboleta-seda-azul e o jacaré-de-papo-amarelo (Figura 28). Em relação ao último, relatou que havia comido “alguns bichinhos”, que, segundo ele, foi a capivara e alguns de seus filhotes. Nessa passagem, a crianças apresenta sua visão sobre o tema pesquisado, a compreensão de que o jacaré-de-papo-amarelo é mais forte e se alimenta de outros animais como as capivaras.

---

<sup>15</sup> Para a expressão oral das crianças escolheu-se respeitar as normas gramaticais.



**Figura 28: Vinícius - Apresentação dos animais que gostariam de conhecer**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Daniella de 7 anos, apresenta em sua exposição oral a escolha por dois animais distintos, a capivara e a borboleta-seda-azul (Figura 29). Nessa última, ela faz relação com sua vida familiar, associando suas memórias à vida no sítio que seu pai tem na Vila da Quinta, localizado no município de Rio Grande. Essa interligação entre as vivências demonstra o pertencimento que a criança desenvolveu em relação à pesquisa. Pela experiência em aula, foi possível transfigurar suas emoções vividas anteriormente, fazendo correlações com as novas aprendizagens.



**Figura 29: Daniella - Apresentação dos animais que gostariam de conhecer**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Nathan, de 7 anos, apresenta em seu registro o jacaré-de-papo-amarelo e a capivara (Figura 30). Em sua fala, ele afirma já ter visto esses animais por ter passado na estrada em direção ao Chuí e que atravessa a ESEC TAIM. Ele também faz correlações com suas memórias familiares, buscando associar as novas vivências com as anteriores. É possível observar, que essa criança apresenta também pertencimento à pesquisa, e que as novas aprendizagens estão sendo significativas. Ele apresentou na concepção de sua geografia, a aproximação entre sua vida cotidiana e as imagens mentais de um passeio em família, que foi lembrado pela atividade. Através dele conseguiu fazer o trajeto percorrido transformando-o em lugar.



**Figura 30: Nathan - Apresentação dos animais que gostariam de conhecer**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Na sua narrativa, Renan, 7 anos, demonstrou seu envolvimento com o estudo e a vontade de saber mais. Quando questionado sobre os animais que gostaria de conhecer ele expôs, “capivara, jacaré-de-papo-amarelo e a borboleta (Figura 31), porque eu gostei deles e gostaria de conhecer, saber mais, porque eu só sei um pouco”. Percebo em sua narrativa que ele produz reflexões sobre seus sentimentos e suas percepções quanto ao estudo. Esse desejo, o de “saber mais” foi ponto chave, para que a pesquisa da turma fosse desenvolvida e a condução de cada uma das atividades de intervenções corroborou para despertar nas crianças a vontade de buscar novos conhecimentos, de conhecer lugares desconhecidos e de, pela memória, ressignificar vivências.





**Figura 31: Renan - Apresentação dos animais que gostariam de conhecer**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Na realização da sétima atividade, desenvolvida no dia 2 de outubro, as crianças organizadas em círculo, expuseram seus conceitos com relação ao desenvolvimento da pesquisa. Momentos como esses oportunizaram as crianças sentirem-se pertencentes aos processos vivenciados. Elas não são apenas expectadoras, mas, sim, atores de forma efetiva dando sua opinião e contribuindo para que seus interesses sejam ouvidos e na medida do possível atendidos. Ao serem questionadas sobre o que estavam achando sobre o estudo apresentaram depoimentos como:

Keronly – Legal...a borboleta-seda-azul e a capivara...porque são legal...;

Jullianny – Eu gostei muito da borboleta-seda-azul e do cisne do pescoço preto, porque são animais muito diferentes da capivara e do peixe... porque eles podem voar e os outros não;

Nathália – Eu achei muito legal a borboleta-seda-azul;

Luiza – Eu acho que todos os animais do Taim são bonitos, legais e divertidos, porque as cores são muito coloridas a borboleta-seda-azul, e a borboleta castanha, por causa que o marrom representa a casca da árvore e azul o céu;

Brenda – O jacaré-de-papo-amarelo, porque ele é lindo, só isso;

Renan – legal, o jacaré-de-papo-amarelo foi muito específico pra mim, ele lembra os desenhos que eu vejo de jacaré;  
 Dionathan – Gostei da tartaruga por causa dos ovos;  
 Joice – Eu gostei da capivara e do jacaré-de-papo-amarelo. A capivara é fofinha. Gostei da borboleta-seda-azul, porque ele é bonita;  
 Nathan – Eu gostei do jacaré-de-papo-amarelo, do colhereiro porque ele tem um bico em forma de colher. Ah, por acaso eu já vi um jacaré-de-papo-amarelo na lagoa. Eu gostei da capivara, porque eu já vi uma. Eu lembro, eu penso todo dia na capivara. Eu achei legal conhecer os animais do Taim, porque eu nunca tinha visto;  
 Adriano – Porque eles têm sentimentos;  
 Kauã – Eu gosto do jacaré-de-papo-amarelo, por causa que eu gostei muito dele e também do quero-quero, porque eu já vi. Eu já vi uma tartaruga-tigre, porque eu já tive e também gostei do colhereiro;  
 Arthur – Eu gostei da noivinha-do-rabo-preto, porque o rabo dela é pretinho. Eu estou achando legal conhecer esses animais. Eu estou gostando do jacaré-de-papo-amarelo e do graxaim, do cisne do pescoço preto, a capivara...;  
 Daniella – Estou achando bom, porque é diferente. Gostei do colhereiro porque tem um bico especial. Gostei da capivara. Na chácara do meu pai, eu sinto falta de lá;  
 (Narrativas extraídas do vídeo gravado no dia 02-10-2014)

Nessas apresentações, observo as ligações e aproximações que as crianças fazem com suas vidas cotidianas e familiares. A todo o momento apresentam correlação com fatos vividos anteriormente, buscando na memória sua ressignificação. As emoções e os sentidos foram anunciados pela turma, bem como os elementos visuais que lhes chamaram a atenção, como a forma do bico do pássaro Colhereiro, e as cores dos animais. A visão e a percepção, bem como a imaginação anunciada por Nathan, quando pensa e sonha com a capivara, demonstram a beleza e ao mesmo tempo a significação do estudo para ele.

Ao serem questionadas sobre a possibilidade de conhecerem outros animais, algumas crianças apontaram a possibilidade de pesquisar sobre animais domésticos, mas em votação para escolha da permanência ou troca de temática a maioria da turma, 11 crianças, elencou a continuidade do estudo sobre os animais do Taim. Esse fato contribui para a observação de que o estudo foi significativo, contextualizado, estético, emocional e imaginativo para elas.

Na busca por construir a escrita com a turma busquei explorar a sua imaginação e na oitava atividade instiguei-os a refletir sobre: Se tu fosses um animal do Taim, qual gostarias de ser? Por quê? O que farias? Onde morarias?

As respostas aos questionamentos orientadores foram apresentadas com entusiasmo e imiscuídas de imaginação. A turma revelou:

Keronly – Capivara, porque ela é bonita. Iria brincar de esconde-esconde no Taim. Quero muito conhecer o Taim;  
 Dionathan – Tartaruga, porque eu gosto de como ela anda. Eu iria andar na selva;  
 Renan – Eu gostaria de ser o jacaré-de-papo-amarelo porque ele é carnívoro. Eu iria no mar beber água, peixes, porque também tem carne.  
 Nathália – Capivara porque ela pula;  
 Gabriella – Gostaria de ser uma borboleta. Eu iria voar...  
 Daniella – Gostaria de ser uma borboleta e iria cheirar as flores.  
 Kauã – Queria ser um quero-quero, porque eu gostei. Eu iria fazer minha própria casa. Eu iria comer comida, depois eu iria sair, depois arrumar uma namorada;

Jullianny – cisne do pescoço preto, porque ele anda no mar. Iria nadar e iria voar na volta.  
 Arthur – Graxaim, porque ele é bem rápido. Eu iria correr e brincar de pega-pega e iria me esconder;  
 Joice – Capivara! Eu iria caminhar na Capilha;  
 Nathan – Jacaré, porque ele gosta muito de nadar. Iria nadar no mar. Iria brincar com meus outros amigos jacarés;  
 Brenda – Jacaré-de-papo-amarelo porque come carne. Eu iria comer carne de porco. Eu iria buscar o porco no Taim.  
 Liandra – Borboleta, porque ela voa e é bonita. Eu iria sorrir e me alegrar;  
 Kimberlly – Graxaim, porque é muito bonito e legal.  
 (Narrativas extraídas do vídeo gravado no dia 21-10-2014)

Com base nesses depoimentos, pude observar a riqueza de detalhes e a imaginação aflorada da turma no que concerne a relação de vivências e aprendizagens. Na medida em que usavam a imaginação para pensar no animal do Taim que gostariam de ser, pela identificação, beleza ou habilidade, as crianças apontavam questões como a convivência com outros, a constituição da família, os gostos alimentares e a necessidade de ter moradia. A questão da liberdade está presente nos depoimentos da Gabriella e da Joice, que indicam que iriam voar ou caminhar. A estética que envolve a descoberta desses animais, é outro ponto presente nas narrativas, pois as crianças assinalaram a graça e a apreciação de animais do Taim.

Em consonância com os diálogos, houve momentos em que se fez presente a escrita, por meio da construção de textos coletivos. Essas produções tiveram como fio condutor: na segunda atividade os vídeos sobre o habitat dos animais encontrados no Taim; no terceiro e quarto encontros durante a construção do alfabeto dos animais do Taim, busquei em livros, na internet, nos próprios vídeos e nas memórias das crianças nomes de animais conhecidos e desconhecidos e na décima segunda atividade a turma construiu, em conjunto, um texto sobre a mascote da sua pesquisa, a borboleta-seda-azul.

Na segunda atividade proposta no dia 27 de agosto instiguei a turma a construir coletivamente um texto sobre os animais do Taim, após assistirem aos vídeos que representavam a Estação e o habitat dos animais. Orientei as crianças a pensarem na história narrada sobre os “bichos do mar de dentro” trabalhada no primeiro encontro e no que haviam visualizado nos vídeos. A turma falava e eu registrava no quadro de giz, para que elas pudessem escrever no caderno de pesquisa da turma. Houve momentos em que foi necessária a mediação, intervenção e organização da turma, pois a mesma encontrava-se em processo inicial de alfabetização. O texto produzido foi o seguinte:

#### Animais do Taim

Os animais do Taim em sua maioria comem capim. Lá tem graxaim, jacaré de-papo-amarelo, quero-quero, capivara, tartaruga, carcará. Os animais que vivem no Taim

precisam de cuidados para continuarem a se reproduzir. (Texto produzido coletivamente com a turma no dia 27/08/2014, registrado no caderno de pesquisa da turma).

A construção coletiva deste texto possibilitou à turma refletir e imaginar como seriam esses animais que estavam em processo de conhecimento para elas. As crianças se preocuparam em escrever sobre a alimentação, rememorar alguns animais presentes nos vídeos e na história, lembrando também da necessidade de cuidado para a perpetuação das espécies.

Na décima segunda atividade propus a construção de mais um texto coletivo, após a escolha da mascote da pesquisa, e pude perceber a apropriação das crianças com relação à temática pesquisada. A borboleta-seda-azul encantou o grupo desde sua apresentação na história “Bichos do mar de dentro: aventuras do mar de dentro” no primeiro encontro de intervenção da pesquisa. Assim, como a borboleta sofre transformação por meio de sua metamorfose, na parceria entre eu e a turma, também nos transformamos na caminhada percorrida. O texto que compreendeu essa produção coletiva foi:

Nossa mascote a borboleta-seda-azul vive no TAIM. Ela voa no campo. Ela se diverte. Ela come néctar das flores. Ela toma água. Ela tem amigos como a capivara, a noivinha-do-rabo-preto, a tartaruga-tigre, as outras borboletas, o graxaim e o colhereiro. (Texto produzido coletivamente com a turma no dia 06/11/2014, registrado no caderno de pesquisa da turma).

A produção deste texto esteve povoada pelo imaginário das crianças. Ao pensarem na vida, no que a borboleta gostava de fazer, onde ela morava e nos amigos que ela possuía, construíram uma história. Tal como o poeta, “sempre compreendo o que faço depois que já fiz. O que faço nem seja uma aplicação de estudos. É sempre uma descoberta. Não é nada procurado. É achado mesmo. (...)”. (BARROS, 2008, p. 77).

### **3.3 Observação das linguagens visuais**

Muitos foram os momentos em que as crianças tiveram a oportunidade de expressar por meio de linguagens visuais diversificadas, seus sentimentos e percepções em relação ao estudo realizado sobre os animais do Taim. As produções sensoriais como a construção do mapa com materiais orgânicos e de esculturas com massa de modelar também contribuíram para a representatividade dos processos vivenciados na pesquisa. Nesse processo, a cada produção, a aprendizagem das crianças foi sendo “regada”, com novas informações e

experiências, e, dessa forma, se apropriando da proposta e o que era desconhecido, passou a ter caráter de vivência e conhecimento.

Dentre as atividades investigativas desenvolvidas, houve a utilização das linguagens visuais (desenho, escultura e mapa sensorial) no terceiro e quarto encontro foi utilizado o desenho para representar os animais na construção do alfabeto do Taim; no quinto encontro as crianças deveriam registrar sob a forma de desenho o animal do Taim que gostariam de conhecer; no nono encontro foi construído o mapa sensorial; no décimo encontro foi utilizada a linguagem visual da escultura e no décimo primeiro encontro contou também com a representação em desenho da mascote da pesquisa, a borboleta-seda-azul.

Ao longo dessa produção, posso apontar o desenho como principal guia e mais significativo elemento educativo, pois foi o que possibilitou a representação da maioria das crianças, ratificando que a utilização do desenho “é memória visível do acontecido: fotografia mental, emocional e psíquica” (DERDYK, 2010, p. 49).

Por meio do desenho, o grupo demonstrou suas vivências, suas percepções em relação ao mundo e ao que sentiram, demonstrando pelo uso do lápis e do papel representações sobre o que sua imaginação gerou e guardou na memória. Nesse sentido, o desenho

pode ser entendido como manifestação que acontece em qualquer lugar: as conchas na praia, os riscos na lousa, as canetinhas em cima da mesa, as pegadas de um bicho, o vento no mar – alguém ou algo passou por ali humanizando e ressignificando os espaços. A vocação do desenho é transitiva, estando presente em muitas modalidades, matérias, espaços, alcançando um sentido maior e mais expansivo que escapa do entendimento do desenho apenas como ‘coisa de lápis e papel’, segundo Mário de Andrade. (DERDYK, 2011, p. 7– grifos do autor).

No excerto acima, a autora reflete que o desenho se apresenta como representação ou ressignificação da realidade. Por meio deste recurso visual e de expressão, a criança faz a transição entre a imaginação e a realidade concreta. O desenho manifesta os sentimentos dela, acalma e faz emergir a criação representativa. A cor se apresenta como outro recurso expressivo de sentimentos e estado emocional, que pode relacionar com a realidade ou com a afetividade, pois a criança gosta de usar cores que lhe sugerem afeto, identificação ou gosto.

Nas atividades de intervenções em que o desenho foi utilizado como recurso visual de expressão, reparei na motivação das crianças em realizar tais propostas. A atividade do desenho foi baseada em imagens, então foi necessária uma primeira apresentação visual, para que o grupo construísse a representação mental dos animais do Taim.

Para Iavelber “além do conhecimento de si mesma, que a criança tem ao desenhar, ganha compreensão do mundo. Ela desenha porque existe desenho no mundo. Aprende a ver e

a executar o que vê” (IAVELBER, 2006, p. 24). Nesse caminho o desenho é uma construção social e cultural no qual representamos nossas aprendizagens e vivências, mediadas por “informantes ou fontes de informação” (IAVELBERG, 2006, p. 25).

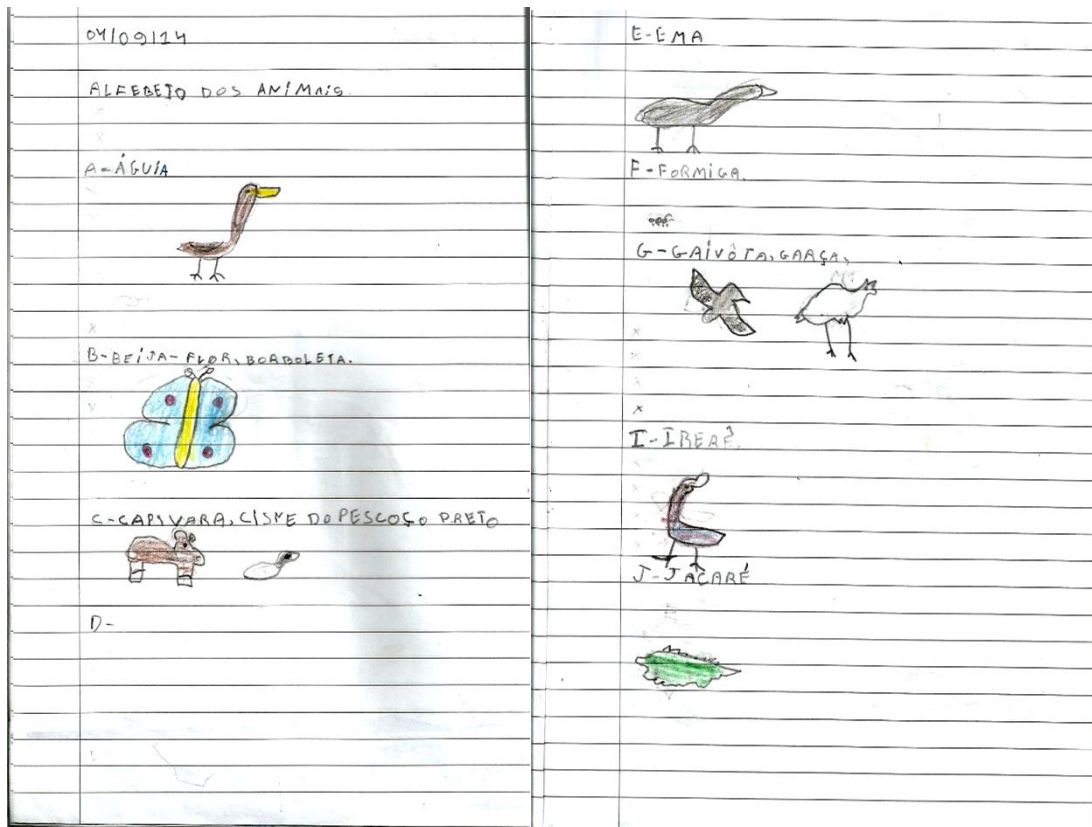
Nessa perspectiva, as informações ou as suas fontes contidas na pesquisa desenvolvida, contribuíram para que as crianças construíssem o universo imaginário e real em relação aos animais do Taim. O conjunto das atividades desenvolvidas em sala de aula associado à visita ao ESEC TAIM, no décimo terceiro encontro, proporcionaram a construção de uma caminhada, que partiu do desconhecido rumo à construção de imagens, figuras e significados em torno dos animais nativos estudados e do habitat, pois o “desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo (...)”. (DERDYK, 2010, p. 23).

Buscando então, a representação dos animais do Taim por meio da compreensão de cada criança, propus à turma a construção de um Alfabeto durante o terceiro e quarto encontro (Figuras 32 e 33), contendo o nome das espécies nativas da região. Nessa atividade, escrevemos para cada letra do alfabeto um nome/espécie, contendo o seu respectivo desenho, de forma que cada uma das crianças expressasse como percebia os animais. A imagem visual esteve associada aos nomes/espécies.



**Figura 32: Arthur- Construção do alfabeto dos animais do Taim**

Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora



**Figura 33: Caderno de Daniella - Construção do alfabeto dos animais do Taim**

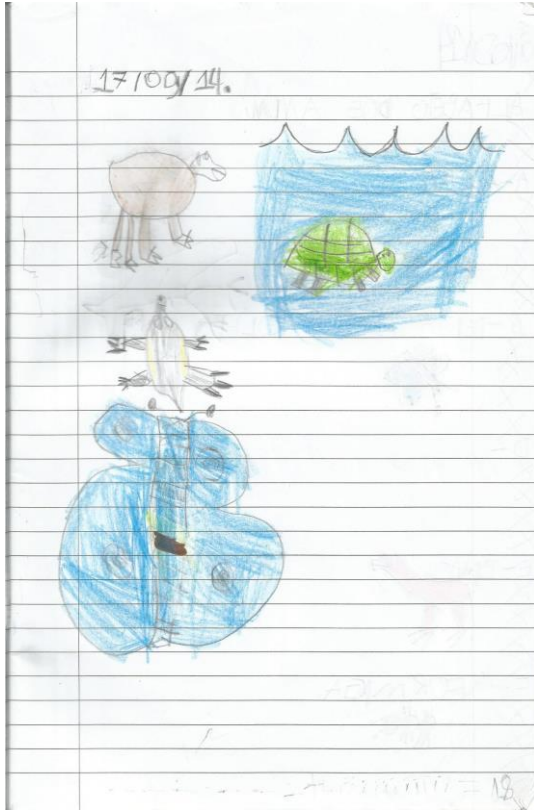
Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora

As imagens ilustram o momento de realização da atividade. Temos o Arthur de 6 anos fazendo seu registro dos animais e dos seus respectivos nomes (Figura 32) e a representação realizada pela Daniella de 7 anos (Figura 33). Nessa representação ela fez para a letra “A”, a águia, para a “B”, a borboleta-seda-azul, para a letra “C”, a capivara e o cisne de pescoço preto, a letra “E”, ema, “F”, a formiga, “G”, gaivota e garça, “I”, irerê e “J”, jacaré.

Na quinta atividade a realização do animal que gostariam de conhecer, foi obtida por meio da memória das crianças. Essa atividade foi desenvolvida, tendo como objetivo o registro do que lhes havia chamado a atenção ou por meio da identificação que tiveram com as espécies pesquisadas registrados na memória. Nessa abordagem, as crianças representaram as imagens mentais que foram mais significativas, pois “a importância do desenho é inegável pela integração que propicia entre cognição, ação, imaginação, percepção e a sensibilidade. Por intermédio do desenho a criança pode expressar seus conhecimentos e suas experiências, colocando-se em sua poética de modo singular” (IAVELBERG, 2006, p. 57).

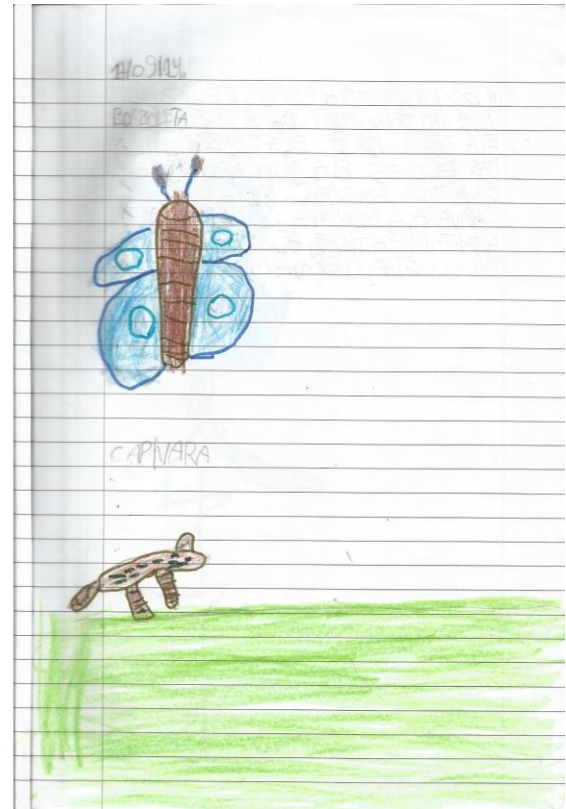
Partindo da perspectiva de que o desenho dá indícios para a construção e representação do imaginário, as crianças escolheram os animais com os quais mais se

identificaram, gostaram ou lembraram (Figuras 34 e 35), como os desenhos feitos por Renan e Gabriella, em que a borboleta-seda-azul, mascote do estudo das crianças é incluída.



**Figura 34: Renan - Jacaré-de-papo-amarelo, Capivara, Borboleta-seda-azul, Tartaruga-tigre**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora



**Figura 35: Gabriella – Borboleta-seda-azul, Capivara**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Nas imagens, temos os animais que Renan e Gabriella gostariam de conhecer. As crianças além de representarem as espécies, também atribuíram aproximações com as cores dos animais, demonstrando a atenção e percepção que tiveram diante do seu estudo.

Na sequência durante o nono encontro propus a construção de um mapa sensorial (Figuras 36 e 37). A proposta realizada pelas crianças, contou com a construção de desenhos representativos e a coleta de materiais orgânicos no pátio da escola. Tal atividade para ser desenvolvida, precisou que o grupo revisitasse suas memórias referentes aos estudos sobre os animais do Taim, e conhecimentos anteriores, para que coletivamente fosse feita a representação do habitat desses animais. A memória e a imaginação foram fundamentais nessa atividade, pois as crianças desenharam por meio de suas ações, vozes e ideias como seria cada uma das representações, mas, também, contaram com a estimulação visual de



imagens dos animais e explicações da professora pesquisadora. Para ilustrar essa atividade, apresento imagens registradas no dia de realização da mesma.



**Figura 36: Mapa sensorial da Estação Ecológica do Taim**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora



**Figura 37: Mapa sensorial da Estação Ecológica do Taim**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Os relatos de colegas que já tinham conhecimentos prévios sobre o Taim e meus questionamentos à turma, bem como a coleta de materiais orgânicos como pedras, capim, folhas, gravetos colhidos no pátio da escola, colaboraram para que as crianças colocassem sua

atenção na construção dessa proposta viva e representativa do Taim. A percepção estética e a utilização dos sentidos foram parte integrante desta proposta. O grupo organizou de forma sensorial como percebiam que deveria ser a representação da Estação. Cada desenho, pedras ou folhas, traços, foi realizado pelas crianças, pois “desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se” (DERDYK, 2010, p. 29).

Essa atividade motivou a turma, pois pudemos explorar outros espaços da escola, espaços esses já vivenciados pelas crianças, mas de uma forma diferenciada. Foram ao pátio da escola coletar materiais que pudessem fazer parte da construção do trabalho e por meio do imaginário e conhecimento mobilizado, representar o local em que vivem os animais nativos estudados. As crianças coletaram capins, pedras, areia, gravetos e flores. A construção desse mapa mobilizou o grupo e explorou sentidos como a visualização e o tato, além de habilidade como observação, atenção e identificação.

O contato com as crianças, a interação e o estar junto em experimentações como essa, destacou meu lado sensível e preocupado com o ato de educar.

A educação do sensível, antes de significar um desfile de obras de arte consagradas e de discussões históricas e técnicas perante os olhos e ouvidos dos educandos, deve se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vive, as ruas e praças pelas quais circula e os produtos que consome, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma, consoante levada no dia-a-dia. A educação do sensível é, sobretudo e primeiramente, a educação de nossos sentidos perante os estímulos mais corriqueiros e até comezinhos que a realidade do mundo moderno nos oferece em profusão – quantidade que, evidentemente, não significa qualidade. (DUARTE JR, 2004, p. 25).

Nesta passagem o autor identifica a necessidade de desenvolver os sentidos para melhor entender as ações cotidianas. Nessa busca, foi possível, ter mais prazer e fluidez para a vida, inclusive na docência. Ser professora e ao mesmo tempo pesquisadora me desafiou; e descobri que uma constitui a outra. O professor que não pesquisa acaba por fazer sua prática corriqueira destituída de epistemologia, ao mesmo tempo em que o pesquisador em educação que não põe em prática ou disponibiliza sua pesquisa no âmbito da escola e/ou sala de aula, acaba por perder parcela de seu trabalho.

A construção do mapa deu concretude ao local que, até aquele momento, ainda pertencia ao imaginário das crianças – o Taim. Em grupos colaram no pedaço de “papel pardo” o que coletaram no pátio da escola. Como nenhuma criança fez a representação da estrada existente na estação ecológica do Taim, mesmo que uma delas houvesse mencionado

no início da problematização, acabei por também participar do desenho e acrescentá-la para que a turma pudesse visualizar que esse local é cortado por uma estrada, a BR 471.

Esse foi um momento mágico que despertou em mim um sentimento de agradecimento e, ao mesmo tempo, envolvimento. A turma, aos poucos, dava vida à pesquisa feita em parceria e isso foi de extrema importância.

Com a utilização do desenho como forma primeira de expressão gráfica, a criança constrói caminhos para o desenvolvimento de outras técnicas expressivas. A partir dos desenhos e do mapa sensorial abrimos caminho para a construção de esculturas de massa de modelar. As crianças já tinham a construção mental e imaginária dos animais do Taim, assim, puderam representá-los por meio dessa técnica, buscando a maior aproximação possível da espécie escolhida.

As esculturas de massa de modelar<sup>16</sup> realizadas na décima atividade (Figuras 38 e 39), foram outro recurso importantíssimo para a construção do conhecimento e das aprendizagens da turma em relação à proposta de pesquisa. Nessa realização o uso do tato, da observação, da memória, do gosto de cada uma das crianças foi fundamental para sua materialização. O uso das cores ficou a critério da escolha de cada uma delas. A proposta não foi realizar esculturas idênticas aos animais do Taim, e sim, que as crianças expressarem suas percepções sobre esses animais. As cores deram vida e fluidez na construção de cada modelagem, como podemos observar nas imagens.



**Figura 38: Dionathan -Tartaruga, graxaim e coruja**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora



**Figura 39: Joice -Tartaruga, graxaim, coruja e noivinha-do-rabo-preto**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

<sup>16</sup> A utilização de massa de modelar deu-se em função da disponibilidade dessa material na escola.

Por meio da utilização da memória e do imaginário as crianças construíram suas representações em massa de modelar e desenhos ao longo da pesquisa.

O uso do desenho e das esculturas produzidas pelas crianças de forma livre e objetivando a expressão e impressão dos processos, ratificou que os mesmos não devem ser tratados como simples cópias, mas, “uma interpretação, elaborando correspondências, relacionando, simbolizando, significando, atribuindo novas configurações ao original. O desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito” (DERDYK, 2010, p. 110).

Acreditando, que o desenho expressou o que as crianças sentiram ao longo da pesquisa, propus no décimo primeiro encontro que fosse escolhido uma mascote para o estudo das crianças. Foi realizada uma votação, tendo aparecido candidatos como a borboleta-seda-azul, o jacaré-de-papo-amarelo, a capivara e a tartaruga tigre. Após a votação, foi escolhida pela turma, conforme já mencionei antes a borboleta-seda-azul. No presente ao analisar as produções, percebo que a identificação da turma foi imediata com essa espécie nativa, pois foi representada muitas vezes, durante o período em que o estudo foi realizado.

A borboleta (Figuras 40 e 41), símbolo da metamorfose, surgiu neste estudo como uma metáfora do processo ocorrido. Eu e as crianças passamos por um processo de mudança e crescimento pessoal. Juntas, construímos um caminho de ensino e de aprendizagens, com muitas descobertas e vivências. Reflito que toda a produção realizada esteve relacionada a essa metamorfose, simbolizada pela borboleta: desde a apresentação da temática (ovo), passando pelo aprofundamento do tema (pupa), até a metamorfose do conhecimento (borboleta). Ela que foi transformada no símbolo da pesquisa pelas crianças esteve presente desde o início, pois na medida em que a turma se envolveu com o estudo e se modificou com o seu desenvolvimento, fez emergir processos de ensino e aprendizagem significativos.

A estética e o sensível se fizeram presentes, pois ao imaginar, registrar, reconhecer, criar, testar e vivenciar foi possível gerar aprendizagens no/com o grupo, sendo, portanto, está uma construção cultural atravessada pela percepção e sensibilidade. Nestas imagens é possível encontrar com duas representações da mascote da pesquisa da turma, a borboleta-seda-azul.



**Figura 40: Dionathan - Borboleta-seda-azul**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora



**Figura 41: Julyanny - Borboleta-seda-azul**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Nas imagens vemos a livre expressão das crianças: Desenharam como imaginaram ou gostariam que fosse sua mascote e recorro às palavras do poeta Manoel de Barros para me auxiliar a conferir sentido à experiência. “A gente não gosta de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação. A gente gostava dos sentidos desarticulados como a conversa dos passarinhos no chão (...)” (BARROS, 2010, p. 12).

Em outra obra, “O pequeno príncipe” de Saint-Exupéry, pude perceber que o narrador foi desencorajado e desmotivado a realizar seus desenhos infantis, conforme os tinha em sua imaginação, como na representação de uma cobra que havia engolido um elefante, que para o intérprete adulto parecia com um chapéu. Em sentido contrário, busquei junto às crianças, a valorização das formas e cores que escolheram para representar cada um dos animais do Taim, segundo suas percepções.

Para Derdyk (2010), os desenhos podem receber inúmeras interpretações, tanto do autor, quanto do observador. Para tanto, pelos apontamentos dos registros realizados, demarco a posição de observadora que tive, a de alguém que vivenciou o processo de criação das crianças e que apresentou uma das muitas interpretações que cada registro poderia ter.

Para essas observações realizadas, contei com as linguagens visuais descritas, que demarcaram um procedimento importantíssimo de registro e expressão. Os entrecruzamentos

realizados entre as linguagens, a imaginação, a narrativa e a observação foram inevitáveis, levando em consideração que a pesquisa foi articulada entre a professora pesquisadora e um grupo de crianças do primeiro ano dos Anos Iniciais.

### **3.4 Observação das vivências nos distintos espaços-tempos**

Ao longo de todo o processo de investigação das crianças sobre os animais do Taim, muitas foram as vivências e os processos de descobertas vividos pelos pequenos. Da sala de aula até a visita a ESEC TAIM muito ocorreu. Na observação da produção empírica da pesquisa, aponto minhas observações das atividades desenvolvidas, objetivando elencar as vivências e os processos de descobertas visíveis aos meus olhos.

As crianças certamente se afeiçoam ao que lhes causa empatia, estímulo e curiosidade e sendo assim, uma temática que era pouco conhecida passou a fazer parte das vivências em sala de aula, no ambiente familiar e mesmo no imaginário delas.

Partindo da primeira intervenção, ou seja, a contação da história “Bichos do mar de dentro...” e chegando a visita da ESEC TAIM, concluindo com a socialização do conhecimento construído com as crianças, na turma do primeiro ano “C”, passamos por muitos momentos de diálogos, desenvolvimento de diversas linguagens visuais, apresentação de artefatos culturais, construção de escritas e registros com as famílias, como também vivências em outros espaços para além da sala de aula. Cada um desses processos corroborou para despertar nas crianças a vontade em participar de forma autônoma e ativa, incluindo laços afetivos e de pertencimento que, de certa forma, revelam a importância do ocorrido, posto “(...) que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetro etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (...)”. (BARROS, 2008, p. 95).

Buscando decifrar esse encantamento, reflito que toda a produção realizada esteve relacionada a uma metamorfose, cuja metáfora é a borboleta, conforme descrição anterior.

A sala de aula, primeiro espaço-tempo explorado pelas crianças e também de construção de pertencimento, hospedou a maior parte das atividades investigativas desenvolvidas com seus registros, relatos, vivências. As crianças de forma coletiva foram construindo o conhecimento sobre os animais do Taim, apresentando suas curiosidades, dúvidas, saberes e descobertas e fazendo elos com a vida cotidiana. A memória, a imaginação e os sentimentos interligadas auxiliaram na construção de conceitos particulares a cada sujeito participante.

Nesse espaço-tempo, as crianças experienciaram os objetos contidos e também contextualizaram os novos artefatos, construindo a identidade do grupo a partir do estudo. A transposição de sair da sala de aula e imaginar como seria a ESEC TAIM, contribui para a construção geográfica da turma, ainda que primeiramente no plano imaginário.

As imagens a seguir apresentam dois momentos distintos em que atividades de intervenções foram desenvolvidas, (Figuras 42 e 43). Nesse espaço-tempo, marcado pela construção da identidade do grupo e de relações de pertencimento, constituído de artefatos comuns a outras salas de aulas, foi caracterizado como lugar diferenciado pelas experiências e interações vivenciadas nele.



***Figura 42: Espaço-tempo da sala de aula***

Fonte: Registro obtido do Vídeo 0462 do dia 24/10/2014



***Figura 43: Espaço-tempo da sala de aula***

Fonte: Registro obtido do Vídeo 0092 do dia 27/08/2014

As imagens representam o espaço-tempo da interação que sediou a maior parte dos processos da pesquisa com os pequenos. Busquei que as crianças se sentissem instigadas e independentes para expressarem oralmente, assim como graficamente suas percepções quanto ao estudo desenvolvido. Em parceria, construímos os processos de estratégias, desde a escolha da temática chegando à apresentação do produto final para outro grupo de crianças. Nessa caminhada as experiências e conhecimentos anteriores das crianças foram valorizados e ressignificados, pois me associo ao “princípio que as crianças já sabem sempre alguma coisa a respeito do que querem aprender, e que devemos ser capazes de fazer esse conhecimento que elas trazem vir à tona” (JUNQUEIRA, 2001, p. 143).

O pátio da escola, onde as crianças brincaram, conversaram e vivenciaram de forma “livre”, sem sentirem-se vigiados pelos adultos, consistiu também, em espaço-tempo da pesquisa. Nele, por exemplo, observei o grupo colher materiais orgânicos que constituíram o mapa sensorial sobre o habitat dos animais do Taim. A experiência de ir ao pátio, coletar pedras, folhas, gravetos o ressignificou como espaço de aprendizagem. Para Barros, “é nos desvios que [se] encontram as melhores surpresas e os araticuns maduros” (BARROS 2013b, p. 38), ou seja, saindo dos espaços (mais) formais, e buscando novos espaços-tempos educativos, temos a possibilidade de renovar e avivar as “cores” (e “sabores”) de experiências e de saberes.

Em consonância com a busca de novas e significativas experiências, foi necessária a escuta das crianças. Conceder a palavras a elas significa (...) dar condições de se expressarem. Para se expressarem, “as crianças devem poder raciocinar sobre coisas que conhecem diretamente, que fazem parte de sua vida” (TONUCCI, 2005, p. 17-18). Ao fazerem o elo entre a vida cotidiana e as novas aprendizagens, as crianças produziram novos conhecimentos mediados por linguagens visuais e espaços-tempos educativos. O grupo experienciou o espaço-tempo do pátio, com seus corpos e sentidos (visão, tato, audição) organizados de forma a contemplar o objetivo de obter materiais orgânicos para compor o mapa sensorial.

Nas representações (Figuras 44 e 45), é possível inferir sobre a organização das crianças na realização da atividade. Em grandes ou pequenos grupos, abaixados ou em pé, procurando ou dialogando, cada uma delas juntou o que iria contribuir com a proposta da atividade. Neste espaço produzido pelos adultos, as crianças o recriaram de forma a atender seus desejos e expectativas, e ratificaram que “na interação produtiva, na constituição dos territórios, dos lugares, pode-se perceber os processos de produção do espaço pelas crianças,



na atuação, na organização espacial constituída pelo mundo adulto (...)” (LOPES, 2011, p. 102).



**Figura 44: Espaço-tempo do Pátio da escola**  
Fonte: Registro obtido do Vídeo 0461 do dia 24/10/2014



**Figura 45: Espaço-tempo do Pátio da escola**  
Fonte: Registro obtido do Vídeo 0461 do dia 24/10/2014

No conjunto dos espaços-tempos explorados e vivenciados pelas crianças acrescentamos a ESEC TAIM. Sobre ele foram construídas inicialmente as concepções, aprendizagens e o aguçamento do imaginário, mas pudemos, também, materializá-lo por meio de uma viagem. A probabilidade de levar o grupo para conhecer *in loco* a Estação e ver de

muito perto alguns animais nativos, surgiu ao longo da pesquisa e do estudo das crianças. Tomando como motivação o entusiasmo e a construção do pertencimento das crianças durante o processo de seus estudos, a viagem foi organizada e realizada. Para melhor auxiliar o grupo na apresentação do Taim, contratei um guia autorizado pela Estação, o que contribui muito para a realização do passeio.

Os momentos que antecederam a viagem foram de ansiedade por parte das crianças, o que me levou a pensar que elas produziram e reproduziram em seus imaginários antecipadamente, como seria a visita à Estação do TAIM, pois falaram muito sobre o assunto, lembrando dos momentos mais significativos para elas.

Nas imagens abaixo, podemos observar diversos momentos da viagem, como nas que as crianças observaram de dentro do ônibus a paisagem e os animais da Estação (Figuras 46 e 47). No deslocamento e na visita propriamente dita, elas estavam muito animadas e instigadas a questionarem, dialogarem e apresentarem suas percepções sobre o momento experienciando.



**Figura 46: Espaço-tempo do Taim  
20/11/2014**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora



**Figura 47: Espaço-tempo do Taim  
20/11/2014**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

No deslocamento, pude constatar entre os diálogos das crianças, a curiosidade em saber se faltava muito para chegar e a expectativa de conhecer o objeto de nossa pesquisa. A

viagem proporcionou às crianças a transposição e a transgressão de barreiras, aproximando-as do lugar que no início da pesquisa era desconhecido.

Na vivência nesse espaço-tempo a turma foi organizada para assistir a um vídeo disponível na Estação (Figura 48). O interessante é que o filme apresentado, já era de conhecimento das crianças: “Globo Repórter na Estação Ecológica do TAIM” que fora um dos vídeos introdutórios do estudo das crianças. A turma ao assisti-lo pode realizar um resgate de uma das primeiras atividades sobre o tema e contextualizar com a Estação *in loco*.



**Figura 48: Espaço-tempo da ESEC TAIM 20/11/2014**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Na sequência dessa atividade, as crianças foram direcionadas ao Museu da Estação. Esse espaço continha cartazes, painéis, animais empalhados, ossos, entre outros. Temos a imagem, por exemplo, do Arthur contemplando um animal nativo empalhado (Figura 49). O menino mostra estar muito à vontade e interpreto que expressa intensidade em sua observação. Essa imagem me é muito representativa, uma vez que demonstra o encantamento da criança diante de um animal nativo do Taim. Repercuto pelos indícios que as crianças foram envolvidas nas aprendizagens e se sentiram pertencentes a essa experimentação.



**Figura 49: Arthur – Observando o gato do mato**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

Temos também a imagem de Gabriella fazendo registros fotográficos de réplicas e de animais empalhados em uma das estantes do museu (Figura 50). Seu ato contribui para guardar recordações do vivido: A fotografia retém a lembrança e também apresenta a outras pessoas a percepção do sujeito sobre o lugar visitado. As impressões e o modo como a criança percebeu e se sentiu nesse lugar, ficaram registrados na memória e também na fotografia. Em um processo isolado e silencioso, só seu, Gabriella fez sua observação e análise do registro que iria, na sequência, realizar.



**Figura 50: Gabriella – fotografando animais**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

De uma forma diferenciada, outras crianças apreciaram a mesma estante, utilizando a observação (Figura 51). Nessa imagem reitero a interação entre as crianças, posto que perguntaram, observaram e dialogaram entre si. Esse emaranhado de atitudes e ações consolidou laços afetivos entre o grupo bem como da pesquisa da professora.



**Figura 51: Grupo - Observando e fotografando animais**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

O grupo viveu a experiência de visitar a ESEC TAIM e consolidar as aprendizagens construídas a partir da sala de aula. A caminhada da pesquisa formação percorrida em conjunto com as crianças, apresentou os diferentes momentos que contribuíram para a construção e consolidação deste trabalho. Muitos achados se apresentaram de forma a construir um elo entre as experiências, o ensino e a aprendizagem. Esse grupo de crianças, suspeito, terá em suas lembranças fragmentos dos momentos vividos, com uma imaginação permeada pelas novas descobertas deste percurso educativo.

Busquei também em minha memória, lembrar das emoções e dos sentimentos despendidos nos momentos vividos, pistas para as observações e os apontamentos realizados sobre os elementos educativos e espaços-tempos promovidos pela pesquisa podendo, desta forma, incluí-los ao conhecimento produzido, pois “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos, e só se pode ver com o coração” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 72).

Visitar o Taim possibilitou dar vida ao estudo desenvolvido, oportunizando a aproximação das crianças de uma temática antes desconhecida e que passou a fazer parte das suas experiências de vida. A realização de uma investigação-ação, baseada em um projeto de ensino compartilhado, possibilitou vivenciar com as crianças a descoberta e reconhecimento do que antes estava perto geograficamente, mas, ao mesmo tempo, longe de suas percepções e imaginários.

### **3.4.1 Um espaço-tempo particular – O caderno de pesquisa no meio familiar**

Paralelamente ao estudo das crianças desenvolvido em âmbito de sala de aula sobre os animais do Taim, propus à turma a organização de um caderno de estudo e registro para o meio familiar. Este continha informações às famílias, sobre os processos desenvolvidos ao longo do trabalho, e questões buscando a contribuição das mesmas com a tarefa das crianças sobre histórias particulares a propósito de vivências com animais domésticos e nativos do Taim. Importantes informações e histórias foram registradas nesse instrumento, as quais contribuíram para a construção de análises e apontamentos em relação aos posicionamentos e experiências registrados.

No total eram cinco cadernos que continham perguntas semanais. A organização para o uso e registro foi de forma que a cada dia da semana cinco crianças levassem um dos cadernos para casa, sendo que no dia seguinte, ao devolverem, mais cinco crianças poderiam levá-lo. A dinâmica foi repetida até que todo o grupo tivesse feito seu registro sobre a pergunta da semana. As perguntas eram iguais nos cinco cadernos, sendo modificada a cada semana e, ao seu final, quando todas as crianças já haviam apontado sua participação com o auxílio de suas famílias, fazia o recolhimento dos mesmos, para a realização da leitura em sala de aula dos registros feitos. Esses foram momentos em que as crianças ficavam muito interessadas e atentas em ouvir o que os colegas da turma e seus familiares haviam anotado, e as histórias que contaram no caderno de pesquisa do meio familiar. Os cadernos foram organizados por cores diferentes (laranja, verde claro, verde escuro, azul e amarelo) como caráter de ilustração, mas também para melhor localizar as escritas das crianças e dos familiares (Figura 52).



**Figura 52: Cadernos de pesquisa no meio familiar**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

As colaborações registradas nos cadernos abrangeram questões de convivência, atitudes de respeito e conhecimento sobre os animais domésticos e do Taim.

A primeira questão foi: “Escreve sobre os animais em tua vida” que desencadeou novas questões. Como a maioria das crianças apontou a existência de animais domésticos como cachorros, passarinhos, gatos e codornas em suas residências, esse fato gerou um novo questionamento, sendo bem específico a cada criança: “Conte uma história/acontecimento sobre teu gato”, por exemplo. Havia crianças que não possuíam animais domésticos devido a problemas de saúde ou por opção. Para essas a pergunta foi “Escreve como seria ter um animal de estimação”.

Um dos relatos apresentados aponta a relação de amor e cuidado, onde a menina e sua família registraram: “Eu tenho em casa uma gata siamesa, com o nome de *Bitoca* e outra toda branca que se chama *Branca de Neve*. Gosto muito delas. Também tenho um cão Pastor Alemão muito brincalhão. Eu amo muito meus animais e cuido deles”. (Joice e Mãe. Caderno laranja. 19/08/2014). Outra criança escreveu que “eu amo cachorrinhos. Minha mãe e eu estamos tentando conseguir um para eu cuidar com muito amor”. (Kauã e Mãe. Caderno verde claro. 24/08/2014). Nesses dois registros, percebo que o afeto e as relações de cuidado estão muito presentes. Os animais representam companhia, amizade e despertam nas crianças a necessidade de atenção e carinho.

A aluna Daniella reforça esse sentimento, pois diz que “desde pequena eu amo os animais. Já tive cachorros, gatos, e codorna. Gosto de conviver com eles, me sinto feliz.

Também gosto de outros animais como cavalos, vacas, galinhas e coelhos”. (Daniella e irmão. Caderno azul. s/d).

Nessa escrita, “adivinho” o enorme envolvimento que a aluna tem com os animais. Já teve contato com diversas espécies e aponta a felicidade que sente ao conviver com eles. Esse envolvimento e o desencadeamento de variados sentimentos em relação à convivência com diferentes espécies fortalecem os laços entre animais humanos e não humanos. A criança nessa direção tem a oportunidade de perceber nos animais não humanos relações de companheirismo e amizade, de aprender e estabelecer atitudes de respeito e cuidados mútuos.

A mãe do Renan contribui fazendo um relato sobre o envolvimento dele com os animais. Neste registro sua mãe, reforça a importância sobre o respeito e a responsabilidade que busca ensiná-lo em relação aos animais

O Renan gosta muito de animais de todas as raças e tamanhos, mas tem um animal em especial que ele tem uma afinidade muito grande que é o cachorro. Ele tem três cachorros, o *Bad* (um Boxer) de porte grande e dois Poodles que receberam o nome de Peludo e de Pretinha que é a mais nova integrante da família e recebe todos os cuidados e alimentação por ele. O Renan tem o compromisso e a responsabilidade de recolher as bagunças realizadas por ela. Com isso o Renan está se tornando uma criança mais responsável e consciente de que não basta ter um animal; é preciso cuidar e dar carinho a ele. (Thais – Mãe do Renan. Caderno de pesquisa verde escuro, 04/09/2014).

A narrativa nos expõe a preocupação que a mãe do menino apresenta com relação a sua formação humana e social. Ao se preocupar com os cuidados e a responsabilidade da criança em relação ao seu animal de estimação, ela faz referência às demais implicações que existem ao adotar um animal. Levá-lo para casa apenas não é suficiente; é preciso a realização de um conjunto de cuidados que promoverão o seu bem-estar, ou seja, limpar as “sujeiras”, alimentar, banhar, dar-lhe um abrigo seguro, além de medicá-lo, quando necessário, com muito carinho, paciência e atenção.

Houve relatos também sobre animais que já não estão mais no convívio das famílias, mas que, ainda hoje, persistem sentimentos de afeto e saudade. Jullianny relata: “Eu coleí [no caderno] esses animais (cachorros, gatos, coelhos e cavalos) porque são os que eu mais gosto e são os que eu já tive na minha casa. Eu gosto deles porque são muito fofos, amigos, bonitos e são doces”. (Jullianny e prima Kelli. Caderno verde claro. 15/08/2014). Nesse relato a criança expressa o sentimento de docilidade que atribui aos animais.

Para o segundo questionamento aparece o sentimento de saudade por animais que já faleceram, as “bagunças e travessuras” realizadas por eles, a dificuldade de cuidar e ser responsável por um bichinho, os alimentos que ofereceram a eles, o desejo por ter um animal



de estimação, a alegria de ter ganhado um animal, a felicidade em passear com ele, a companhia que eles lhes fazem e a necessidade de cuidar da saúde deles.

Os dois questionamentos que orientaram a análise do processo de registro das crianças e seus familiares sobre seus convívios com animais não humanos, revelaram que os animais domésticos que coexistem com eles, possuem lugar de destaque nas famílias. Por meio desses animais, as crianças aprendem a lidar com questões referentes ao cuidado, ao respeito, ao investimento afetivo para com o próximo seja ele animal ou humano.

Para Renan, ter um animal de estimação possui uma dimensão que não é de superficialidade, pois ele relata que “Pretinha é minha cachorra. Quando eu ganhei ela não sabia que ia dar trabalho. Ela me acorda todo dia, faz eu levantar para ela deitar no meu travesseiro”. (Renan. Caderno amarelo. s/d). Nesse apontamento reconheço que o animal de estimação está integrado ao convívio familiar e domiciliar, podendo desfrutar do conforto da casa. Renan aponta também sua preocupação em cuidar bem de sua “cachorra”, mas destaca o “trabalho” que precisa ser realizado para que ela tenha esse bem-estar, manifestando entendimento sobre compromissos inerentes ao ato de “ter” um animal.

Para Joice, sua gata *Bitoca*, também se apresenta integrada a sua família, pois “a minha gatinha *Bitoca* é muito esperta. Ela gosta de sentar na cadeira na hora do almoço. “*Bitoca*” brinca comigo e me faz companhia”. (Joice. Caderno laranja. s/d). Nesse registro, ela transparece sentimento de felicidade ao ter sua gata por perto ao fazer suas refeições e como companhia. Nessa perspectiva, o convívio com animais domésticos, causa bem-estar aos humanos: ao mesmo tempo em que tem companhia, podem brincar e cuidar de seu animal de estimação.

Após essa primeira etapa de questionamentos, o direcionamento foi para o conhecimento dos animais do Taim, e as crianças deveriam socializar com a família sobre suas aprendizagens: “Conte para a família sobre os animais do Taim que conheceu. Escreve e desenha sobre o animal que mais gostou.”

Para a primeira escrita sobre o Taim, as crianças apontaram em seus registros os animais que mais gostaram, sendo eles: capivara, borboleta-seda-azul, jacaré-de-papo-amarelo, colhereiro, tartaruga-tigre, noivinha-do-rabo-preto, cisne-do-pescoço-preto e quero-quero. Observo a variedade de espécies elencadas pelas crianças e seus apontamentos. A escolha dessas espécies, possivelmente ocorram em função da proximidade com experiências anteriores, gostos particulares, ou mesmo, do encantamento pela descoberta em sala de aula.

Dois registros me chamaram a atenção, sobre o primeiro destaque:

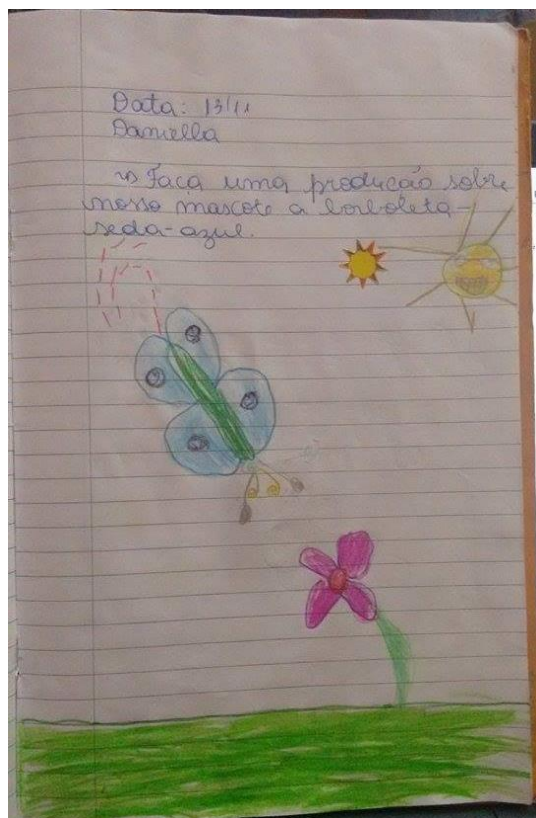
“Os animais que eu mais gostei foram a borboleta de seda azul e a tartaruga tigre. Eu escolhi elas porque são muito interessantes. O que me chamou mais atenção foram as cores vivas desses dois animais. Um dia eu passei pelo Taim e quero voltar outra vez. Quero conhecer novos animais e ver como eles vivem”. (Daniella, Caderno verde escuro - 25/09/2014).

Em sua escrita a menina deixa clara a sua preferência pela borboleta-seda-azul e pela tartaruga tigre devido às cores vivas dos animais. Também expressa seu desejo de visitar o Taim, mesmo antes de planejarmos ir a Estação. Seu comentário contém envolvimento e desejo de apreciar os animais nativos que ela aprendeu com sua pesquisa. Apresentou identificação e vontade de conhecer outras espécies e como elas vivem, demarcando uma relação de pertencimento que desenvolveu com a temática estudada.

No segundo depoimento, observo: “Eu gostei mais da borboleta azul porque ela é muito bonita. Ela também é muito diferente das outras borboletas e também é muito difícil de encontrar. Eu gostei do cisne-do-pescoço-preto porque ele é muito bonito e bem diferente”. (Julyanny, Caderno azul escuro- 27/09/2014).

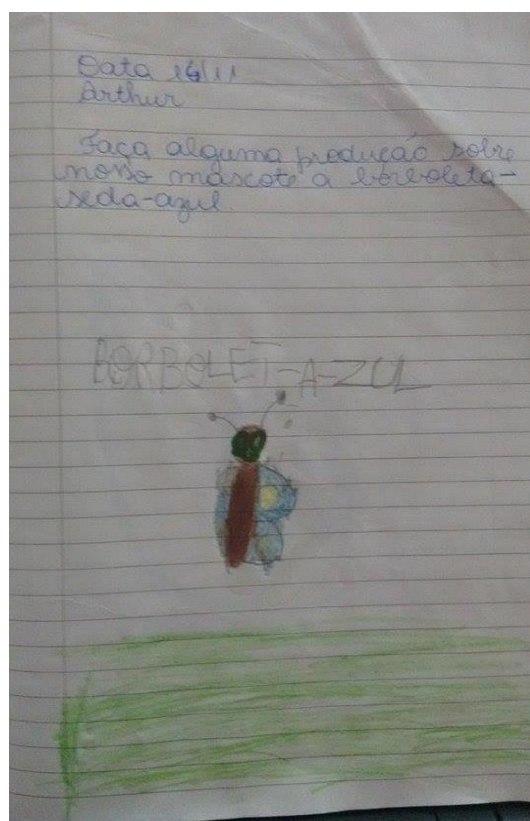
Nessa escrita há, novamente, a constatação sobre a dificuldade de encontrar a borboleta-seda-azul. Com isso, percebo que mesmo sendo rara sua presença no meio próximo à criança, ainda sim lhe coube representar a pesquisa e ganhar a admiração da maioria das outras crianças. Espécies como o cisne-do-pescoço-preto também estiveram entre a preferência da turma, embora não tivesse o mesmo impacto que a borboleta.

O questionamento seguinte foi “Faça uma produção sobre nossa mascote, a Borboleta-seda-azul” que originou uma série de desenhos sobre essa espécie, pois nenhuma criança optou por fazer o registro mediante a escrita. A imaginação e criatividade da turma se evidenciou e a mascote foi representada de diversas formas: em desenho em sua cor original azul, por corações, junto a flores, em um dia ensolarado, com recorte e colagem e em outras cores como marrom, verde e amarelo. A transgressão do formato e da cor encontradas na natureza, munida de muita criatividade, expressou sentimentos, envolvimento, confiança e criação da turma em relação ao estudo realizado. Algumas das representações podem ser visualizadas nas imagens abaixo (Figuras 53 e 54).



**Figura 53: Daniella – Representação da Borboleta-seda-azul**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora



**Figura 54: Arthur - Borboleta-seda-azul representada com outras cores**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

E, para finalizar, as produções deveriam abordar a viagem a Estação, e a proposta foi: “Escreve e desenha o que mais gostou na viagem ao Taim”.

Dentre os animais que foram objeto de admiração após a viagem estiveram a capivara (em sua maioria), seguida da borboleta, do jacaré-de-papo-amarelo, do gato do mato, e do João Grande. Além das espécies descritas pelas crianças, duas delas, o Dionathan e a Daniella, expressaram a alegria de terem ido de ônibus à ESEC TAIM, bem como Liandra que deixou registrado sua surpresa ao ver a capivara: “Eu pensei que a capivara era pequena, mas não é, ela é muito grande. Eu gostei muito dela.”. (Liandra - Caderno verde claro - 25/11/2014).

No caso desse registro, destaco a contribuição que o passeio realizado trouxe às crianças. A representação que elas tinham sobre o tamanho dos animais foi confrontada ao vê-los ao vivo, por isso aposto na necessidade de transpor as barreiras da representação e mostrar, sempre que possível, o objeto de estudo em sua concretude. Mais do que pesquisarmos, desenharmos e observarmos por meio de vídeos, histórias ou fotos a realidade estudada, se faz necessária a materialização viva da temática.

Outro recurso da pesquisa foi o caderno de pesquisa no meio familiar que possibilitou a extensão da sala de aula até as casas das crianças. Mais do que informar as famílias, essa proposta visou uma escrita colaborativa da turma com seus familiares envolvendo-os no estudo, como também favorecer a construção de desenhos sobre o tema pesquisado em outro espaço.

Os questionamentos oportunizaram a participação e registro das crianças junto com suas famílias, podendo expressar seus sentimentos, gostos e vivências com os animais domésticos e/ou do Taim trocando aprendizagens fora da escola.

Nessa atividade houve três crianças que realizaram pouco ou nenhum registro nos cadernos, mesmo sendo oportunizado. Para essas crianças, a participação no trabalho ocorreu por meio das atividades realizadas na escola e viagem ao Taim. As demais crianças participantes apresentaram entusiasmo ao receberem as propostas de escrita no caderno.

Por meio dessas escritas as crianças e seus familiares revelaram atitudes de cuidado, afetividade e convivência com diferentes tipos de animais domésticos. A maioria das crianças possuía cachorros, gatos e outros animais como passarinhos, codornas e porquinhos da índia.

E, mesmo as crianças que não possuíam algum tipo de animal em suas residências (Agatha, Luiza, Jullianny e Keronly), ainda sim expressaram desejos e relações de cuidado com os mesmos. E outros, por sua vez, relataram momentos em que já tiveram algum tipo de animal de estimação.

Muitos registros abarcaram o âmbito da convivência diária, como o cuidado com banho, medicação e alimentação, assim como em relação ao respeito e as brincadeiras divertidas que realizam com seus animais de estimação. Essa familiaridade e aproximação com os animais me inspiram a buscar na poesia de Barros a estética das palavras sobre essa proximidade com os animais, posto que “lugar mais bonito de um passarinho ficar é a palavra. (...) O menino caminhava incluso em passarinhos. (...). A gente só gostava de usar palavras de aves porque eram palavras abençoadas pela inocência” (BARROS, 2010, p. 15).

Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.

SAINT-EXUPÉRY

## **(IN) CONCLUSÕES**

Início este capítulo, com a retomada do desenvolvimento e por ora conclusão desta escrita, me inspirando em uma passagem do livro “O Pequeno Príncipe”, onde diz “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 74). Essa passagem me remete ao sentimento de ter desenvolvido com o grupo de crianças do 1º B da Escola França Pinto o desenvolvimento de percepções, ensino e aprendizagens contextualizadas e significativas sobre os animais do Taim. Além disso, foi destacado questões inerentes ao Direito Animal e movimentos pró-animais não humanos na cidade do Rio Grande. Penso que cativei na turma o desejo da descoberta e a pesquisa proporcionou momentos importantes de aprendizagens e estudo, como também, espaços-tempos prazerosos vividos coletivamente. Nesse caminho, experimentei a importância do ato educativo, da docência e de elementos educativos que contribuíram durante a caminhada da investigação-ação com as crianças.

A utilização do termo “(in)conclusões” neste capítulo está ancorado na convicção de que o estudo realizado é uma produção autêntica dos sujeitos participantes, mas também um processo que não se acaba aqui. A partir das vivências coletivas nos espaços-tempos educativos que a pesquisa possibilitou, a escrita última deste estudo, compreende a retomada sobre a importância das “experiências e das vozes que ecoaram” em tal proposta. Mais do que fazer um registro de fechamento, por ora, é preciso continuar a pensar e repensar os processos vivenciados por mim, professora pesquisadora e pelas crianças sujeitos da pesquisa.

As metodologias utilizadas, ou seja, a pesquisa com crianças, ancorada na geografia da infância e na investigação-ação, contribuíram para a construção de um estudo pautado na concretude de um grupo específico de crianças. Nessa perspectiva, apostei na possibilidade e viabilidade da promoção de um ensino e aprendizagem coletivos, em que todos os sujeitos envolvidos pudessem colaborar e terem suas vozes ouvidas. A construção do espaço-tempo educativo e a reconstrução de espaços formais de ensino e aprendizagem, também se fizeram presentes, uma vez que a geografia das crianças foi vivida na transposição dos espaços escola, pátio da escola, ESEC TAIM e residências das crianças. A investigação-ação, empenhada em

ressignificar a prática educativa do professor, contribuiu, na medida em que, me modifiquei e modifiquei o olhar diante do ato educativo.

Nessa direção, cabe neste momento, retomar a questão de pesquisa que permeou todos os processos desenvolvidos, ou seja, *“Que elementos educativos e espaços-tempos presentes nas atividades desenvolvidas pela professora pesquisadora em parceria com as crianças, do primeiro ano B, da Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto, contribuíram para o processo de ensino e aprendizagem e construção das percepções acerca dos animais nativos do Taim?”*

Com base na questão de pesquisa, minhas observações apontaram que as aprendizagens das crianças foram promovidas por meio das linguagens visuais, especialmente o desenho, a escultura e o mapa sensorial, pela imaginação e percepção estética criativa e relacional, pelas vivências, pelas escritas coletivas e pelos diálogos. Os espaços-tempos das descobertas mais significativas compreenderam a sala de aula, o pátio da escola e a Estação Ecológica do TAIM. Assim, a comprovação das aprendizagens das crianças e suas percepções em relação aos animais do Taim, ocorreram por meio das produções realizadas que apresentaram pistas das compreensões delas em relação ao estudo proposto. O conjunto dos elementos educativos e os espaços-tempos compreenderam, portanto, uma dimensão estética e, ao mesmo tempo, educativa.

A realização desta investigação, iniciada de um desejo de pesquisar com as crianças a partir de temas de suas escolhas, neste caso, os animais, pode servir de inspiração a outros tantos. Mesmo com seu término pelo momento, fica em mim o desejo de desenvolvê-la com outras crianças, promovendo outros conhecimentos semelhantes. A representação de traços da realidade vivida e das percepções feitas através de observações demonstra parte do que foi desenvolvido em parceria com a turma. Deixo como marca neste estudo, também minhas impressões e perspectivas educacionais. Assim, como a turma ressignificou conhecimentos e por meio deles se ressignificou, eu como parte desse processo também fui muito influenciada e a partir da experiência e registro do que foi experimentado, meu olhar diante do ato educativo, foi reconfigurado.

Ouvir as crianças e deixá-las fazer parte dos processos desenvolvidos foi uma premissa deste estudo. Impactada pelas aprendizagens com os pequenos e inspirada na poesia de Manoel de Barros, de que “com as palavras se podem multiplicar os silêncios” (2010, p. 477), busquei apresentar seus silêncios, suas impressões, suas marcas, e a participação viva das crianças sujeitos desse processo formativo. A realização da pesquisa, com tal temática e com esta turma de crianças, promoveu uma nova forma de ver, pensar e perceber cada uma

delas. Todas as atividades de intervenções propostas, objetivaram a busca pela participação das crianças, bem como, suas percepções em relação aos animais do Taim.

As limitações em ser professora pesquisadora de minha turma de regência estiveram em propor, orientar e avaliar atividades e, ao mesmo tempo, registrar os acontecimentos, distanciar-me e analisá-los com olhos de investigadora. Esse movimento exigiu aproximações, mas, também afastamentos. Ser a professora da turma, por outro lado, me oportunizou ter maior aproximação com as crianças, pois não precisei me inserir no campo de estudos; eu já fazia parte dele. Também tive maior liberdade dentro da escola para usar os equipamentos necessários, como multimídia, computador, entre outros.

Assim sendo, os dados empíricos da pesquisa produzidos pelas crianças, através dos espaços-tempos (sala de aula, pátio da escola e ESEC TAIM) e dos elementos educativos (as linguagens visuais (desenho escultura e mata sensorial), a imaginação, o diálogo e a escrita , as vivências, percepção e a estética) presentes nas atividades de intervenção e nas vivências, contribuíram para que eu percebesse através das marcas e registros deixados por elas, suas aprendizagens e percepções sobre o estudo realizado em relação aos animais nativos do Taim. Nesses modos de registrar a história vivida, elas apresentaram no percurso, momentos de “significações produzidas pelas crianças - tanto previsíveis, quanto as inusitadas, provocadoras de perplexidade do professor [...]”. (JUNQUEIRA, 2011, p. 46), com as quais aprendemos muito, pois na medida em que as curiosidades da turma surgiam, ensinei, aprendi e me ressignifiquei junto com elas.

## REFERÊNCIAS

- BARATELA, Daiane Fernandes. **Ética Ambiental e Proteção do Direito dos Animais**. Revista Brasileira de Direito Animal. Volume 9, n. 16, Mai – Ago. p. 47-74. 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/issue/view/994/showToc>. Acesso em: 12/11/2014.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- BARROS, Manoel de. **Infantis**. 18. ed. São Paulo: Leya, 2013a.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. 18 v. São Paulo: Leya, 2013b.
- BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. São Paulo: Leya, 2010.
- BARROS, Maria Elizabeth Barros de; MORSCHEL, Aline. **Conhecer**. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- BASTOS, Lilian Francieli Morais. **A participação infantil no cotidiano da escola**: criança com voz e vez. (Dissertação). Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio Grande, 2014.
- BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Resumo Executivo da proposta de ampliação da Estação Ecológica do TAIM**. Instituto de conservação da biodiversidade – ICMBIO. Diretoria de criação e manejo de unidades de conservação. Estação Ecológica do TAIM, 2013 Disponível em: [http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/consultas\\_publicas/RESUMO\\_EXECUTIVO\\_Ampliacao\\_da\\_ESEC\\_do\\_Taim.pdf](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/consultas_publicas/RESUMO_EXECUTIVO_Ampliacao_da_ESEC_do_Taim.pdf). Acesso em: 25/02/2014.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais**: arte. Brasília: 1997.
- CALLAI, Helena Copetti. **A geografia é ensinada nas series iniciais?** Ou: aprende-se Geografia nas séries iniciais? In: TONINI, Ivaine Maria et al (Orgs.). O ensino de geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 29-39.
- CALVINO, Ítalo. **Palomar**. 2. ed. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. 3. ed. Tradução: Ivo Barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.
- CHAIGAR, Vânia Alves Martins; REDIN, Marita Martins. **A cidade, as crianças e os animais**: geografias enunciadas por olhares infantis. XII Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. João Pessoa, 2013 (E-book).



CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Tradução: Lia Grabiele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. **Sociologia da Infância: Pesquisa Com Crianças**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 19-09-2014.

DERDYK, Edite. **Arte na Escola**. jun/jul n. 62, 2011. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/uploads/boletins/boletim-62.pdf>. Acesso em: 25-08-2015.

DERDYK, Edite. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 4 ed. Porto Alegre: Zouk, 2010.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1981.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições Ltda., 2004.

DUMONT, Luiz Felipe de Souza. **Taim uma reserva de vida**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2006.

FERNANDES, Natália. **Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida: representações, práticas e poderes**. (Tese) Universidade do Minho. Portugal, 2005. Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6978/5/Doutoramento%20-%20Vers%C3%A3o%20Final%2014\\_06\\_%202005.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6978/5/Doutoramento%20-%20Vers%C3%A3o%20Final%2014_06_%202005.pdf) . Acesso em: 23/02/2015.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira. **A investigação-ação e a construção de conhecimento profissional relevante**. In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro. (Orgs.). Pesquisa em Educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 27-39. (v. 2).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GONÇALVES, Susana Paula da Silva Martins Fernandes. **Representação pictórica em papel e no paint: análise comparativa dos desenhos realizados por crianças de 5-6 anos**. (Tese). Universidade do Minho. Portugal, 2006. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6929/1/tese%20final.pdf>. Acesso em: 24-02-2015.

GOMES, Paola Basso Menna Bareto. **Os materiais artísticos na Educação Infantil**. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Orgs.). Educação infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 109 -121.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de professores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

JCKC (resp.). **Taim - Reserva Ecológica** - Estação Ecológica - RS/Brasil - Taim Ecological Station. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UfKMLJfq14s>. Acesso em 12-08-2014.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Conversando, Lendo e Escrevendo com as Crianças na Educação Infantil**. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Org). Educação infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p.135 -152.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade **Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Múltiplas Linguagens na Escola**. In: Vera Maria Candau. (Org.). Linguagens, espaços e tempos no ensinar e no aprender. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 123-140.

KUBRUSLY, Maria Emilia. **Bichos do mar de dentro**. Aventuras no Mar de Dentro. Ilustrações de Lui Lo Pumo. Porto Alegre: Lahtu Sensus, 2010.

LACERDA, Juliana Canez. **O Direito dos animais no direito brasileiro: desafios e perspectivas**. Pelotas, RS. Universidade Católica de Pelotas, 2011. (paper)

LIMA, Mayumi S. **A cidade e as crianças**. São Paulo: Nobel, 1989.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias**. Contexto e Educação. Ijuí, RS: Editora Unijuí, Ano 23 n. 79, Jan./Jun., 2008, p. 65-82. Disponível em <https://pactuando.files.wordpress.com/2014/10/texto-geografia-das-crianc3a7as-geografia-das-inf3a2ncias.pdf>. Acesso em: 02-01-2015.

LOPES, Jader Janer Moreira. **O menino que colecionava lugares**. In: TONINI, Ivaine Maria et al (Orgs). Ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 99 -108.

LOPES, Jader Janer Moreira. **O ser e estar no mundo: a criança e sua experiência espacial**. In: LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de. (Orgs). O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2009, p. 119 - 131.

LOPES, Jader Janer Moreira, VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da infância: territorialidades infantis**. Currículo sem fronteiras, v6, n1, p. 103-127, jan/jun 2006. Disponível em: [http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop\\_vasc.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.pdf). Acesso em: 25-09-2015.

MARQUES, Davina; MARQUES, Ivânia. **Da imaginação ou uma borboleta saindo do bolso**. In: NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta (Org). Ler e escrever na infância: imaginação, linguagem e práticas culturais. Campinas, SP: Edições Leituras Críticas, 2013, p. 21 – 36.

MARTINS FILHO, Altino José; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Metodologias de Pesquisas com e sobre crianças**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/METODOLOGIAS%20DE%20PESQUISAS%20COM%20E%20SOBRE%20CRIAN%C3%87AS.pdf>. Acesso em: 19-09-2014

MELLO, Marisol Barenco de. **Lógicas infantis: é a criança um outro?** In: LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de. (Orgs). O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas: dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovelte, 2009, p. 63 – 82.

MOLINA, Rinaldo. **A pesquisa-ação/investigação no Brasil: mapeamento da produção (1966 - 2002) e os indicadores internos da pesquisa-ação colaborativa.** (Tese) Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo, 2007. Disponível em: file:///C:/Users/Nanda/Desktop/TeseRinaldo.pdf. Acesso em: 27-06-2014.

MÜLLER, Fernanda. **Retratos da infância na cidade de Porto Alegre.** (Tese) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2007. Disponível em: [www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12859/000630621.pdf](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12859/000630621.pdf). Acesso em: 28-06-2014.

MURRAY, Roseana. **Classificados poéticos.** Belo Horizonte: Miguilim, 1984.

N. Priscila (resp). **Globo Repórter na ESEC TAIM com a participação Bióloga Aurélea Mader da ARDEA consultoria ambiental.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fm4Lu-GY1WE>. Acesso em

OKAMATO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento.** São Paulo: Plêiade, 1996.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SALGADO, Raquel Gonçalves; SOUZA, Solange Jobim. **Pesquisador e Criança: Dialogismo e Alteridade na Produção da Infância Contemporânea.** Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n138/v39n138a16.pdf>. Acesso em 09-10-2014.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. **A presença da arte na educação infantil: olhares e intenções.** Natal, 2001. Disponível: [http://www.ufrgs.br/gearte/dissertacoes/dissertacao\\_gilvania.pdf](http://www.ufrgs.br/gearte/dissertacoes/dissertacao_gilvania.pdf). Acesso em 24/08/2015.

PREFEITURA, **Municipal do Rio Grande.** Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br>, 2015.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito a Ternura.** 2. ed. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **Por que ouvir as crianças?** Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008, p. 43 – 51.

RODOLPHO, Adriane; ECKERT, Cornelia; GODOLPHIM, Nuno; ROSA, Rogério. **A experiência do núcleo de antropologia visual.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 221-230, jul./set. 1995. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a16.pdf>. Acesso em 20/08/2014.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno Príncipe.** Tradução: Dom Marcos Barbosa. 49. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sonia. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças**. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008, p. 79 – 101.

SOUZA, Solange Jobim; CASTRO, Lucia Rabello de. **Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo**. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008, p. 52- 78.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). Memória e formação de professores. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 59 - 71. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186.pdf>. Acesso em: 03-11-2014.

SUNSTEIN, Cass R. **Os Direitos dos animais**. Revista Brasileira de Direito Animal. Volume 9, n. 16, maio – Ago., p. 47-74, 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/issue/view/994/showToc>. Acesso em: 12/11/2014.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Tradução: Alba Olmi. Porto Alegre: Artmed, 2005.

VARELLA, Drauzio (resp.). **Memória** - Dr. Ivan Izquierdo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9VVtUCN2xLI>>. Acesso em 11/02/2015.

VIGOTSKI, Lev. Semenovitch. **O desenvolvimento Psicológico na Infância**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEIL, Zoe. **O Poder e a Promessa da Educação Humanitária**. São Paulo: Instituto Nina Rosa, 2013.

WÜRDIG, Rogério Costa. **O quebra-cabeça da cultura lúdica – Lugares, parcerias e brincadeiras das crianças: desafios para políticas da infância**. (Tese) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação. São Leopoldo, RS, 2007. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/quebra-cabeça%20da%20cultura.pdf>. Acesso em: 28-06-2014.

**Anexo 1:**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**CARTA DE ACEITE DE PESQUISA**

Srs. Pais e/ou Responsáveis

No segundo semestre do ano de 2014, eu **Fernanda dos Santos Formentin**, Professora Pedagoga da turma de 1º B, na Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto e aluna do curso de Mestrado em Educação na FURG, estarei realizando uma pesquisa com a temática “A cidade, as crianças e os animais” na corrente turma.

O objetivo desta pesquisa é **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Para alcançar os objetivos de pesquisa será preciso o registro dos encontros e estes serão feitos por meio de fotos, vídeos, desenhos, escritas, gravações de áudio. Esses registros serão utilizados apenas para a produção de escrita da pesquisa e serão tomados nesta como fonte confiável. A divulgação dos dados será estritamente relacionada ao meio acadêmico.

A realização desta pesquisa oportunizará as crianças a possibilidade de serem ouvidas, de seus entendimentos serem registrados e tomados como verdades, sobre o ponto de vista que a pesquisa será desenvolvida com as crianças.

Solicito então, a sua colaboração nesse processo, já que as imagens serão utilizadas para usos e fins de pesquisa, bem como para sua divulgação em congressos, seminário, aulas, formação continuada.

Deixo claro que a participação na pesquisa é voluntária e que não existirão despesas para nenhum participante, assim, como não haverá compensação financeira relacionada à participação com as crianças.

Nesse sentido, conto com sua participação e seu consentimento para que a pesquisa possa ser realizada e efetivada contando com os dados produzidos por sua/seu filha(o), neta(o). Coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente  
Professora Fernanda Formentin

**Anexo 2:**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo  
minha filha(o)/neta(o) \_\_\_\_\_ a participar da  
pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas à pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

---

Assinatura do/a responsável

**Anexo 3:**

Representação da capa do CD entregue as crianças participantes, contendo as fotos registradas pela professora pesquisadora ao longo do estudo sobre o TAIM.



**Figura 55: Capa CD de recordação da pesquisa sobre o TAIM**  
Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

## Anexo 4

### Carta de apresentação do Caderno de Pesquisa no meio Familiar

Sres. Pais, alunos e responsáveis;

Este caderno, faz parte de um importante processo de registro de dados da pesquisa a ser realizada na turma de 1ª B. Neste é possível que registrem com as crianças suas vivências, desejos, anotações sobre os temas tratados. A pesquisa realizada terá como temáticas, “a cidade, as crianças e os animais”.

Essas anotações podem se apresentar de diferentes formas, como por registros escritos, colagem ou produção de desenhos, colagem de fotos pessoais, ou de revistas, postais, criação de histórias, enfim, o que a imaginação permitir.

É importante salientar que esses registros devem ser feitos em colaboração/junto com as crianças, levando em conta que a pesquisa será realizada *COM* as crianças. Portanto a opinião e participação delas em todo o processo é de extrema importância. Todos os registros feitos serão compartilhados em sala de aula, para toda a turma.

Caso haja dúvidas sobre como participar na realização dos registros neste caderno, me procurem na escola a tarde, por bilhete ou pelo e-mail: [nanda12sf@yahoo.com.br](mailto:nanda12sf@yahoo.com.br). Agradeço desde já a colaboração de todos.

Atenciosamente

Professora Fernanda Formentin



FRATO 79



**Anexo 5**

Termo de consentimento livre e esclarecido das famílias autorizando a participação das crianças na pesquisa

<p style="text-align: center;"><b><u>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS</u></b></p> <p>Eu, <u>Débora Márcia Baldez</u> autorizo minha filha(o)/neta(o) <u>Adriano Baldez da Silva</u> a participar da pesquisa que busca <b>investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais</b>. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.</p> <p style="text-align: center;"><u>Débora Márcia Baldez</u> Assinatura do responsável</p>
<p style="text-align: center;"><b><u>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS</u></b></p> <p>Eu, <u>Jauciana Jaíma dos Santos</u> autorizo minha filha(o)/neta(o) <u>Agatha Bruma dos Santos Rosa</u> a participar da pesquisa que busca <b>investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais</b>. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.</p> <p style="text-align: center;"><u>Jauciana Jaíma dos Santos</u> Assinatura do responsável</p>

**Figura 56: Autorizações Adriano e Agatha**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Maraíma Trindade dos Santos  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Arthur dos Santos Jardim  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Maraíma T. dos Santos

Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Júliane Fontes Duarte  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Brenda Fontes Ortiz  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

J. Fontes

Assinatura do responsável

**Figura 57: Autorizações Arthur e Brenda**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Marisa S. Borges  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Daniella Borges gonçalves  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Marisa S. Borges

Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Michelle Real Gouveia  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Dionathan Gouveia  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Michelle Real Gouveia

Assinatura do responsável

**Figura 58: Autorizações Daniella e Dionathan**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Simone Alves Bica  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Gabriella Bica Barreto  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Simone A. Bica

Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Luciano Gonçalves Gomes  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Gabriel Primo Gomes  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Luciano Gomes

Assinatura do responsável

**Figura 59: Autorizações Gabriella e Gabriel**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

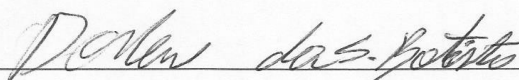
Eu, Carla Regina de Aguiar Pedroso Campos  
 autorizo minha filha(o)/neta(o) JOICE PEDROSO CAMPOS  
 a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
 apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
 realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
 vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
 relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
 ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
 em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.



Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, DARLENE DAS BATISTA  
 autorizo minha filha(o)/neta(o) JOÃO VICTOR BATISTA DA SILVA  
 a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
 apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
 realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
 vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
 relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
 ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
 em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.



Assinatura do responsável

**Figura 60: Autorizações Joice e João Victor**  
 Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Janete Nunes da Silva  
 autorizo minha filha(o)/neta(o) Jullianny Nunes da Silva  
 a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
 apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
 realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
 vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
 relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
 ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
 em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Janete Nunes da Silva  
 Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Olívia Pereira da Rosa  
 autorizo minha filha(o)/neta(o) Kauã Pereira da Rosa  
 a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
 apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
 realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
 vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
 relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
 ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
 em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Olívia Pereira  
 Assinatura do responsável

**Figura 61: Autorizações Jullianny e Kauã**  
 Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Gleony Fiori da Costa  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Kimberlly da Costa Nogueira  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Gleony Fiori da Costa

Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Maílto Soares  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Keronly Soares  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Maílto Soares

Assinatura do responsável

**Figura 62: Autorizações Kimberlly e Keronly**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Marilú Martins da Silva  
autorizo minha filha(o)/neta(o) LIANDRA da Silva Nunes  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Marilú Martins da Silva

Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Paloma Tiessen Pretas Soares  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Luiza Soares da Silva  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Paloma T.P. Soares

Assinatura do responsável

**Figura 63: Autorizações Liandra e Luiza**

Fonte: Arquivo da professora pesquisadora



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Sibek Freitas de Freitas  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Nathália Freitas Pinho  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Sibele Freitas de Freitas

Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS**  
**PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Denifer Aremunt Busqui  
autorizo minha filha(o)/neta(o) Nathan Busqui e Léo  
a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias, vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas, relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Denifer Busqui

Assinatura do responsável

**Figura 64; Autorizações Nathália e Nathan**  
Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Eu, Thais Rodrigues de Rosa da Silva  
 autorizo minha filha(o)/neta(o) Renan de Rosa da Silva  
 a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
 apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
 realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
 vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
 relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
 ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
 em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Thais R.R. Silva

Assinatura do responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS  
PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

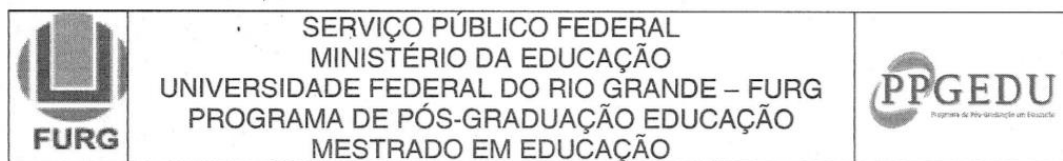
Eu, Renata de Fátima Lima  
 autorizo minha filha(o)/neta(o) Vinícius Fomaz de Lima Vitoric  
 a participar da pesquisa que busca **investigar as concepções que as crianças  
 apresentam sobre a cidade e os animais**. Declaro estar ciente da pesquisa a ser  
 realizada. Autorizo a divulgação de imagens e áudio capturados por (fotografias,  
 vídeos, gravação de áudio, desenho, registros escritos) das atividades desenvolvidas,  
 relacionadas a pesquisa, coletados ao longo do segundo semestre de 2014. Estou  
 ciente de que os dados coletados serão utilizados para fins de pesquisa e divulgados  
 em meio acadêmico, e eventos relacionados ao mesmo.

Renata de Fátima Lima

Assinatura do responsável

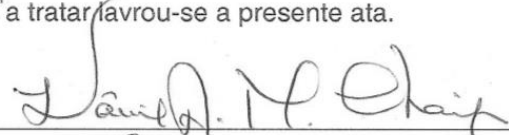
**Figura 65: Autorizações Renan e Vinícius**  
 Fonte: Arquivo da professora pesquisadora

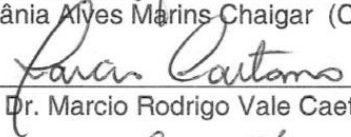
## Anexo 6: Ata de Defesa de Mestrado

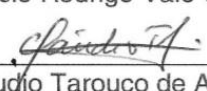


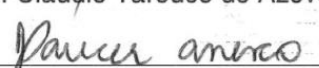
### ATA DE DEFESA DE MESTRADO – Nº 05/2016

Ao dia vinte e um do mês de março de 2016, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, reuniu-se a Comissão Examinadora de Defesa de Mestrado da aluna **Fernanda dos Santos Formentin**, composta pelos seguintes membros: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vânia Alves Marins Chaigar (Orientadora - FURG), Prof. Dr. Marcio Rodrigo Vale Caetano (FURG), Prof. Dr. Claudio Tarouco de Azevedo (UFPEL), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marita Martins Redin (UNISSINOS). Dissertação intitulada: " Percepções e aprendizagens infantis em relação aos animais do TAIM: um estudo construído com crianças dos anos iniciais ". Dando início à reunião a orientadora agradeceu a presença de todos, fez a apresentação da comissão examinadora e esclareceu aos presentes que a candidata teria um tempo aproximado de 30 minutos para explanação do tema e igualmente cada membro para arguição. A seguir, passou a palavra para a mestranda que apresentou o tema e respondeu as perguntas formuladas pela banca. Após discussão, reuniu-se a comissão para arguição conjunta e considerou a dissertação Aprovada (aprovada/ aprovada com restrições/ reprovada). Nada mais havendo a tratar lavrou-se a presente ata.

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vânia Alves Marins Chaigar (Orientadora - FURG)

  
Prof. Dr. Marcio Rodrigo Vale Caetano (FURG)

  
Prof. Dr. Claudio Tarouco de Azevedo (UFPEL)

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marita Martins Redin (UNISSINOS)